

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A' escala de Liliput

Lançado da Terra, rasgando o mistério do espaço até há pouco considerado insondável, caminha um engenho que o génio do homem construiu. Embora transporte as insignias de um país, a sua missão é universal. Consiste em girar á volta do Sol, como primeiro satélite artificial do sistema de que este é centro e símbolo. O vocabulário que no passado exprimiu e tornou coerentes as manifestações da inteligência e do espírito, perdeu a sua função tradicional. Seria ridículo utili-

A missão da Imprensa

Há ainda neste País quem não saiba avaliar bem o verdadeiro papel da Imprensa e o respeito que lhe deve, como decisivo factor na formação da opinião pública. Mas o jornal representa, sem dúvida, uma força que não pode menosprezar-se assim e que se impõe muito para além do círculo dos seus leitores, numa projecção mais larga, que se identifica com o espírito de amplos sectores da população que são, afinal, os elementos constitutivos de um conjunto que se traduz na própria consciência da Nação.

O problema foi agora posto mais uma vez, com a inteligência e o desassombro que lhe são peculiares, pelo nosso prezado colega «O Século», ao fazer, num lapidário artigo de fundo, o balanço da missão que desempenha, há 78 anos, na vida portuguesa. E', de facto, uma revisão oportuna, que nenhum jornalista poderá deixar de agradecer, pois, evada a efeito a propósito do aniversário daquele prestigioso diário, representa a generalização de

(Continua na página central)

Motins em Leopoldville desencadeados pela multidão que ia assistir a um comício

LEOPOLDVILLE, 5. — Vários feridos europeus e africanos, uns sessenta veículos danificados, uma missão saqueada, uns quarenta estabelecimentos comerciais destruídos, casas incendiadas ou pilhadas — seria o resultado dos incidentes graves aqui ocasionados, ontem à tarde, e que se prolongaram pela noite adiante. As informações a este respeito provêm de diferentes origens, na ausência de qualquer nota oficial.

Os incidentes começaram em Kalamu, bairro desta grande cidade africana, onde se devia realizar uma reunião da A. B. A. C. O. (Associação político-racial do Baixo Congo). Os participantes, em maior número do que se calculava, quiseram entrar pela força na sala da reunião, já completamente cheia de gente. A multidão, que engrossava cada vez mais, foi repelida pela Polícia, e começaram os primeiros distúrbios em que dois comissários da Polícia, europeus, foram apedrejados e feridos. Então, a agitação alastrou rapidamente a todas as comunas da cidade, que conta 250.000 habitantes.

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE
24 páginas

oito das quais constituem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.

zando para definir, com precisão, ou traduzir, com propriedade, a grandeza desse acontecimento que assinala o início de uma nova época da História e excede a nossa capacidade corrente de compreensão e entendimento.

Vencida a servidão da gravidade — conquista que bastaria a assinalar indelévelmente a passagem de um século no transcurso do tem-

(Continua na página seguinte)

O foguetão-planeta russo

que prossegue em direcção ao Sol
veio demonstrar as possibilidades da conquista do espaço interestelar

MOSCOVO, 5 — O foguetão cósmico continua a aproximar-se de uma órbita oval em redor do Sol — anuncia a agência «Tass». A uma hora (T. M. G.) encontrava-se a 550 mil quilómetros da Terra e a cerca

de 235 mil da Lua. Nessa altura — acrescentou —, estavam exactas as coordenadas do «Lunik»: ascensão, 14 horas e 8 minutos; declinação, 15 graus e 11 minutos.

O «Pravda», que dedica toda a sua primeira página ao acontecimento, diz que «as tarefas estabelecidas antes do lançamento do foguetão cósmico foram totalmente cumpridas. O foguetão continua a avançar gradualmente e em breve entrará em órbita em redor do Sol».

A medida que o foguetão cósmico se dirigia em direcção ao Sol, os Moscovitas faziam, hoje, «bicha» no Planetário, a fim de conseguirem bilhetes para assistir às palestras sobre esta nova maravilha científica que serão pronunciadas ainda esta semana. — (A. N. I. — R. — F. P.).

O engenho poderá regressar à Terra?

MOSCOVO, 5 — O prof. Boris Kukarkine, presidente, adjunto, do Conselho Astronómico da Academia de Ciências escreve no «Pravda» que o foguetão cósmico russo, que agora se dirige para a sua órbita á volta do Sol, poderá, talvez, um dia regressar e despenhar-se na Terra. Acrescenta que a hipótese «não deve ser posta de lado, pois a rota do foguetão pode cruzar-se perto do local onde o projectil foi inicialmente lançado no espaço».

«Esta vez — diz o cientista —, não se tratou de colocar o foguetão

(Continua na 6.ª página)

O espírito das Misericórdias em Portugal—II

Glória e decadência das primeiras instituições leigas criadas pela cristandade

Vimos que o espírito da Misericórdia não era novo no Cristianismo e que o sentido humano de

solidariedade não foi exclusivo da acção cristã. Mas foi esta, através do movimento das Cruzadas, que deu, de facto, ainda no alvorecer da Pátria portuguesa, um novo e específico significado ao que por certo era já prática romana entre

Visado pela
Comissão de Censura

(Continua na 7.ª página)

Recomeçou em Genebra a conferência das três potências sobre a suspensão das experiências nucleares

GENEVBRA, 5 — A conferência tripartida sobre a suspensão das experiências com armas nucleares, recomeçou esta tarde os seus trabalhos, no ponto em que os deixou, em 19 de Dezembro, depois de 23 sessões plenárias, durante sete semanas. Os representantes dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética, encarregados de redigir um tratado pondo termo às

explosões experimentais, tinham adoptado nessa altura os quatro primeiros artigos do tratado, relativos ao compromisso solene de não se tornar a fazer experiências nucleares; instituição de uma organização de «controlo», encarregada de detectar as violações eventuais do tratado; composição da organização de «controlo», composição da comissão de «controlo» (uma dos principais organismos), encarregada de coordenar todas as actividades da organização, e que incluiria as três potências nucleares e quatro outros países signatários do tratado.

Dois acontecimentos, aparentemente distanciados da conferência, mas, de facto, intimamente ligados com ela, predominarão sobre os trabalhos que recomeçaram, às 15 e 30, sob a presidência de David Ormsby Gorne, ministro de Estado do Foreign Office e chefe da delegação britânica, e estão bem encaminhados:

São esses acontecimentos: primeiro, o lançamento pela União Soviética do foguetão que, dentro de dois a três dias, se tornará, possivelmente, em satélite do Sol — acontecimento importante, na medida em que os dois campos verificam que, se não se puser termo

(Continua na ultima página)

(Continua na ultima página)

A actividade agrícola no continente português durante o ano de 1957 segundo a estatística

A actividade agrícola ocupa lugar de destaque na vida nacional. Segundo o censo de 1950, nada me-

nos de 1.410.135 portugueses se ocupavam na agricultura e pecuária, não se incluindo nesse número as pessoas que trabalham habitualmente sem remuneração, como, por exemplo, muitas domésticas. Nos vários sectores desta actividade, de ano para ano, registam-se impulsos consideráveis, no sentido de aumentar o volume de produção e facilitar os trabalhos que se relacionam com a cultura do solo. Segundo registou o Instituto Nacional de Estatística, durante o ano de 1957, no Continente, esse impulso foi grande, conforme pode verificar-se pelos elementos estatísticos que, a seguir, fornecemos.

PRODUÇÃO — Foram as seguintes as produções das culturas mais importantes (entre parêntesis indicam-se as áreas cultivadas, em hectares): trigo, 7.968.000 quintais (814.000); milho, 5.694.000 hectolitros (483.000); centeio, 2.025.000 quintais (255.000); arroz, 1.619.000 quintais (37.000); aveia 2.702.000 hectolitros (309.000); cevada, 1.690.000 hectolitros (155.000); fava, 717.000 hectolitros (58.000); feijão, 595.000 hectolitros (328.000); grão-de-bico, 255.000 hectolitros (49.000); batata, 11.963.000 quintais (90.000); vinho, 9.576.000 hectolitros; e azeite, 1.102.000 hectolitros.

No sector florestal registaram-se as seguintes produções: resina, 65.535 toneladas, obtidas de 32.640 milhares de incisões; e cortiça, 141.703 toneladas.



Com o frio intenso que se tem feito sentir, parece de aconselhar às senhoras de Lisboa o uso deste capuz de peles, que Nannette Newman, mulher do actor Brian Forbes, exibiu uma noite destas, na estreia de um espectáculo em Londres

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

AS ESTRADAS DE DOMINGO

É o dia do repouso, o dia da família, o sorriso claro da semana e, no entanto, raro será o domingo que não fique salpicado de sangue. Dorme-se a sono solto, sem que o estridente despertador nos venha atormentar. Há, depois, os que ficam na cidade e os que dela fogem, por essas estradas renovadas do domingo que um sol diferente ilumina. Mas a acumulação de gente, a vontade de chegar, a própria imperícia dos que só no «week-end» tiram o carro da garagem das estradas, todas essas circunstâncias e as que se forjam imprevisivelmente na estrada, lançam o pacote volante dos domingos para o acidente ou mesmo para a morte. Assim o dia de ontem foi particularmente fértil em sinistros lances de viação desastrosa. Nada menos de quatro mortos e dezanove feridos. Um ciclomotorista (Vasco da Graça Nunes, 14 anos), colhido mortalmente por um automóvel. Uma criança de 3 anos (Fernando Rafael Torres, de Santarém) morta por uma camioneta. Outro acidente fatal, de que foi vítima um cego, o Julio Ceguinho, da Mata de Barreiros. No choque de um automóvel com uma árvore, perdeu a vida a sr.ª D. Hortélia Eunice de Campos Carreira. A enumeração de todos os atropelamentos, derrapagens e quedas tristemente espectaculares seria bem longa. Uma palavra apenas, à laia de epílogo, palavra sensaborona, mas necessária: prudência!

FEIXE DE IMAGENS

A excelente organização do hospital da Misericórdia da Figueira da Foz pôde ser ontem apreciada pelo sr. ministro da Saúde e Assistência, que demoradamente o visitou, trocando impressões com os seus director clínico e secretário da mesa administrativa.

* Ponte de Sor viu chegar ontem o dia em que uma sua antiga e justa aspiração enfim ia ser satisfeita: a inauguração da luz eléctrica no progressivo lugar das Barreiras. Sessão solene, foguetes, Porto de honra, todo o cerimonial da praxe. E a alegria popular nos rostos descontrados, até a aurora nocturna (passe o paradoxo) da fada electricidade.

* Um vento de progresso parece, em boa hora, soprar no populoso concelho de Murça. São os trabalhos de remodelação do Jardim Público, é a reparação do Hospital da Misericórdia (cem contos de investimentos) e da respectiva capela seiscentista, de grande valor artístico; a protecção à silvicultura e outras benfeitorias de que a população se dá conta com regozijo.

JORNAL PEQUENO

TOMARAM posse os novos dirigentes da Misericórdia de Torres Vedras. * Comemorou as suas bodas de prata sacerdotais o prior da freguesia de Vera Cruz (Aveiro), rev. Manuel António Fernandes. * Em Cimbres (Armamar), o jornalista Baltasar Ferreira agrediu a facada, num baile, Fernando Monteiro, que se recusara a ceder-lhe o seu par. * Quatro casas foram assaltadas na povoação de Gafanha (Vagos). * Ao quilómetro 80 da linha do Douro, na trincheira das Oliveiras Negras, uma rocha, acarretando um desprendimento de terras, caiu sobre a via férrea: a circulação de comboios teve de ser suspensa. * Em Casal Novo (Arganil), o trabalhador José Nunes Junior foi vítima de uma queda mortal.

Manhã na praça

Fartura de peixe

Havia hoje grande farturinha de peixe na praça da Ribeira e, vamos lá, se a lagosta (que o não é) estava a 70\$00 e o lagostim (que o não é também) se vendia a 75\$00, a verdade é que podia comprar-se chicharro a 2\$50 e cachucho a 4\$50, o preço do ruivo e das bogas. Outro peixe, de preço acessível e boa qualidade, era o peixe espada e o carapau (7\$00), o besugo (8\$00). Depois, havia linguado a 24 e 32\$00, salmote a 32 e 27\$00, a pescada a 30 (de enrolar a 11\$00 e marmotinha a 10), o pargo e a garoupa a 17\$00 e 12\$50, (pargo também a 9\$00), as cartas e as lulas a 14 e 16\$00, os chocos a 10\$00, as enguias a 18 e 24\$00, o robalo, também a 18\$00.

E pouco mais em variedade, que as quantidades e qualidades chegavam. Assim agradavam à vista as galinhas mortas e depenadas (de 35 a 45\$00) ou o peru a 22 e 25\$00 o quilo. Aliás, o cabrito era bom (22\$00 o quilo), pouco mais havendo por onde escolher: lebres a 27\$50 ou perdizes a 16? Os ovos, esses estavam marcados a 14\$00.

E nas bancas de hortaliça, aliás, que ocorrem actualmente as grandes surpresas. Estará bem averiguada a razão por que se vendem pequenos molhos de grelos a 1\$50, quando o ano passado se vendiam a 50? Do mesmo tamanho, as nabizas vendiam-se a 1\$00 e 4\$00 cada molho grande; e os nabos, se não se vendiam a 1\$00 cada cabeça grande, então, podiam escolher-se a «dois quinze». As cenouras estavam a 2\$50 ou a 2\$20 (até mesmo a 2\$00) as pequenas couves-flores a 1\$50 ou outras maiores e queimadas a 5\$00, as ervilhas a 12 e 13\$00, as grandes couves portuguesas a 5\$00 (os olhinhos a 1\$00), as alfaces a 1\$50, o tomate a 8 e a 9\$00, os brócolos a 4\$00 molhos médios), as favas a 7\$00 e as batatas a 1\$50, 1\$60 e 1\$70 (as novas).

E a fruta, cara dona de casa? Naturalmente, o costume: maçãs a 14\$00, peras a 17 (desculpamo-lo, que o tempo não é o delas), laranjas de 6 a 16\$00, tangerinas de 4 a 7\$00, bananas de 6 a 13\$00, maçã reineta, pequena mas sã, a 7 e a 9\$00, «bravo» de Esmolfe de 12 a 16\$00 e ananás entre 25 e 30\$00.

Agora fartura, forturinha, só de limões. Cá fora, lá dentro do mercado, pululam as vendedeiras: — Vá lá três dez tostões!

DONA DE CASA

Evadiu-se da cadeia
e é agora procurado
pela Polícia Judiciária

As autoridades judiciais da Fronteira solicitaram, à Polícia Judiciária, a captura de um criminoso, que, no passado dia 12, se evadiu da cadeia daquela localidade onde estava a cumprir pena maior.

O evadido é António dos Reis Azinheira mais conhecido pelo «O Cangalho» ou o «Espanhol», de 37 anos, natural de Alter do Chão, jornalista, casado, filho de António Azinheira e de Virginia dos Reis. O referido indivíduo tem cerca de 1,65 m. de altura, robusto, tem cabelo preto ondulado e fala correctamente espanhol.

O 89.º ANIVERSÁRIO
da Sociedade Boa União

Para comemorar o 89.º aniversário da popular Sociedade Boa União, em Alfama, inicia-se amanhã, às 22 horas, na sede daquela colectividade, uma série de conferências, sendo a primeira feita pela escritora Mariália, que será apresentada pelo dr. Jorge Rebelo.



NEO-PENITROL

Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

A' escala de Liliput

(Continuação da página anterior)

po — desafia agora as vicissitudes da gravitação interplanetária. Na sua marcha ultrapassou a Lua, no momento e à distância que os seus inventores previram. O primeiro verificou-se com absoluto rigor, a segunda mediu-se com exactidão impressionante na imensidade do Cosmo. O espanto que a aventura despertou transformou-se em admiração justificada.

O rasto do engenho, traçando um sulco de glória para a espécie a que pertencemos, é seguido com um interesse apaixonante que a imaginação alimenta. Sábios e peritos perdem-se num dedalo de suposições e deduções, rebuscando no espólio que deixou ao abandonar-nos. Para os outros, que não acompanham nessa pesquisa fremente, é a certeza de que não há sonhos irrealizáveis nem aspirações, por mais audaciosas, que não seja possível satisfazer.

Na ordem terrena, os ensinamentos a esta hora colhidos são

Brigitte Bardot
já não se casa
com Sacha Distel
e vai produzir

curtas - metragens

PARIS, 5.—Segundo informa o «Amor», a espectacular Brigitte Bardot já não se casa com Sacha Distel. O mesmo jornal acrescenta que B. B. está noiva de Jacques Charrier, com quem contracenou na película «Babette s'en va-t-en-guerre», presentemente em rodagem.

Há dias, Brigitte associou-se com o produtor Raoul Levy, para realizarem películas documentaristas, «a fim de ajudar o mundo ocidental a compreender os problemas dos países atrasados ou pouco desenvolvidos». Os filmes, realizados «segundo uma nova fórmula» — afirma o produtor — serão rodados na África, no Japão, na China Continental, na Rússia e na América do Sul.

«Brigitte — acrescentou Raoul Levy — está particularmente interessada no estudo das preocupações dos jovens de todo o Mundo e será esse um dos problemas-chave a tratar nos nossos filmes». — (A. N. I.).

tais que pesarão no futuro, condicionando-o e modelando-o. A gravidade foi vencida, a Lua foi ultrapassada graças à capacidade do homem — onde quer que se encontre — para planejar e realizar. Seria inconcebível que ele se não dominasse depois de dominar as forças que o aprisionavam no planeta que habita. Há neste postulado de acção uma regra eterna que já não é da sua competência fal-sar ou iludir.

Os problemas da propulsão, da natureza do carburante que o impele e da direcção que o guia foram resolvidos em termos cujos pormenores se ignoram mas cujos resultados estão patentes. Não se conhece a qualidade da aparelhagem que transporta, mas, dadas a diversidade e a complexidade dos meios que atravessa e perscruta, ninguém duvida que fornecerá elementos de estudo e informação de valor incalculável. Pelo que a propulsão diz respeito, é imenso o caminho percorrido desde o lançamento, há pouco mais de um ano, do primeiro «sputnik», rasgando perspectivas inesperadas aos ensaios astronáuticos.

Essas perspectivas são empanadas pelo esforço pueril de fabricar armas, pondo ao seu serviço os princípios científicos e as realizações técnicas que levaram aos mais surpreendentes resultados nos domínios da especulação matemática e da solução de dificuldades que foram da descoberta de novos materiais à utilização revolucionária da electrónica. Trata-se de um desvio patológico que ficará como uma dolorosa aberração do nosso tempo.

Depois do holocausto de Hiroshima assistimos à degradação da ideia da guerra e ao descrédito dos seus fautores, verificando a aversão que a sua simples invocação suscita. No limiar da era, marcada pela revelação do novo engenho lançado como primícia do ano — que entrou, queremos crer que o seu efeito mais salutar será o de a benir das relações entre os povos. Na transformação do quadro em que estas evoluíram, perante o fenómeno impressionante a que assistimos, tudo o resto — com o cortejo das rivalidades nacionais obsoletas e dos conflitos ideológicos deprimentes — passa a ser medido à escala de Liliput.

Obrigado
Fumadores

pelo magnífico acolhimento dispensado aos cigarros KENT

que, com o seu filtro exclusivo «Micronite», conquistou rapidamente o mercado português, como já havia conquistado os fumadores de todo o mundo.

Na verdade, KENT é melhor do que qualquer outro cigarro com filtro, porque retém maior percentagem de nicotina e alcatrão, tão prejudiciais à saúde.

Siga o exemplo de milhões de fumadores.

Aprecie hoje mesmo o paladar delicado do tabaco especial do cigarro KENT



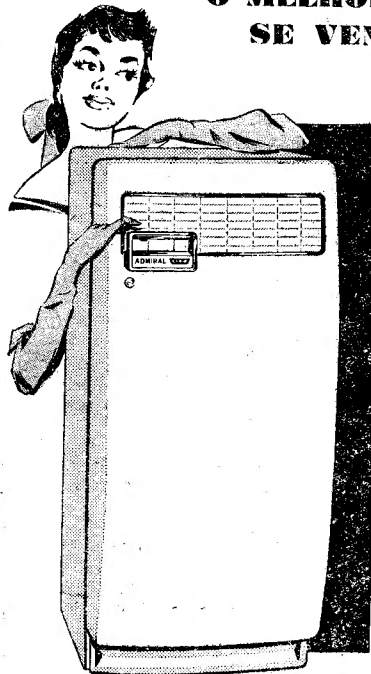
KENT
FILTRA
MELHOR

Representantes: R. S. Contreras, Lda. Rua do Telhal, 4-B Telefones: 295 87 - 334 00 LISBOA

Admiral

MOD. D 750

O MELHOR FRIGORÍFICO QUE SE VENDE EM PORTUGAL



AGORA EM DIMENSÕES FAMILIARES.

PELA PRIMEIRA VEZ EM TAMANHO E PREÇO POPULARES.

AS MESMAS LINHAS, A MESMA BELEZA, A MESMA QUALIDADE E CARACTERÍSTICAS DOS MODELOS DE MAIOR CAPACIDADE

CONGELADOR A TODA A LARGURA

INTERIOR DE UMA BELEZA INCOMPARÁVEL

FECHADURA DE SEGURANÇA

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

REPRESENTANTES: RADIO INDUSTRIAS, L.P.A.
RUA DA MADALENA, 85 S/ LOJA — TEL. 21219 LISBOA

O PORTO pelo telefone

Uma paragem de eléctricos

Há já alguns anos que o problema n.º 1 do Porto consiste na regulamentação do seu trânsito.

Muito se tem dito e escrito sobre o assunto, mas falta dizer e escrever muito mais. Dia a dia, o problema complica-se. Uma grande parte da responsabilidade do que acontece, pertence inteiramente aos Serviços de Transportes Colectivos, que incompreensivelmente parecem comprazer-se em criar, fomentar e alimentar «casos» que concorrem para dificultar a solução desejada.

A recente abertura de um café, numa das mais movimentadas ruas do centro da cidade, veio, mais uma vez, pôr à evidência um erro crassíssimo que há anos se mantém, não obstante as influências que se têm movido para o corrigir.

Trata-se da situação da paragem de eléctricos das linhas 9, 10, 11, 13, e 20, no final da Rua Sampaio Bruno, praticamente em plena Praça da Liberdade, a menos de 100 metros do «terminus» daquelas linhas.

Só vendo se avalia a enorme confusão que constantemente ali se verifica com as entradas e saídas dos passageiros das linhas mais movimentadas da cidade, nomeadamente a 9 e a 10, numa rua que tem 6 metros de largura e passeios com pouco mais de um metro.

A Rua de Sampaio Bruno tem hoje tal movimento, que bem se justificaria só ser ali permitido o trânsito a pé, tal como acontece

em muitas ruas de grandes cidades. Entretanto, é uma rua de grande movimento de veículos de todos os tamanhos e feitios... com uma paragem obrigatória de muitos «eléctricos»! Isto só pode acontecer no Porto!

O caso de Rio Tinto

PORTO, 5 — Terminou hoje, com a leitura da sentença, no 5.º Juízo Correccional, o julgamento de um grupo de indivíduos, acusados de, em 28 de Setembro do ano findo, injuriar uma senhora estrangeira e seus familiares, por esta aparecer em Rio Tinto, com calças de homem. Não satisfeitos com isso, e dada a natural reacção dos familiares da senhora, agrediram-nos e apedrejaram ainda o automóvel em que seguiam. O tribunal, presidido pelo doutor-juiz Adriano Filipe Afonso, tendo na acusação o delegado do Ministério Público dr. Luís de Sousa Soares Pinto da Silva, condenou os réus nas seguintes penas: Diamantino Vieira de Jesus, em 3 meses de prisão, remíveis a 10 escudos por dia, 500 escudos de imposto de justiça e 500 de indemnização á ofendida; Maria José Vieira, em 30 dias de prisão, remíveis a 10 escudos por dia, 5 dias de multa a 10 escudos, 200 de imposto de justiça e 500 de indemnização ao ofendido Joaquim Ferreira; José António, Carolina Vieira de Jesus, David da Silva Barbosa, Alberto Rodrigues e Serafim da Silva, todos em 22 dias de prisão, remíveis a 10 escudos e três dias de multa a 10 escudos; Manuel Profírio da Cruz e António Joaquim de Jesus Gonçalves, ambos em 25 dias de prisão, remíveis a 10 escudos e 3 dias de multa a 10 escudos. Todos estes foram ainda condenados em 200 escudos de imposto de justiça, e solidários no pagamento de 6 mil escudos de indemnização pelos danos causados no automóvel. No final, o juiz, fez advertências aos réus, exprobando-lhe o seu procedimento.

Foram nomeados dois adjuntos do director dos serviços de urgência dos Hospitais Cívicos

Foram nomeados adjuntos do director dos serviços centrais de urgência dos Hospitais Cívicos os srs. dr. Ramos Dias e prof. Fernando Nogueira.

O primeiro foi nomeado interno em Janeiro de 1938 e interno do internato complementar dos serviços gerais de clínica cirúrgica um ano depois. Foi contratado como cirurgião em Janeiro de 1946 e foi nomeado assistente de serviço geral de clínica cirúrgica em Outubro de 1953.

O prof. dr. Fernando Nogueira foi nomeado interno do internato geral em Janeiro de 1938 e, por alvará de Dezembro de 1939, interno do internato complementar do serviço geral de clínica médica. Foi contratado como médico dos Hospitais em Novembro de 1944 e nomeado assistente de serviço geral de clínica médica em Outubro de 1953. Em Julho de 1955, foi nomeado, em comissão de serviço, director do Boletim Clínico do Hospital.

Naufrágio de duas traineiras

Quando esta manhã as traineiras «Passos Manuel I» e «Rajada» navegavam no mar de Aveiro, em direcção a Leixões, abalroaram, devido ao nevoeiro, tendo-se logo afundado a primeira. Os 42 tripulantes desta embarcação foram recolhidos pela traineira «D. Fuas». A «Rajada», que ficou muito avariada, foi trazida para Leixões pela traineira «Praia do Mar», que, em frente de Miramar, deu abrigo aos seus 38 tripulantes, já em perigo também. Após a sua chegada a Leixões, a «Rajada», que metera água em grande quantidade, afundou-se com a sua companheira de sinistro. Nenhum desastre pessoal felizmente se registou.

CARTAZ DO PORTO

para amanhã dia 6

TEATRO EXPERIMENTAL — As 21 e 45 — A peça «Requiem».

SA DA BANDEIRA — As 21 e 30 — «A rainha do ferro-velho».

COLISEU — As 21 e 30 — «Duas faces de uma vida».

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 — «Amor de jornalista».

BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O julgamento do capitão Dreyfus».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Olhos negros».

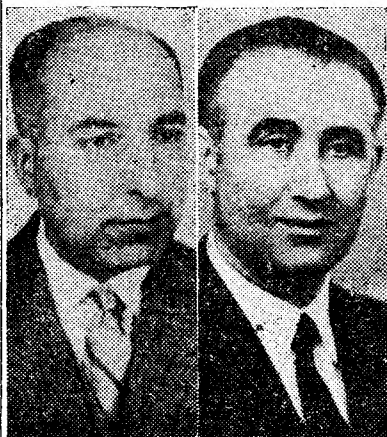
NUN'ALVARES — As 21 e 30 — «Maricruz».

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30 — «O ultimo dos homens».

S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Arlane».

JULIO DINIS — As 21 e 15 — «Adão teve a culpa».

VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «O barro humano».



DR. RAMOS DIAS e PROF. FERNANDO NOGUEIRA

Foram nomeados dois adjuntos do director

dos serviços de urgência dos Hospitais Cívicos

Foram nomeados adjuntos do director dos serviços centrais de urgência dos Hospitais Cívicos os srs. dr. Ramos Dias e prof. Fernando Nogueira.

O primeiro foi nomeado interno em Janeiro de 1938 e interno do internato complementar dos serviços gerais de clínica cirúrgica um ano depois. Foi contratado como cirurgião em Janeiro de 1946 e foi nomeado assistente de serviço geral de clínica cirúrgica em Outubro de 1953.

O prof. dr. Fernando Nogueira foi nomeado interno do internato geral em Janeiro de 1938 e, por alvará de Dezembro de 1939, interno do internato complementar do serviço geral de clínica médica. Foi contratado como médico dos Hospitais em Novembro de 1944 e nomeado assistente de serviço geral de clínica médica em Outubro de 1953. Em Julho de 1955, foi nomeado, em comissão de serviço, director do Boletim Clínico do Hospital.

As providências em curso para lutar contra a subida dos preços

A fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos está a executar um plano de larga e permanente vigilância dos preços dos artigos e gêneros de primeira necessidade, e as suas brigadas têm instruções para actuar com prontidão e rigor em todos os casos de injustificada e intencional especulação. Os serviços dispõem de pormenorizado conhecimento dos preços ultimamente correntes de numerosos produtos, pelo que estão habilitados a conhecer sem demora qualquer alta que se manifeste.

No Norte, especialmente, já muitos comerciantes foram intimados a baixar para o que era corrente, os preços que tinham elevado (pescada, pão de milho, café á chávina, etc.) e cumpriram imediatamente as ordens recebidas. Em restaurantes, casas de pasto e estabelecimentos similares, os agentes fiscais estão a colher cópia dos preços. Verificaram-se nalguns casos, pequenos aumentos, em relação aos que estavam aprovados, mas já se encontram normalizados os preços. Entretanto, foram ultimados processos, entre os quais, um contra uma pensão de Viana do Castelo e outro contra uma de Buarcos, ambas por aumento ilegítimo das diárias, e ainda contra «cafés» e uma pastelaria.

Continua a notar-se em numerosos estabelecimentos a falta de letrados indicativos de preços nos artigos expostos á venda, o que constitui, em regra, um primeiro passo para a especulação. Foram autuados vários comerciantes que apesar de previamente avisados, não cumpriram com esta disposição legal.

A FERRADURA DA SORTE!
VENHA JANTAR AMANHÃ AO

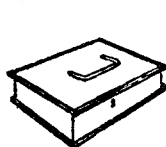
«MESQUITA»

E ELA PODE SER SUA

(Adultos maiores 15 anos)

«Ou sim, ou não»

Diário de Lisboa publicará durante toda a semana o boletim do actual concurso da Radiotevisão Portuguesa



CONCURSO

Ou Sim, ou Não!

Nome

Morada

Telef.

IMPORTANTE:—Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha pontuada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

De colaboração com os jornais do Porto e Lisboa, que publicam o boletim de inscrição, cada um em sua semana, a Radiotevisão Portuguesa continua a oferecer aos telespectadores centenas de prémios, através do seu original concurso «Ou sim, ou não».

Ao «Diário de Lisboa» coube, por sorteio, publicar o referido boletim na semana que hoje começa. Assim, até ao dia 11, os nossos leitores e os telespectadores portugueses podem concorrer a «Ou sim, ou não», bastando para isso que enviem á R. T. P., devidamente preenchido, o boletim que publicamos junto. Os concorrentes deverão, ainda, observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome e a morada dos concorrentes de forma bem legível e de modo a não suscitar qualquer duvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

MORTO PELO FRIO perto do Sabugal

SABUGAL, 5. (Pelo telefone). -- Foi encontrado hoje no sítio denominado Castanheira das Merendas, debaixo de uma moita, com parte do rosto comida pelos animais, o cadáver de José Martins Fonseca, conhecido pelo Zé-Zé, de 63 anos, casado, natural e residente em Meimão, que havia desaparecido na sexta-feira última. A morte do pobre homem foi ocasionada pelo frio, segundo se supõe.

Para os nossos pobres

De J. S. A. C. recebemos, para os nossos pobres, a quantia de 20 escudos. Os nossos agradecimentos.

A não observancia de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim, ou não», R. T. P. — Radiotevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos á Lapa, 26, Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.

Vida religiosa

Comemoração do Dia de Reis

A Irmandade de S. Pedro do Estoril, com a colaboração das senhoras zeladoras da sua capela, distribuiu ali, no Dia de Reis, depois da missa das 9 e 30, celebrada pelo rev. padre João Utroza, da Escola Salesiana do Estoril, um bôdo aos pobres daquela localidade e dos arredores, como nos anos anteriores constituído por roupas e gêneros alimentícios.

Jantar de homenagem

Hoje ás 20 horas, no restaurante dos Montes Claros, efectua-se um jantar de homenagem ao sr. Pedro da Silveira Machado, administrador da Sociedade Comercial Guérin, pelo seu regresso á filial daquela Sociedade em Lourenço Marques.

Adegas Cooperativas

De acordo com o plano de instalação de adegas cooperativas, foi criada, na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, a Adega Cooperativa Regional de Monção.

Neste momento existem, em todo o País, sessenta adegas cooperativas.

PUBLICAÇÕES

«Fermentos»

Saiu mais um numero de «Fermentos» — Revista da Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses — cujo sumário, muito variado, inclui interessantes artigos e reportagens.



HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA

no TERRAÇO DAS ESTRELAS

O «BALLET» CUBANO

de Manolo Peralta

com coreografia de ALFREDO ALFÁRIA

UM FRISO DE ESCULTURAIS BAILARINAS NA INTERPRETAÇÃO DE ALUCINANTES RITMOS TROPICAIS

(ADULTOS — MAIORES 17 ANOS)

O GRANDIOSO SORTEIO DE INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

REALIZA-SE AMANHÃ

HABILITE-SE ...

MUITOS E VALIOSOS PRÉMIOS

- * Automóveis «Peugeot 403», «Simca Aronde», «Ford Prefect» e «Austin A 35».
- * «Scooters», «N. S. U.-Prima»
- * Aparelhos de rádio e de televisão «Schaub-Lorenz».
- * Etc., etc.

Bilhetes á venda junto do pavilhão rolante — Largo de S. Domingos

3 números 5\$00 — 8 números 10\$00 — 20 números 20\$00

Pedidos á Rua Alexandre Ferreira, 48 — Lisboa-5

Telef. 77 92 09

N. B. — Os sorteios de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO nunca são adiados

ABC

Emp. Teatral ABC, Lda.
Telef. 366783

TODAS AS NOITES às 20 e 30 e 22 e 45 horas

UMA REVISTA DA MELHOR CEPA PORTUGUESA

JOSÉ MIGUEL APRESENTA

VINHO NOVO

O ELENCO MAIS POPULAR DE LISBOA!!!
NA REVISTA QUE LISBOA FALA!!!Alvaro Pereira e Aida Baptista,
em «Avó e Netas»Carlos Coelho,
no «compère»Raul Solnado, Leónia Mendes e Al-
varo Pereira nos «Existencialistas
do Fado»

PARA MAIORES DE 17 ANOS

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A revista que se está a ensaiar no Teatro Maria Vitória só será estreada em meados de Fevereiro.

O cantor Luís Mariano foi contratado para actuar em Lisboa, em dois únicos espectáculos, que se realizam em Fevereiro.

Não aceitou o convite que lhe foi feito, para participar na interpretação do filme «O primo Basílio», o actor António Silva.

Por intermédio do actor Miguel Orrico, que se encontra no Rio de Janeiro, foi proposta a uma empresa teatral de Moçambique a ida da companhia brasileira de comédias de Eva Todor.

A actriz brasileira Wilma Palmer, que se encontra em Madrid, voltará ao elenco da companhia brasileira de revistas, caso se concretize a sua digressão a Espanha.

O grupo cénico «Os Comediantes de Luanda» está a ensaiar sob a direcção da actriz Cremilda Torres, a peça de Alejandro Casona «As árvores morrem de pé».

O novo filme português «A costureirinha da Sé», é brevemente estreado no Porto.

O êxito da comédia «A rainha do ferro-velho», em cena no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, impede a marcação da data em que principiará a digressão pela Província da companhia Laura Alves.

Na temporada da Primavera, o Teatro ABC deve apresentar um novo espectáculo.

No D. Maria II

continua «O processo de Jesus»

«É de tal modo homogênea — escreveu um crítico de Teatro ao

comentar a estreia de «O processo de Jesus» — a interpretação, que quase nos parece injusto destacar seja quem for. A companhia concessionária juntaram-se elementos buscados na Rádio, em teatros de amadores, no anonimato (para poder completar-se a distribuição das vinte e seis figuras da peça). E todos se mostraram excelentes. Como, pela encenação, cada fala toma, no próprio momento, todo o valor da representação, não há, evidentemente, pequenos papéis. A falha de um intérprete equivaleria a uma quebra de ritmo, ao malogro de toda a obra. E, ninguém falhou. Eis, sem dúvida, um dos mais expressivos factores do êxito excepcional de «O processo de Jesus», que continua no D. Maria II, quase a completar um mês de representações, com lotações esgotadas.

No sábado, às 16 horas, realiza-se mais uma tarde popular a preços reduzidos.

No Avenida

estreia-se esta semana
«O fim do Caminho»

Rogério Paulo

Depois de dois êxitos consecutivos, a «Companhia do Teatro de Sempre» — muito justamente subsidiada pelo Fundo de Teatro e actuando sob a proficiente direcção artística de Gino Saviotti, vai dar-nos, no elegante Teatro Avenida, um novo espectáculo de teatro proclamado. Trata-se da estreia em Lisboa da comédia romântica americana «O fim do caminho», marcada para esta semana.

Emotivo, fortemente sentimental, o original de Allan Langdon Martin, que vamos ver na versão de Redondo Junior, vai ter como principais intérpretes Carmen Dolores, Rogério Paulo, Adelina Campos, Henrique Santos, Mário Pereira, Constança Navarro, Fernanda Alves, Alexandre Vieira, Carmen de Almeida, Auzenda Miranda, Armando Caldas e Alberto de Oliveira.

A direcção de cena é de Henrique Santos; os cenários executados por Manuel e Luís Cunha e Silva, sob maquetas de Fernando Ramalho; sendo os figurinos de Graz, a que obedece o guarda-roupa executado pelos Ateliers Paiva.

A comédia «O fim do caminho»,

vai constituir, por certo, um novo triunfo para a «Companhia do Teatro de Sempre».

«Um homem só»

estreia-se sexta-feira
no Trindade

O Teatro Nacional Popular apresenta, na sexta-feira, o segundo espectáculo da sua temporada, que tão auspiciosamente decorre no Trindade. «Um homem só», de Costa Ferreira, foi o original escolhido por Francisco Ribeiro, que encenou a peça e será o seu protagonista. A seu lado estarão Rui de Carvalho, Armando Cortês, Josefina Silva, Carlos Wallenstein, Maria Lalande, Maria José, Lili Neves, Joaquim Rosa e Fernando Murilha.

As estreias de hoje

No Olimpia

Título — «Destino ao Pacífico».
Produção — Americana.
Intérpretes — Denholm Elliott.
Argumento — Uma intensa aventura nos mares do Pacífico.
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 12 anos.

«Sayonara»

exibe-se amanhã no Tivoli

Raramente o cinema apresenta um filme de amor como «Sayonara», um grande espectáculo, vivido no cenário deslumbrante do Oriente, arrancado às páginas da vida, com uma interpretação vigorosa de Marlon Brando, secundado pela ternura Miiko Taka e a arrebatadora Patricia Owens.

É este filme que o Tivoli oferece amanhã, às 18 e 30, aos espectadores das suas terças-feiras clássicas.

Coliseu

ULTIMA SEMANA

A pista das estrelas. Banda escocesa de raparigas. Hoje, deslumbrante companhia internacional de circo. Elefantes, Palhaços, Os diabos do deserto. Acrobatas fantásticos, Cavalos, «Poneys»

Delírio no Coliseu! A maior companhia internacional de circo, esta noite, com todas as atracções. Espectáculo sensacional de alegria e

(Continua na 13.ª página)



BARROSO

BIBI
FERREIRAANTÓNIO
SILVAPERLA
CRISTALNO TEATRO
MARIA VITORIAEmp. «E. Salvador e R. Martins,
Lda.»

SALVADOR

APRESENTA

EM 4.º MÊS

DE TRIUNFAIS REPRESENTAÇÕES

A REVISTA POPULAR

POR
CAUSA
DELAS...

As 20.30 e 22.45 (Adultos—M/17 anos)

BARROSO
LOPESHUMBERTO
MADEIRAMIMI
GASPAR

PERLA

Teatro Nacional
de Dona Maria II

Todas as noites às 21 e 45

No sábado, às 16 horas em
tarde popular a preços
reduzidos

(12 ANOS)

O PROCESSO DE JESU

TODA A COMPANHIA

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

ADEGA MACHADO

Telefone 30095
(Adultos maiores
de 15 anos)

AMANHÃ DIA DE REIS

Como de costume dois monumentais bolos de Rei que contêm entre muitas surpresas, os famosos MACHADINHOS em ouro.

Festeje o tradicional DIA DE REIS jantando ou ceando no MACHADO, com alegria e num ambiente seleccionado com boa música, bom fado e boa comida. Marque já a sua mesa.

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

3.ª
SEMANA
DUM GRANDE ÊXITO!
O famoso romance de
FRANÇOISE SAGAN
no TIVOLI

UM TRIUNFO QUE O PÚBLICO DE LISBOA CONFIRMA TODOS OS DIAS COM O SEU ENTUSIASMO!
As vezes basta um sorriso, um certo sorriso, para mudar o destino!
UM CERTO SORRISO

O GRANDE
ACONTECIMENTO
DA
TEMPORADA

PROD.: HENRY EPHRON — REALIZ.: JEAN NEGULESCO — ARG.: FRANCES GOODRICH e ALBERT

HACKETT

(A CERTAIN SMILE)

UM FILME

CINEMASCOPE

— ADULTOS —

(MAIORES DE 17 ANOS)

Com um elenco monumental

ROSSANO BRAZZ!

JOAN FONTAINE

a grande revelação

CHRISTINE CARERE

BRADFORD DILLMAN

JOHNNY MARTHS

VARIEDADES EM 2 SESSÕES às 20.30 e 22.45 h.

EMPRESA TEATRAL AVENIDA, LDA.—Telef. 26037
EM PLENISSIMO EXITO

Com Jeito, Vai! A triunfante revista popular que tem **BEATRIZ COSTA** A grande vedeta da popularidade!!!



Almeidinha no final do 2.º acto

Mara Abrantes numa canção

Espectáculo p.º m. 17 anos (Adultos)

no AVENIDA TELEF. 27273

EMPRESA LAURA ALVES EM COLABORAÇÃO COM GIUSEPPE BASTOS APRESENTA ÀS 21.45 HORAS

A MODELAR COMPANHIA DO «TEATRO DE SEMPRE» subsidiada pelo Fundo de Teatro e sob a direcção artística de Gino Savioiti na irresistível comédia de máscaras

HOJE ÚLTIMA NOITE ÚLTIMA!

O MENTIROSO DE CARLO GOLDONI ESPECTACULO PARA MAIORES DE 12 ANOS

AINDA ESTA SEMANA EM ESTREIA A ROMANTICA COMÉDIA AMERICANA **O FIM DO CAMINHO** com CARMEN DOLORES, ROGERIO PAULO, ADELINA CAMPOS, HENRIQUE SANTOS e MARIO PEREIRA nos principais papeis

A MORTE será realmente «O fim do caminho»?... ESPEC. PARA 17 ANOS

TEATRO MONUMENTAL T. 55133

Espectáculo VASCO MORGADO

HOJE às 21.45 h.

Um novo elenco MILÚ na protagonista

IRENE ISIDRO, BRUNILDE JUDICE, MARIA PAULA, ALVARO BENAMOR, VIRGILIO MACIEIRA

cici UM EXITO! TE COLETTE

ADULTOS 17 ANOS Uma peça brilhante. espirituosa e sincera...

3.ª SEMANA LUGARES DESDE 5\$00

AMANHÃ, no SÃO LUIZ e ALVALADE

ESTREIA DE UM DOS MELHORES FILMES DO ANO SEGUNDO O INQUÉRITO DO «FILM DAILT»



TRINDADE Telef. 20000 — (17 anos) HOJE, ÀS 21.45 HORAS

ULTIMO ESPECTACULO COM O MAIOR EXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

6.ª-FEIRA: ESTREIA — (MAIORES 17 ANOS) «UM HOMEM SÓ»

O TRIUNFAL «Ballet» - ESPECTACULO

NOCHES DE ESPANA y MAYTECHU com SUS «CLAVELES ESPAÑOLE»

5.ª-FEIRA: Início do Carnaval nesta «Boite»

BALE DE MASCARAS

O PRIMEIRO DE MUITOS QUE NUNCA MAIS ESQUECEM

Musica de baile por **SERGIO E SUA ORQUESTRA**

FÚRIA de AMAR — com —

NATALIE WOOD e GENE KELLY EM WARNERCOLOR

O problema das raparigas de hoje perante a moral e as paixões desenfreadas

Produção Realização de **IRVING RAPPER** (Adultos-Maiores 17 anos)

Ao apresentarem este filme, o SÃO LUIZ e o ALVALADE associam-se à homenagem que os exibidores de todo o Mundo prestam ao presidente da WARNER BROS.

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos) Últimas exhibições Diferente de tudo quanto viram até hoje! Colossal programa de Walt Disney

PERRI Em complemento, «O homem do espaço» Amanhã, às 21.30, Estreia «Fúria de amar» — (M/17 anos).

EDEN 15.30 - 18.30 e 21.30 2.ª SEMANA do filme em Megascopo

COWBOY Emp. Lopo Lauer COMO NASCE UM BRAVO com Glenn Ford e Jack Lemmon Um espectáculo gigante! (M/12 anos).

CONDÉS 15.15 - 18.15 (p. r.) (M/6 anos) e 21.30 (M/12 anos) 4.ª SEMANA O encantador filme em Eastmancolor

A FAMILIA TRAPP NA AMERICA com Ruth Leuwerik e Hans Holt

ODEON 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos) 2.ª SEMANA Uma alegre e deliciosa comédia com Walter Chiari e Isabelle Coray

BONS DIAS AMOR Cinemascope — Eastmancolor

ROYAL A's 21 (M/17 anos) Cinemascope VINDIMA TRÁGICA No prog.: Rica, jovem e bonita

CASINO ESTORIL 21.30 (M/17 anos) ESTRADAS DO INFERNO com John Wayne

IVOLI A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos) EM 3.ª SEMANA O famoso romance de Françoise Sagan

UM CERTO SORRISO Em Cinemascope e Cor de Luxe, com Rossano Brazzi, Joan Fontaine e Christine Carere

POLITEAMA 15.15 - 18.15 e 21.30 Grande êxito do vibrante filme de coragem, aventura e amor, com o famoso ALAN LADD

MISSÃO NO ALTO MAR com Dianna Foster e William Bendix (Maiores 12 anos)

ALVALADE 15.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) Últimas exhibições Do mesmo autor e realizador de Bambi

Emoção — Suspense — Gargalhadas

PERRI O extraordinário complemento «O homem do espaço». Amanhã às 21.45, Estreia «Fúria de amar» — (M/17 anos).

MONUMENTAL 15.15 e 21.30 (M/12 anos) Um homem de pulso de ferro e... uma rapariga irresistível!

O IRRESISTIVEL FORASTEIRO com Glenn Ford e Shirley Morlaine Cinemascope e Metrocolor

IMPERIO 15 e 21.30 (M/12 anos) 2.ª SEMANA A gigantesca e galvanizante realização de Stanley Kramer em Vistavision e Technicolor

ORGULHO E PAIXÃO com Cary Grant, Sophia Loren e Frank Sinatra

A's 18.30, Sess. beneficência «A Família Trapp» — (M/6 anos).

SÃO JORGE 15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) Seis meses de vida não chegavam para reabilitar um nome e edificar um futuro!

Dirk Bogarde, Stanley Baker, Michael Graing e Barbara Murray

MEU REINO, MINHA VIDA EASTMAN COLOUR

ROMA 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) Um filme movimentado e emocionante Cinemascope Techn.

ESTA MULHER É MINHA com Rory Calhoun e Yvonne de Carlo Um tema onde a mulher livre tinha que aceitar o primeiro homem que a reclamasse.

AVIS 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) Um grande filme em Cinemascope

O SEGREDO DO CULPADO com Tony Curtis, Marisa Pavan e Gilbert Roland Um filme que empolga pelo dramatismo da acção.

RISTELO 21.15 (M/12 anos) Panorâmico A RAPARIGA DAS VIOLETAS c/ Sara Montiel

GERRASD A's 21 (M/12 anos) A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS — c/ Cantinflas

SOLAR DA HERMINIA — Telef. 20164 —

HOJE E SEMPRE A LMOÇOS, JANTARES E CEIAS HERMINIA

canta para o seu publico com **Tristão da Silva**

o cantor da actualidade—CIDALISA DO CARMO e FERNANDO MAURICIO

Em guitarra: Vitor Ramos e José Ramos. Em viola: Alfredo Mendes e José Mendes — Optimo serviço de restaurante a preços acessíveis (Adultos — Maiores de 17 anos)

Amanhã — DIA DE REIS

Façam desde já as suas marcações

Uma pega 6\$50

CAFÉ DE BALÃO

BAR-RIBATEJO Praça do Areeiro, 11-D



Miguel da Roménia, com sua mãe, a antiga rainha Helena, e o príncipe Constantino da Grécia, surgem numa cerimónia religiosa em Atenas. Há muito que Miguel da Roménia tinha desaparecido das primeiras páginas dos jornais

Os acontecimentos em Leopoldville

(Continuação da 1.ª página)

ram atacados. Alguns daqueles negociantes tentaram refugiar-se no Consulado de Portugal, transformando em centro de acolhimento provisório. Outros, entrancheados nas suas casas, disparavam sobre os manifestantes.

A Polícia conseguiu limpar alguns dos locais sitiados, nomeadamente missões religiosas. Nestas operações, os agentes tiveram cinco feridos. Pouco depois, a Missão de São Pedro era assaltada e saqueada. Nas ruas, havia troços de carris de via férrea, arrancados, automóveis, abandonados pelos proprietários, ardiem. Um grande mercado africano era pilhado e incendiado. Um veículo da Imprensa, que tentou desatender as ordens de prudência da Polícia, foi apedrejado e ficou ligeiramente ferido um redactor da Agência «Belga».

Pelas 22 horas, forças da Polícia patrulhavam as ruas, enquanto outras, armadas de pistolas-metralhadoras, atacavam os grupos que saqueavam entrepostos europeus e

indígenas. Um desses grupos, que pretendia aproximar-se dos bairros europeus, foi contido pelas rajadas de pistolas-metralhadoras. Alguns ficaram feridos e consta que houve um morto. A ordem só foi restabelecida pelas 3 horas da madrugada, com o concurso de importantes forças militares, chamadas urgentemente.

Esta manhã, a tranquilidade parece restabelecida, apesar da efervescência geral dos animos. Certos europeus residentes no limite dos bairros dos brancos, apreensivos com o desenrolar dos acontecimentos, passaram a noite em casa de pessoas amigas que vivem no centro.

Até agora, só foi distribuída, esta manhã, uma nota oficiosa referindo-se a «incidentes explorados pelos elementos suspeitos da população» e anunciando que a ordem foi restabelecida pelas 3 horas de hoje. Continua a ser impossível obter-se uma relação mais circunstanciada dos acontecimentos, ignorando-se o numero exacto dos mortos e dos feridos. Houve muitas prisões. — (F. P.).

ADEGA MESQUITA

Amanhã ao almoço

«PAELLA À VALENCIANA»

e o já tradicional «BOLO REI» que será oferecido pela «TIA ADELINA» a todos os seus amigos e clientes que lhe dêem o prazer e a honra de assistir a este almoço.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas,
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sífilis — As 3.ª, 5.ª e sábados, das 14 às 16 e 30 h
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

A reforma das Faculdades de Letras — 2

Ciência em extensão e ciência em profundidade

Uma das finalidades das Faculdades de Letras — a formação de professores dos ensinos secundários — não tem sido perfeitamente cumprida, no entender, como vimos, de quem promoveu a respectiva reforma. E reconhecia-se, ainda, que a essa situação deplorável não pode ser alheia a estrutura do ensino universitário.

Qualquer professor do ensino liceal e técnico dolorosamente o sente, sobretudo no início da carreira. Lembrado dela, e vendo inalterada a situação, lamentava eu há uns dois anos a *deficiente preparação específica com que os professores vêm sendo lançados na função docente*.

E prosseguia, em antecipado e parcial acordo com o parecer inscrito no texto da ultima reforma das F. L.: *Tal situação explica-se fundamentalmente pelo respectivo plano dos estudos: ao conjunto das disciplinas pelas quais se pretende promover a assimilação e o enriquecimento de certo património científico e cultural, justapõem-se algumas outras de frequência facultativa (salvo para os candidatos ao magistério oficial, em regime de efectividade), abrangendo o estudo de matéria pedagógica e didáctica inteiramente desarticulada de qualquer prática e concomitante de ensino*.

Universidade profissão

Todos os técnicos com diploma universitário devem experimentar um certo desamparo durante a iniciação profissional. Mas, entre nós, ele é mitigado pela obrigação de estágio prévio no caso do engenheiro, do médico, do advogado, do agrônomo.

Acresce — apesar de tudo quanto

REALMENTE

Harris tem razão

LONDRES, 5 — O ciclista Reg Harris, antigo campeão mundial de velocidade, confessa ter aceitado cerca de 50 libras esterlinas — aproximadamente 4 contos — para participar numa prova de pista, quando ainda era amador, segundo revela em artigo publicado numa revista de ciclismo.

Numa entrevista que, depois, concedeu à Imprensa, Reg Harris afirmou: «Se não tivesse recebido dinheiro, quando ainda era amador, não teria ganho um título mundial, em 1947, o que me abriu as portas para o profissionalismo, onde conquistei três campeonatos mundiais».

Depois explicou que, em 1945, quando terminou a guerra, não lhe era possível continuar a correr recebendo apenas 500 escudos por semana. Na Inglaterra nunca conseguiu receber mais de 2.400 escudos para participar em competições.

«Contudo, no estrangeiro era diferente. Ali, os organizadores perguntavam quanto é que nós queríamos ganhar. Passei, então, a receber cerca de 50 libras, para as viagens e alimentação. Não vejo nisto algo de mal e não me podem considerar pior do que os amadores de hoje» — acrescentou Harris, que se retirou em 1947 e é um dos membros da Comissão de Provas da União Inglesa de Ciclismo. — (A. N. I.).

MORTE TRÁGICA

de um desportista angolano

LOBITO, 5 — Na estrada Lobito-Benguela, houve um acidente de viação em que perdeu a vida o conhecido desportista benguelense sr. Francisco Gomes de Almeida, cujo automóvel embateu violentamente com uma locomotiva, na passagem de nível da Casseque. O carro ficou destruído e seu condutor faleceu depois de ter dado entrada no Hospital Regional. — (L.)

UMA GUITARRA EM OIRO PODE SER SUA SE JANTAR AMANHÃ NO

«MESQUITA»

(Adultos maiores 15 anos)

distancia e sempre há-de distanciar a escola da vida mesma — que as Faculdades Escolas e Institutos Superiores que preparam aqueles técnicos, estão, talvez, comparativamente, mais bem estruturadas no sentido das suas qualificadas profissões.

Mas, com as Faculdades de Letras (e análogamente, com as de Ciências) sucede que outras finalidades se entrecruzam com a de prepararem técnicos do ensino; se não me engano, domina o intento de formar um escol no domínio das letras e da cultura humanística (e científica) e de promover o aprendizado da investigação científica no âmbito das disciplinas que aí se professam.

Ciência em extensão Ciência em profundidade

Ora, a despeito daquela dominância, o diplomado que pretende ser mestre de ensino secundário, não está apenas imprevisto no domínio pedagógico, sente-se ainda afilivamente imprevisto no domínio científico: *tem de ser autodidacta em vastas zonas da sua especialidade*, como reconhece o texto da reforma de que nos vimos ocupando.

E porquê? Julgo ser esta a razão principal: os mestres universitários, nas F. de Letras (como nas de Ciências) não organizam o programa das disciplinas que regem com vista às futuras necessidades daqueles que hão-de exercer o magistério secundário. A estes conviria (verificam-no na função docente) que a matéria científica e literária fosse tratada mais em extensão que em profundidade. Afigura-se aqueles, pelo contrário, que o tratamento daquela matéria em profundidade é o mais consentâneo como o nível do magistério universitário, sobretudo quando se propõe, com no caso presente, preparar um escol de letrados, humanistas e investigadores.

Do ponto de vista deste objectivo, não pode negar-se-lhes razão. Não pode, por exemplo, recusar-se razão a um professor de História de Portugal que circunscreva o seu curso anual ao tratamento em profundidade de um tema bem limitado como a pré-história ou a economia medieval, mormente se ele próprio é investigador especializado na matéria.

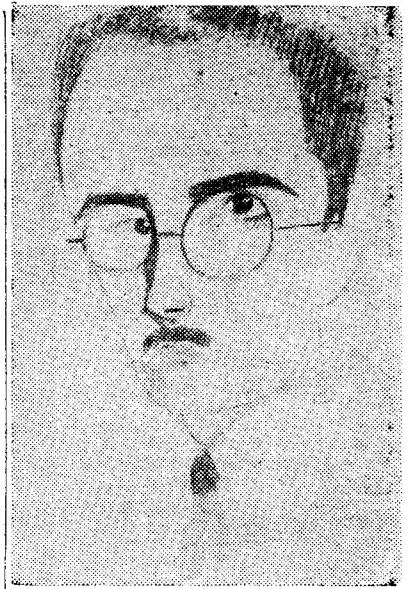
Compreende-se, deste modo, como o diplomado que deva ministrar um curso liceal de História pátria das origens pré-históricas ao Estado Novo, tenha de ser «autodidacta em vastas zonas da sua especialidade».

O texto da ultima reforma reconhece que o regime de estudos até então vigente facilitava a *redução rotineira dos programas*, sacrificava a *extensão à profundidade do saber*, devido, principalmente, à exiguidade do plano de estudos, ao regime dos exames e das provas de Licenciatura. Em consequência, dilatou-se, de maneira geral, o elenco das disciplinas, distribuindo-as por 5 em vez de por 4 anos, estabeleceu-se a obrigatoriedade dos exames finais, orais e escritos, remodelou-se a prova de licenciatura. O tempo dirá se estas e outras inovações introduzidas asseguraram melhor a *imediata docência no ensino secundário*.

Por mim, julgo que a situação não ficará substancialmente alterada. Primeiro, porque no traçado dos planos das licenciaturas dominou o propósito de formar *autênticos especialistas, sem prejuízo de uma visão cultural ampla e integradora*; depois, por não ser de esperar da inércia das instituições e dos homens que passe a estimar-se o que tem sido subestimado até agora: a habilitação científica mais conveniente aos futuros professores dos ensinos secundários. Creio saber como deveria ela promover-se, mas a explicitação e a fundamentação da crença colocaria o problema em plano técnico aqui deslocado.

O que sustento é não ser fácil, no quadro vigente de estudos, conciliar a formação de um escol de doutos e de investigadores, depositários e promotores da mais alta cultura científica e humanística com a de preparar técnicos de ensino médio. Veremos a seguir porquê.

RUI GRACIO



GUILHERME DE FARIA

Guilherme de Faria

morreu há trinta anos

Um punhado de flores, um numero, ficaram, há trinta anos, a assinalar a campa daquele moço poeta. Era Guilherme de Faria, 21 anos, ainda mal desabrochados para a vida e para a poesia, esse que ia a enterrar. Atrás de si, porém, ficava um sulco de beleza, de saudade e de esperanças não realizadas. «Saudade minha», na verdade, ficava como imagem da alma do poeta. E de tal modo esse livro sentido — a seu lado, «Manhã de nevoeiro» e «Sombra» — era sincero e belo — crises de pessimismo e de renúncia reavivadas pela morte — que depois desta, a sua obra criou novas ressonâncias. A sua consagração foi rápida, justa e definitiva. Recordamo-lo, ao evocar o seu passamento ocorrido, fez ontem trinta anos, precisamente, sem esquecer as páginas de poesia que neste jornal deixou impressa a gentileza da sua alma.

Inaugurou-se

a nova sede

da Companhia de Seguros

Mutualidade

A Companhia de Seguros Mutualidade, que é uma das mais antigas existentes em Portugal, foi recentemente adquirida pelo banqueiro do Porto, sr. Pinto de Magalhães, juntamente com um grupo de accionistas, com um aumento de capital de 800 para 1.200 contos, resultante de uma emissão de acções. 10.000 contos foram destinados ao saneamento e lançamento da Companhia, em bases que lhe permitem acompanhar a evolução do mercado.

Nesse sentido, foi hoje inaugurada, na Rua 1.ª de Dezembro, a sua nova sede, onde passam a funcionar todos os serviços administrativos, em instalações próprias e modelares. As instalações são amplas, arejadas e confortáveis.

Na antiga sede, no Largo do Carmo, ficam ainda a funcionar os serviços clínicos da Companhia, com salas destinadas a várias especialidades clínicas e de aparelhagem de agentes físicos e de readaptação de sinistrados.

A Companhia de Seguros Mutualidade abrange todos os ramos de seguro, desde o de incêndio aos marítimos.

Ao acto inaugural assistiram os membros da Corporação de Crédito e Seguros, do Grémio dos Seguradores, do Sindicato de Seguros e Inspeção de Seguros e representantes das entidades oficiais.

O presidente do conselho de administração da Companhia, sr. Pinto de Magalhães, agradeceu a presença dos convidados e fez a sua história. O sr. dr. Manuel Soares Póvoas, administrador, fez uma rápida resenha técnica dos assuntos referentes ao desenvolvimento da mesma.

Desta companhia fazem parte, como presidente do conselho de administração, o sr. Pinto de Magalhães; e vice-presidente o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, director do nosso prezado colega «Diário Popular»; administrador, o sr. dr. Manuel Soares Póvoas; e do conselho fiscal, sr. Mário de Carvalho.

O espírito das Misericórdias em Portugal

(Continuação da 1.ª página)

nós e que os Árabes terão de certo modo respeitado, adaptando.

Portugal do século XII era bem pequena cristandade, com seus 500 mil Portugueses, ainda sem o etno do padrão rático que havia de caracterizar o génio lusitano. Mas Portugal incipiente, ainda sem Algarve nem a maior parte do Alentejo, rapidamente importava e adaptava moldes de assistência. Os Portugueses não eram ainda os homens ensimesmados e confinados aos campos e litorais dos séculos XVIII e XIX. Viajavam; viajavam penosamente, para comerciar, peregrinar até à Terra Santa, contratar esponsais ou desempenhar delicadas missões diplomáticas.

Sabiam, pois, os Portugueses, de associações que lá fora combatiam a fome, a peste e a miséria geradas pelas guerras, pelas grandes migrações, pelas tempestades e secas, com todos os agravamentos agrícolas. Esses graves surtos de catastróficas consequências morais e económicas — não foi Herкулano que, falando do reinado do Rei Povoador, disse que homens e bichos eram igualmente acometidos pela «morte esfomeada»? — não tinham então armas que a pudessem combater, a não ser as preces — e a fé é que nos salva, diz o povo — ou a solidariedade entre os homens. Esse pobre homem não sonhava com os recursos que haviam de chegar. A máquina, o laboratório, a estrada, o transporte, o som e a imagem não tinham ainda inscrito na história da Humanidade a sua primeira palavra.

A génese da cooperação e corporação

Mas havia já ao gosto das estrangeiras, as confrarias e irmandades, verdadeiras associações de socorros mútuos, exercidas por «homens bons», como a de Beja. Funcionavam, ou não — à sombra da Igreja e, se constituíam um centro de propagação de fé, eram sobretudo criadas para actos humanitários. Foram, no dizer de um historiador, em toda a Idade Média, «a mais intensa, benéfica e humana» forma de solidariedade. A Casa dos 24, em Lisboa, como a dos Doze, em Guimarães, testemunham-no. Mas, a propósito, valerá a pena recordar que as corporações de mestres — tipo romano e escandinavo — tiveram função providente, mutualista e beneficente, defendendo os direitos da sua classe. Pelo contrário, as confrarias eram apenas associações de beneficência, algumas delas formadas dentro das próprias corporações e agrupando, em regra, membros de profissões diversas. Umas e outras, entre nós, podiam definir-se como associações piedosas que se propunham dar corpo a uma ou algumas obras de misericórdia. Atendiam às necessidades do corpo e da alma e muitos, bem justamente, as consideram raiz da frondosa árvore donde nasceriam as Santas Casas de Misericórdia. Rainhas, reis e princesas, além do dom de mandar, eram por natureza dotados para ser piedosos. E, embora a caridade fosse individual, não há dúvida de que o Estado, como os Municípios, tinha o encargo de combater a miséria, através de leis ou medidas administrativas que eram, ao mesmo tempo, um estímulo à produção e uma condenação da miséria.

Efectivamente, como estímulo à produção de cereais, lembra-se a «lei das sesmarias», promulgada pelo Rei Lavrador. Combatia, além disso, o desemprego, protegia o trabalho e combatia a preguiça, pois, condenava patrões e trabalhadores que abandonassem ou deixassem abandonar o trabalho para mendigar. Mendicantes só podiam ser os velhos e os doentes que outra coisa não pudessem fazer. Mas, ainda contra os mendigos, muitos outros reis actuaram, pois D. João I autorizou que os proprietários e senhores tomassem conta dos videntes, para os obrigarem a trabalhar, condenando-os a degredo, se eram reincidentes. Não eram muitos marcados na testa com um ferro em brasa? Não houve quem mandasse cortar as orelhas aos falsos mendigos?

Confrarias de caridade

Recorde-se, porém, que entre as primeiras ordens religiosas de Portugal, com funções assistenciais, estava a de Nossa Senhora de Rocamador. Era de origem francesa e D. Sancho I doou-lhe a Vila de

Sosa (Aveiro). Depois, no tempo de D. Dinis, eram tantas que parece terem-se disputado primazias. Constituíam-nas mercadores e homens bons, vivendo em honra de cavaleiros e segundo costumes da terra. Propunham-se — era o caso de Beja — entre outros bens, satisfazer casa onde acolher os pobres; comprar cavalos aos confrades, no caso de os mesmos lhes morrerem na guerra ou noutras convergentes circunstâncias; cuidar dos sócios na doença, na velhice e na pobreza — se nela caíssem — dar sepultura aos mortos e oferecer-lhes missas; conciliar os contendores, multando os que não acatassem o seu «verdictum»...

Perguntam os historiadores se tais regras não estariam apresentadas com as da Ordem de S. Francisco. Mas, se o estavam, era só em alguns aspectos, pois se reconhece que onde a influência era grande era nas confrarias de caridade. Muitas destas eram formadas entre os próprios membros do clero regular e algumas ficaram célebres e haviam de ter grande papel histórico, como a da Colegiada de S. Pedro de Coimbra, vinda do tempo de D. Teresa (1121). Mas a mais notável actividade caberia às confrarias dos mestres — que não eram as corporações dos mestres — para cuidar dos seus irmãos em hospitais que foram modelares na sua época: os do Porto, de Guimarães, de Lisboa e de Leiria atestaram-no. Mas, não há dúvida, se as confrarias e corporações de caridade, semelhantes às de outros países da Europa, não eram originais na forma, eram-no, porém, na essência. As de Rocamador — a partir de 1189 — a da Senhora da Piedade da Sé de Lisboa — 1230, e origem da Misericórdia da capital — a da Santíssima Trindade, como a de Nossa Senhora da Silva, no Porto, ou a de S. Nicolau, em Coimbra, não obstante os seus nomes de invocação religiosa, constituíam apenas verdadeiras confrarias, às quais foram confiados os hospitais. Eram estes, em grande parte, devidos a legados de beneméritos e foi D. João II que, autorizado pelo Papa, os agrupou e teve sob a sua égide. A verdade, também, é que a Ordem de S. Francisco só entrou em Portugal no século XIII e cerca de um século antes já havia, entre nós, hospitais leigos administrados por clérigos.

Decadência das instituições

Mas os tempos foram correndo e as vontades mudaram-se. As instituições caíram em decadência. No século XV o clero secular que as administrava relaxara-se, desencadeando-se terrível luta entre as Ordens e o próprio clero. Essa rivalidade — os que chegaram depois combatiam os que tinham vindo antes, como sucedeu com os franciscanos — havia exagerado o número de conventos, fundados para aumentar a influência das Ordens, mas os seus recursos eram insuficientes e o povo, queixando-se, dizia que tantos religiosos não o eram por amor à religião mas à preguiça. «Em muitos desses conventos — diz o dr. Fernando Correia — os abusos eram grandes, chegando a atingir o deboche». Não escreveu frei José Alvares que no convento de Paço de Sousa «entravam mulheres, não havia um exemplar das regras de S. Bento e muitos frades tinham manceba»?

Muitas confrarias e hospitais, por penúria ou desleixo, não cumpriam a sua função. Do mesmo eram acusadas as albergarias administradas pelo clero, «com desperdício escandaloso das rendas», segundo escreveu frei João Alvares. D. Afonso V, D. Leonor, rainha regente, como antes, D. João II, o cardeal de Alpedrinha — morreu em Roma, com 102 anos — e D. Manuel II considerando tanto des-

Melhoramentos locais

Casas para trabalhadores

AVEIRO, 5 — A Camara Municipal de Aveiro, com o fim de instalar em lares condignos as populações trabalhadoras vai promover a construção de quatro blocos com 32 fogos que devem ser construídos nesta cidade, no local designado por Senhor das Barrocas. Para tal, já ofereceu o necessário terreno, ao preço de 5\$00 por metro quadrado, à Federação das Caixas de Previdência, organismo que se encarregará das respectivas edificações.

leixo e desmoralização que propunham e executaram a remodelação dos regimes administrativos das instituições de assistência. A moda vinha ainda de fora mas ainda aqui é preciso prestar justiça ao espírito hábil e decisivo do Poder real português. Assim chegaram a bom termo as negociações de Afonso V com o papado. A's entidades religiosas foi retirada a administração de instituições de assistência. Suprimiram a sua organização e tiraram-lhes mesmo os bens que foram entregar á Comenda de Sant'ago.

O espírito cristão era ainda o insuflador de praticas de assistência. Mas pela primeira vez se coarctava a intervenção dos «maus clérigos», ficando os reis com o poder de intervir. Intensificava-se a interferência dos leigos (por intermédio de confrarias e irmandades), ficava ao poder real o direito de aceitar ou rejeitar a escolha de membros dirigentes, e para impedir abusos, pela primeira vez, redigiam-se pormenorizados compromissos Instituiu-se a inspecção; criava-se o espírito de responsabilidade, pediam-se contas a quem devesse prestá-las. Deste modo, embora essas instituições continuassem a ser de forte inspiração na doutrina cristã, a reforma técnica e legislativa correspondia a reafirmação do poder civil. Mas nesse tempo, em que as instituições deixaram de estar dependentes do Direito Canónico, ainda não havia Santas Casas de Misericórdia. E, todavia, era bem certo: desde o começo da nacionalidade que os reis católicos intervinham para impedir abusos, cometidos á sombra da Igreja. Veremos, noutro artigo, como sucedeu que de uma confraria havia de nascer a primeira Misericórdia portuguesa.

A SEGUIR: A FUNDAÇÃO DAS PRIMEIRAS MISERICÓRDIAS.

VIDA ARTÍSTICA

Um Salão de Inverno discretamente positivo

É insólito, não deixa de ser inquietante, o Salão de Inverno da Sociedade de Belas-Artes. Doe-nos este diálogo atrasado de cinquenta anos, que os novos, modernos ou actuais não suscitaram mas que são obrigados a travar, por questões de ordem vária, como a conquista de espaço vital e o esclarecimento do publico. Encontram-se desencontradamente na Sociedade de Belas-Artes os opostos da arte portuguesa.

Uns e outros concordarão que este é um certame de nível inferior, assinalável simplesmente pelo início do que deve constituir a conversão da Sociedade Nacional de Belas-Artes ao nosso tempo. Já antes o edifício da Barata Salgueiro fora sacudido por essa bem intencionada 1.ª Exposição de Arte Moderna, que uma direcção corajosa realizou. Falamos da coragem de se fazer um 1.º salão de arte moderna, em 1958, na Europa. É evidente que a Casa dos Artistas não pode ser utilizada como reduito (ultimo) de uns contra outros. Da convivência pacífica e do sereno esclarecimento metódico do publico, ainda assim mais lucido que muitos supõem ou estrategicamente dizem supor, se necessita com urgência.

O Salão de Inverno acusa a penetração de artistas actuais, das segunda e terceira gerações (J. A. França) e é essa a nota dominante e mesmo justificativa.

Pomar atravessa o seu «tempo de Goya», que o não submerge ou lhe aniquila individualidade. As suas gravuras revelam e continuam a sua humanidade tensa, solene, orgulhosa e trágica. Sá Noqueira expõe uma figura inesperadamente desagregada e branda de

sugestão skapinakiana. O mundo fendido, abissal e só aparentemente desumano de António Areal, atenuou-se em sombras. Bartolomeu Cid não está bem representado. Os volumes ordenados e coesos de Jorge Vieira sugerem-nos esboços de esculturas que é necessário possibilitar-lhe. Alice Jorge avança no seu mundo crepuscular, de um suave «psicologismo». João Abel Manta expõe uns insectos admiráveis, de traço grosso, desfeito, «líquido». Os «Centaurus», de Luís Jardim, têm uma força e um dinamismo largamente marcados e são unidades do seu universo dramático e satírico. Mário de Oliveira dá-nos um apontamento de melancolia. Francisco Relógio amplia o seu barroquismo, moderno, humanizando-o. Benjamim Marques move-se dentro de uma atmosfera nítida, pura e mágica. Teresa de Sousa liberta-se da rigidez e surge num jogo rítmico.

Assinalados os que não eram esperados no Salão de Inverno, citamos os nomes dos que o habitam há muito, permanecendo na linha tradicional do certame. São eles: Agostinho da Fonseca, Aurora de Figueiredo, Carlos Resendo, Emílio Guerra, Francisco Maia, Helena Marinha-El, José Augusto, José Isidoro Neto, Lázaro Lozano, Margarida Tamegão, Manuel Reys Santos, Maria Lucília Moita, Maria da Conceição Veloso Salgado, Maria Emília Barbosa Viana, Maria Helena Cordeiro, Maria Helena Pereira Serrano, Maria Taveira, Maria Toscano, Rico, Rodrigues Alves, Silva Neto, Valentim Francisco Malheiro, Ventura Moutinho, Alfredo de Moraes, Augusto Maia Pinto, Beatriz Campos, Belas Tavares-Artur, Charo, Félix, Francisco Madeira Palma, Francisco Maia, Gustavo de Vasconcelos, Henrique Leorne, Jaime Ferreira, João Alves de Sá, João Ferreira, João Marques, João Rosa Rodrigues, Joaquim Rodrigues Bértolo, José Dias Sanches, José Neves Azevedo, José Tanqueiro, Julio César da Silva, Lucy, Luís Salvador Junior, Meluna, Maria Cristina Nunes Correia, Maria Flor, Maria José de Portugal, Maria Vinhal Pereira da Costa, Mário Alberto de Sousa Gomes, Mário Passos Reis, Marques Perdigão, Martin Maqueda, Real Bordalo, Silva Neto, Valentim Francisco Malheiro, Eduarda Lapa, Hortense Albuquerque Soares, Maria Helena Patrício Leite, Narciso de Moraes, Pilar Blanch, Augusto Bértolo, José Manuel Soares, Maria Ester Landeiro e Maria Fernanda Viana.

Habituais e inesperados sugerem o confronto e a comparação de temáticas, técnicas e atmosferas, o que nos parece inútil traçar. Sobre a colocação dos trabalhos, situação das obras dos artistas actuais, sua divisão em duas parcelas, e os vasos com triste verdura línfica, deixamos aqui um protesto que queremos sonoro. Um caso chocante é o de um trabalho de Alice Jorge com o fundo semelhante á parede, que o absorve e de certo modo destrói. Péssima ainda, a colocação das obras de João Abel Manta, separadas, e duas delas na sombra.

De tudo isto podemos concluir que se deu um avanço e que se rasgou um muro. — A. P. F.

Exposição de trabalhos de Paulino Ramos em Evora

Na delegação da F. N. A. T., em Evora, encontra-se patente ao publico uma exposição do jovem artista Paulino Ramos, que apresenta trabalhos de pintura e cerâmica, e ainda desenhos textéis, num total de 28 obras.

Festa de Ano Novo

no Centro da Bempostinha

A exemplo dos anos anteriores, realizou-se no Centro Social da Bempostinha a tradicional festa de Ano Novo, em que foram representadas duas pequenas peças de teatro, interpretadas por actores de palmo e meio, e uma alegre pantomima, por actores-amadores um pouco mais velhos.

A festa terminou com a parolha de palhaços «Ton & Jerry», que fizeram rir os espectadores que enchiam por completo a sala de representações daquele centro.

CASINO

Espectáculo

«MUSIC-HALL»

AMANHÃ

DIA DE REIS

jantar especial

ADULTOS

MAIORES DE 17 ANOS

ESTORIL

STUDIO 4

O décimo aniversário ⁽¹⁾

Quando, em 4 de Abril, a aliança atlântica celebrar o décimo aniversário da assinatura do pacto que a criou, a batalha diplomática iniciada com a nota soviética de 27 de Novembro sobre Berlim terá atingido a sua fase culminante. É natural que, nessa altura, os acontecimentos, precipitando-se, tenham criado uma situação nova, pior do que a actual. As conferências reunidas em Genebra, para tratar as questões relacionadas com os armamentos, não fizeram progressos. Neste domínio a competição russo-americana para a fabricação de novos engenhos entrou num ritmo não apenas inquietante mas alucinante. Nem sequer foi possível chegar a acordo sobre a cessação das experiências que constituem, para os povos, um justificado motivo de alarme.

Para as nações da Europa Ocidental as perspectivas, imediatas e a curto prazo, desmentem as esperanças dos optimistas e credulos. Amputado da sua parte oriental — consumando-se a separação entre as duas Europas de que Delaisi falava há um quarto de século — o nosso continente aceitou a fatalidade de uma separação que implica a sua dependência das grandes potências extra-europeias. Durante doze anos as nações situadas entre o Elba e o Atlântico hesitaram, incapazes de se decidir por uma política comum que as acautelasse. Incapaz de se decidir também entre o continente, a que pertence, e a Comunidade, de que vive, a Grã-Bretanha agravou essa abulia com a ilusão tenaz de que as divisões do continente a favorecem. As tentativas de colaboração e integração ensaiadas estavam votadas a malogro. Não correspondiam às exigências de um momento histórico de consequências irreversíveis, mas a preocupações ideológicas mal dissimuladas na roupagem de um calão europeu.

A paralisia da Europa Oriental acentuou a sua dependência dos Estados Unidos — estratégica, política e económica. No seu céu, carregados com as bombas que podem significar a destruição do património que simbolizam, voam os bombardeiros do S. A. C. Para o risco que representam não se criou qualquer contrapartida positiva. Veio do outro lado do Atlântico a única força convencional válida cuja missão consiste em «retardar» o avanço do inimigo, em caso de conflito armado. No dia em que fosse chamada a desempenhá-la, precipitar-se-ia uma conflagração geral dada a natureza das armas que empregaria (armas atómicas tácticas). Essa missão é uma aparência por detrás da qual existe a realidade de uma rede avançada de radar e de ninhos de espionagem para permitir a intervenção a tempo da arma de represália americana. Esta funciona no quadro de uma estratégia nacional — a dos Estados Unidos — para realizar os objectivos da competição global cujo cenário se estende das Quemoy à Guatemala.

O episódio do Leste mostrou como a dependência política das nações da Europa ocidental é uma consequência inelutável da sua dependência estratégica. Qual foi o significado desse episódio? Duas nações europeias — a Grã-Bretanha e a França — em segredo resolveram acautelar pelos meios de que dispunham os seus interesses no Médio Oriente e no Norte de África. A operação militar que empreenderam foi detida no momento em que ia atingir os seus fins. As razões que impuseram essa decisão, de

consequências incalculáveis para ambas, não foram nunca suficientemente explicadas.

Para os povos afro-asiáticos o ultimato soviético enviado a Londres e Paris, espalhou o pânico entre os conjurados que prepararam o golpe em segredo. O filho de sir Winston Churchill numa série de artigos sensacionais explicou que foi o actual primeiro-ministro, então chanceler do Tesouro, quem, colocando os seus colegas perante facto consumado da desvalorização iminente da libra, os levou a desistir do empreendimento. Todos reconheceram, porém, que o telefonema transatlântico do presidente Eisenhower a sir Anthony Eden, na noite de 4 para 5 de Novembro de 1956, foi o golpe de misericórdia que lhe pôs termo. Este teve no drama que então se representou um papel paradoxal.

Os dirigentes americanos ao mesmo tempo que impunham aos seus aliados europeus uma abdicação, que afectou para sempre a escassa influência de que ainda desfrutavam nos continentes que colonizaram e civilizaram, abdicaram, eles próprios, numa questão fundamental para o seu prestígio. A carência dos Estados Unidos quando da insurreição húngara, apesar das instantes solicitações dos chefes da revolta de Budapeste, significou a liquidação da política de libertação dos satélites e tornou irremediável a cisura correspondente à cortina de ferro. Dificilmente se encontraria expressão mais convincente da incompatibilidade de interesses de Europeus e Americanos numa altura em que estes foram postos em causa pelo inimigo.

26 candidatos a juizes de Direito prestam provas no Supremo Tribunal

Na sala das sessões do Supremo Tribunal de Justiça, principiaram esta tarde as provas orais dos exames para juizes de Direito, a que concorrem vinte e seis delegados do procurador da Republica e que terminarão no prazo de quinze dias. As sessões desta semana são reservadas às matérias de Direito e Processo Penal e Comercial e as da semana seguinte às de Direito Civil e Processo Civil. São arguentes, nas primeiras, os srs. profs. Eduardo Correia, da Faculdade de Coimbra, e Fernando Olavo, da Faculdade de Lisboa; e nas segundas os srs. desembargadores Armando Torres Paulo, da Relação do Porto, e José Osório, da Relação de Coimbra.

O júri é presidido pelo sr. conselheiro António da Cruz Alvura, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e constituído pelos srs. conselheiros Alberto de Queirós Sousa Pinto, vice-presidente, Alvaro Ponces de Oliveira Pires, presidente da Relação de Lisboa, José Perestrelo Botelho, presidente da Relação de Coimbra, e António Lopes Ribeiro, presidente da Relação do Porto.

São concorrentes, os srs. dres. António Larcher Leite, João Arantes Rodrigues, José Dias dos Santos Pais, Roberto Ferreira Valente, José Estevão Saraiva Caldeira, Pedro de Lemos e Sousa Macedo, Adriano Filipe Sanches, Afonso Manuel Cabral de Andrade, Aurélio da Costa Louro e Martins, Manuel da Rosa Ferreira Dias, António Luís Correia de Mesquita, Manuel Baptista Lopes, António Simões Ventura, António Noronha Tavares Lebre, Pedro Tavares do Amaral, Joaquim de Carvalho, Flávio Pinto Ferreira, João Figueiredo de Sousa, David de Almeida Elias da Costa, Miguel da Silva Montenegro, António de Campos, Ricardo António da Velha, Frederico Mendes Carvalho, Joaquim Manuel de Araújo e Sá, José Marques e António Arlindo Teixeira Martins.

Em cada sessão, prestam provas publicas quatro concorrentes, pela ordem acima indicada.

Aquilino Ribeiro

volta à sua Cavalaria-rusticana

O novo romance: «Quando os lobos uivam»



AQUILINO RIBEIRO

Aquilino Ribeiro, o grande mestre do romance, o genésio criador de «Terras do Demão», irónico, filosófico e dramático hagiógrafo de «São Banabão anacoreta e mártir», o narrador ressonante de instinto vital que ainda recentemente nos deu essa obra-prima da novelística portuguesa intitulada «A Casa Grande de Romarigães», acaba de publicar nova obra de ficção e já vozes diversas surgem a dizer que se trata do maior livro da sua vida, aquele em que Aquilino teria abraçado decisiva e sangrentamente os grandes problemas da nossa época. Chama-se este novo e apaixonante romance «Quando os lobos uivam».

Nele o autor de «Cinco reis de gente» continua, naturalmente, como quem respira, a ser o feiticeiro sem par da prosa portuguesa, pesquisador e inventor de palavras, ordenador de ritmos e imagens, desatando os vendavais da paixão nas almas frutes e inteiras, acordando paisagens abruptas, figuras ricas dos serranos, em grandes golpes de verdade — mas de verdade romanesca. O aparecimento deste livro fundamental no limiar do novo ano levou-nos a procurar o grande romancista, para com ele cavalearmos um pouco, ao sabor da nossa curiosidade e da sua fantasia.

— Mais um livro?
— Persuado-me que sim. Mas não se admite! Sou de uma região onde existe uma espécie de castanheiros chamados da Demanda, que dão castanhas quando o tronco, todo lorgado, parece um milagre de vegetação, tão tênue é o feixe lenhoso por onde circula a seiva das raízes para os ramos.

— E que tais são as castanhas?
— Acontece por vezes serem sabrosas e são.

— Assim o seu livro?

— Deus me livre de tal presunção. Como autor respondo, tal um pai antigo chamado a depor, pela sua honestidade, lisura e desassombro. Do interesse que o publico lhe ache, do seu polme, não lhe sei eu dizer.

— «Quando os lobos uivam» tem a sua temática nas serras?

— Não se lembra — não se lembra que é rapaz novo — de uma disputa dramática que houve aqui há anos para os lados da Lousã, em Serras, entre as aldeias e os Serviços Florestais, quando se propunham semear os baldios? As povoações enquistadas, ou tangentes ao perímetro a arborizar ergueram-se mais ou menos em pé de guerra. Houve tiroteio, mortes, prisões em barda, julgamento nos tribunais... e muitos discursos. Aqui tem a ossatura do meu romance, salvo que o teatro e o tempo são outros. Regressei às serras, com a vila e o Porto judicial de permeança.

— E qual o partido que toma?

— Um romancista é, mais que tudo, um anotador. Sou o espectador ávido de ver. Em meu entendimento o Estado tem a sua razão valorizando o território nacional. O progresso é o progresso, como ouvi algumas vezes ao cateleiro fardado. Mas est modus in rebus — também ele dizia. Os Serviços têm a sua razão como os serranos têm também a sua. No desencontro está o conflito.

— Não haverá aqui o resplendor

longínquo das Vinhas da Ira, de Steinbeck?

— Nem o reflexo de um reflexo. Sou refractário a influências, julgo que por incapacidade psíquica, mais do que por ética literária. Sou como os penedos.

— E os lobos...? E os homens?

— Lobos e homens uivam, que é linguagem da cólera. Mas eu que lhe ouço o uivo, procuro apenas ser um intérprete.

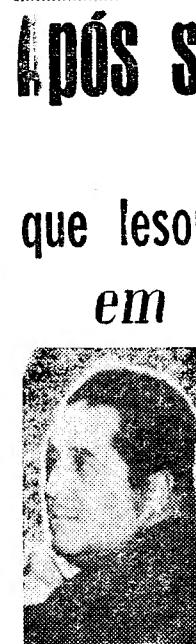
— Portanto mais bichos? Humanizou a rapoza... Todos os seus leitores se lembram do cão Pata ao léu, dos gatos do Menos sete e das galinhas de Luzia... Temos agora o lobo Estudante...

— O meu amor pelos bichos é um amor franciscano. Tenho dó daqueles que, como o lobo, foram objecto de um anátema que os obriga a ser carneiros, famintos, ladros e sicários. Eles e os homens que lhe são afins causam-me pena. Mas não os absolvo. Como podia comportar-se um velho mandingueiro, como eu, que já dobrou o cabo tormentoso, perante obra contraditória da natureza?

— E depois deste livro?

— Depois deste livro um estudo de conspécção geral do Mundo, a meu modo de ver. Qualquer José dos Anzóis tem um conceito particular do Mundo. A questão é exprimi-lo. Serão, Deo Juvante, páginas de humor, de filosofia, com uns salpicos de poesia e de pimenta: No cavalo de pau com Sancho Pança.

— Para que possa dizer-se: e o velho castanheiro beirão, dos tais — trezentos anos a crescer, trezentos no seu ser, trezentos a morrer — continua a produzir castanhas...



O burlão

habitualmente fazem as rusgas na capital, tinham instruções no sentido de identificarem e prenderem o referido burlão.

O montante das burlas, segundo o cálculo até agora feito pelas autoridades judiciais do Cartaxo, eleva-se a 35.000.000 de escudos.

Quase todos os dias chegavam à sede da P. J. informações sobre a sua passagem por determinadas localidades dos arredores de Lisboa, para onde se sabia que o burlão viera residir. Há muito que fora posta de parte a hipótese de que o Barreto se ausentara para o estrangeiro, apesar de haver informações de que ele estivera em Tanger e, mais tarde, que se encontrava na Argentina. Quando menos o esperava, o Barreto veio a ser preso em plena capital, numa luxuosa vivenda que pertence a um casal que terá também de prestar contas às autoridades, pelo facto de lhe dar guarida. Um telefone do delegado do Procurador da Republica do Cartaxo para a sede da P. J. colocou finalmente a Polícia na sua pista e levou à sua prisão. Aquele magistrado solicitou a P. J. que vigiasse a vivenda situada na Rua Arco do Carvalho, 84 e 84-A. Para o local seguiram, então, as brigadas móveis da secção central da daquela corporação, dirigidas pelo subinspector Pereira da Graça. Como as traceiras da vivenda dão para a auto-estrada, os investigadores cercaram-na a fim de evitar a fuga do Barreto. O inspetor Pereira da Graça e os chefes



A situação em Marrocos

RABAT, 5. — O rei Mohamed V deu ordem aos Rifenhos para regressarem aos seus lares, dentro de 48 horas, até depois de amanhã, às 13 horas (locais).

Declara o soberano que, passado este prazo, serão aplicadas as medidas destinadas a garantir o restabelecimento da paz e do respeito pela lei. — (F. P.).

Lançamento à água de um navio-petroleiro construído no Alfeite

No próximo dia 10, pelas 16 horas, proceder-se-á, no Arsenal do Alfeite, as cerimónias da bênção e lançamento à água do casco de um navio-petroleiro de 25.000 toneladas de deslocamento ali construído por encomenda do estaleiro sueco Uddevallavarvep, que por sua vez o vendeu a um armador inglês.

Além do ministro da Marinha, assistirão representantes diplomáticos da Grã-Bretanha e da Suécia e altas patentes da Armada.

Após seis meses de buscas foi preso o burlão que lesou lavradores do Cartaxo em mais de 35 mil contos

Seiça e Matos Rodrigues entraram depois na residência, onde solicitaram a locatária informações e ainda a passagem de uma busca que, a princípio, não deu o resultado desejado. Quase descrentes do êxito da sua actividade, os investigadores foram então surpreendidos por um gesto descabido da locatária, que se dirigiu para o quintal, dizendo que ia buscar um galinheiro. A sua intenção era outra — a de proporcionar a fuga do Barreto, que, no entanto, foi preso por dois agentes, no momento em que procurava alcançar a auto-estrada.

O Barreto já foi enviado às autoridades judiciais do Cartaxo, enquanto que a locatária da vivenda ficou detida nos calabouços da P. J., aguardando a instrução do processo por encobridora.

AS SETE PARTIDAS DO MUNDO

Romance de FERNANDO NAMORA

Um romance da adolescência, tendo como pano de fundo o meio pitoresco de Coimbra.

Um livro considerado fundamental para o conhecimento da obra do autor.

Edição de excelente apresentação gráfica, ao preço de 32\$50.

Editora Arcádia, Limitada

Trav. de S. Paulo, N.º 7, 3.º

Lisboa

NOIVOS

As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade! Rua da Prata, 257



Um almoço na nunciatura oferecido ao ministro dos Estrangeiros pelo cardeal Fernando Cento

O nuncio apostólico em Lisboa, cardeal Fernando Cento, ofereceu hoje, na sua residência, um almoço ao ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Marcelo Matias, em que também participaram os srs. embaixadores da Itália e da Inglaterra, respectivamente, dr. Angelo Corrias e «sir» Charles Stirling; o

bre da Santa Sé, que foi o portador do solidéu e da notificação papal para a elevação do nuncio à dignidade cardinalícia, e que regressa ainda hoje, ao fim da tarde, à Cidade do Vaticano.

O almoço teve carácter íntimo, não se tendo proferido discursos. O cardeal Fernando Cento estava ladoado, à direita, pelo dr. Caldeira Queirós; e à esquerda, pelo embaixador da Itália. De frente para o nuncio, sentou-se o ministro dos Negócios Estrangeiros, dando a direita, ao embaixador da Inglaterra; e a esquerda, ao duque de Palmela. Os restantes dez convidados distribuíram-se indiferentemente.

O prof. Orlando Ribeiro foi convidado a proferir uma série de lições no Colégio de França



Prof. O. Ribeiro

O Colégio de França convidou agora o sr. prof. dr. Orlando Ribeiro, catedrático da Faculdade de Letras, para proferir uma série de cinco lições que condensam os resultados das suas pesquisas acerca da Geografia da Expansão Portuguesa. Esta distinção conferida pelo prestigioso instituto cultural de Paris ao ilustre mestre português, que dirige com a dedicação de um verdadeiro homem de ciência o Centro de Estudos Geográficos e foi primeiro vice-presidente da União Geográfica Internacional, representa o justo reconhecimento do valor dos seus trabalhos, nos círculos científicos do estrangeiro.

Na verdade, o sr. prof. dr. Orlando Ribeiro consagrou ao assunto que vai versar nas suas conferências alguns ensaios notáveis e, dentro do seu plano de investigações, publicou um livro sobre a Madeira e outro sobre a ilha do Fogo, e prepara agora um estudo desenvolvido acerca da Índia Portuguesa.

As suas pesquisas incidiram, até à data, sobre os arquipélagos da Madeira, Açores e Cabo Verde, a Guiné, a Índia (Goa, Damão e Diu) e grande extensão do Brasil tropical. Para o presente ano prepara uma viagem a Angola, que visitou pela primeira vez há vinte e cinco anos. Teve ensejo de consagrar ao mesmo assunto uma série de lições num curso de Altos Estudos Geográficos, organizado pela Universidade do Brasil, em Agosto e Setembro de 1956, no qual foi o único geógrafo de língua portuguesa que participou.

O convite agora dirigido ao sr. prof. dr. Orlando Ribeiro pelo Colégio de França tem ainda apreciável significado pela circunstância de que, possuindo uma cadeira especial dedicada a professores visitantes estrangeiros, em que o mestre tem inteira liberdade de escolher a matéria das aulas, se exige, todavia, que os assuntos abordados sejam o fruto das próprias investigações do conferencista. Convidando assim o sr. prof. dr. Orlando Ribeiro para proferir ali as suas lições, o Colégio de França mostra bem o alto apreço em que são tidos os trabalhos científicos do ilustre catedrático de Lisboa, que, tendo sido leitor de Português na Universidade de Paris de 1937 a 1940, foi discípulo de eminentes geógrafos franceses. Conservando, desde essa época, relações muito íntimas com os colegas desse país amigo, o sr. prof. dr. Orlando Ribeiro tem recebido, aliás, outras provas significativas da consideração em que o têm, em França, os seus pares, como foi, por exemplo, a sua nomeação para sócio honorário da Sociedade de Geografia de Paris.

INTERROGAÇÕES

Benefício dos doentes ou dissipação supérflua?

O acesso de camadas crescentes da população aos recursos que a ciência e a técnica modernas têm posto ao alcance do público só pode ser interpretado como índice salutar de progresso da vida portuguesa. O mercado de produtos farmacêuticos em Portugal tem acusado nos últimos anos expansão extraordinária, graças ao alargamento dos serviços de previdência, à melhoria da assistência hospitalar e ao acréscimo incontestável do nível de vida de certas classes. E o trabalho dos nossos laboratórios, com elementos técnicos e profissionais renovados, acompanha meritariamente esta evolução — desde que as contingências do período da guerra os impeliram a preencher pelo seu esforço a carência de medicamentos que se recebiam antes dela do estrangeiro.

A expansão excepcional do consumo de especialidades farmacêuticas é um facto. Outro facto é o desenvolvimento valioso das actividades dos nossos laboratórios, ao serviço desse consumo intensificado e, até de possibilidades de exportação que têm tomado significativamente vulto nos últimos tempos. Mas há um terceiro facto a considerar na ordem dos dois antecedentes, que vem introduzir nas reflexões por eles justificadas uma perspectiva dilemática de interrogações e dúvidas. Em 1940 o consumo português absorveu 2.475.513 emba-

lagens seladas de produtos farmacêuticos importados do estrangeiro, que o País pagou por cerca de 65 mil contos. A partir daquele ano, precisamente, mas com mais acentuado relevo depois de 1946, o consumo de «especialidades» dilata-se em escala singular. E, em 1957, verifica-se com legítimo pasmo que o número de embalagens de produtos farmacêuticos estrangeiros vendidos no País atingiu 19.786.826 e que o seu custo implicou o dispêndio de quase 470 mil contos. No mesmo ano a indústria nacional deste ramo colocou no mercado interno medicamentos ao valor de 433 mil contos.

Num país onde o «déficit» crónico da balança comercial constitui problema inquietante e perturbador, esta drenagem de tantas centenas de milhar de contos não pode deixar de suscitar preocupações e reparos. Muitos dos artigos farmacêuticos que se continuam a comprar no estrangeiro não poderiam ser fabricados em Portugal, valorizando matérias-primas e trabalho nacionais? Não se encontram os nossos laboratórios apetrechados para produzir, pelo menos em parcela considerável, essas especialidades? E, se as características dos produtos nacionais não estão à altura de competir com a dos produtos importados similares, não será possível conseguir-se uma equiparação que não possa deixar dúvidas a ninguém?

COS
ed V
ressa-
horas,
(lo-
o es-
didadas
men-
—

Muitas mortes nos Estados Unidos por uma vaga de frio

CHICAGO, 5. — Uma vaga de frio, que assolou o centro do continente americano, causou, pelo menos, a morte de 14 pessoas.

A temperatura no Norte do Texas desceu para 13,5 graus negativos, o que constitui um «recorde» para aquela área.

Em duas zonas de Minnesota e Wyoming registaram-se 24 graus negativos. — (R.).

Neva em França

PARIS, 5. — Neve, acompanhada, por vezes, de fortes rajadas de vento, caiu ontem em abundância em diferentes regiões de França, tornando as estradas impraticáveis. Em certos lugares de Var, dos Baixos Alpes e dos Alpes Marítimos, a camada de neve atinge de 30 a 40 centímetros.

Em Villefranche de Roergue, durante um desafio de «ragby» desabou uma tribuna, com a força do vento e alguns espectadores ficaram contusos. — (F. P.).

O ministro dos Negócios Estrangeiros em lugar de honra na mesa do almoço e o nuncio apostólico, que se sentava em frente

arcebispo de Milene, duque de Palmela, camareiros-secretos do Papa, eng. Branco Cabral e visconde de Botelho; chefe do Protocolo do Estado, dr. Carreiro de Freitas; secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Caldeira Queirós; dr. João Carlos Freitas Cruz, do mesmo Ministério; os amigos pessoais do nuncio, srs. Amadeu Gaudêncio e Enrico Capodilista; e, por parte da Nunciatura, monsenhores Brini, conselheiro, e Gentile, auditor.

Participou, também, no almoço o conde Bertocci Fontana, guarda-ro-

Submarino à deriva no Golfo da Gasconha

SAN SEBASTIAN, 5. — Um submarino com a inscrição «X15», ainda não identificado, foi rebocado por dois barcos de pesca espanhóis, quando andava sem governo no Golfo da Gasconha. — (F. P.).

Para todas as refeições

Monte Seres

BRANCO OU ROSÉ

LEVEMENTE ESPUMANTE NATURAL



Um vinho leve e natural

JOÃO CAMILLO ALVES, LDA.

A missão da Imprensa

(Continuação da 1.ª página)

uma ideia justa que nos envolve a todos.

O exemplo de «O Século» é, aliás, bem flagrante, visto que durante toda a sua existência tem sido um autêntico e expressivo órgão de opinião, desde os tempos da Monarquia, em que teve acção preponderante como porta-voz representativo das correntes republicanas, até aos nossos dias, em que, através de todas as dificuldades da época, não deixou nunca de defender, calorosa e firmemente, os seus pontos de vista.

Criado em condições de constituir uma boa escola de jornalismo, onde muitos dos que por cá andamos nos orgulhamos de ter ido beber os primeiros ensinamentos da profissão, «O Século» conserva a mesma vivacidade e a mesma firmeza que o impuseram desde o princípio, como representante consciente da opinião pública. Esta continuidade deve-se, incontestavelmente, ao facto de ter podido acompanhar, numa evidente e progressiva evolução, o desenvolvimento da técnica do jornalismo, graças ao espírito arguto de quem o dirige há anos, o nosso ilustre amigo sr. João Pereira da Rosa. Além da valorização constante do seu jornal, teve este homem notável a inteligente visão de desenvolver a sua volta um ambiente de perfeita colaboração, que assegura o prolongamento da sua obra, em que soube interessar com o mesmo entusiasmo que o caracteriza, não só alguns dos que permanecem a seu lado desde os primeiros tempos da sua luta, mas ainda as gerações mais novas, ali tão bem representadas por seus filhos — o dr. Guilherme Pereira da Rosa, cujo nome o acompanha já no cabeçalho do jornal, como ilustre director-adjunto, e o sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, membro do conselho de administração a que o mesmo pertence. Foi, aliás, devido a este espírito de íntima compreensão que «O Século» pôde, por certo, evocar a sua missão na vida nacional, em circunstâncias que permitem evidenciar bem o próprio papel da Imprensa nos nossos dias. Defendendo, como temos sempre procurado fazer, o prestígio da Imprensa, gostosamente subscreveríamos estas palavras que

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 8,7; mínima, 7,3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 17,1; mínima, 10,4.

—Temperaturas observadas às 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 8,2; na água do mar, 12,7.

fazem parte do referido artigo de «O Século» e que representam, de facto, um programa digno de ser seguido: «Quanto mais difíceis e perigosos são os tempos mais se sente nesta casa o desejo de lutar pelo bem comum, de defender as causas justas, de criticar o que se julga errado ou prejudicial, de estimular as ideias dignas de apreço e as acções meritórias».

Vistos em passaportes de jornalistas

A propósito da «Nota do dia» que consagramos à demora e às despesas que acarreta a obtenção do visto em passaportes de jornalistas, esclarece-nos o sr. encarregado de Negócios do México que a secção consular da legação daquele país pode conceder o visto em passaporte português apenas em alguns minutos (no caso sujeito foram cento e vinte minutos, o que em boa verdade não reputamos excessivo), desde que o referido documento esteja em ordem e inteiramente de acordo com as leis portuguesas, sem que se exija nenhum requisito de carácter policial. (Esse requisito resulta, naturalmente, das restrições que podem ser postas pelas autoridades da Imigração à entrada de um viajante com o passaporte devidamente visado).

Informa-nos igualmente o sr. encarregado de Negócios do México que o visto custa apenas oitenta escudos, que, somados aos noventa cobrados pelo bilhete de turista, perfazem um total de cento e setenta escudos e não duzentos e noventa, como se disse. Resta esclarecer, pela nossa parte, que essa quantia foi paga pelo visto em passaporte comum de marido e mulher, acrescida do custo dos bilhetes de turista a que se refere a carta do sr. encarregado de Negócios.

E para terminar: o nosso reparo tinha em vista salientar que o tratamento reservado a um jornalista na obtenção do visto não diferia, em alguns consulados, daquele que é dispensado a todos os viajantes. Em contraste com as facilidades concedidas pelo consulado americano, onde se considera que o jornalista em missão profissional não é um turista vulgar. O caso do Brasil é, porém, aquele que mais particularmente nos impressiona, pois apregoamos todos os dias a necessidade de promover um intercâmbio de jornalistas e homens de letras cada vez mais estreito e não fazemos nada, na prática, para o facilitar.

Um bocadinho e...basta! É creme de barbear Gillette



Um bocadinho basta, para lhe proporcionar toda a espuma de que precisa. É um creme de barbear digno das Laminas e Máquinas Gillette. Na realidade, foi fabricado para completar a arte de "bem barbear". É isto que ele proporciona: faz rapidamente uma espuma abundante. Contem K34, o novo antiséptico para o rosto que conserva a maciez da pele.

Compre uma bisnaga ainda hoje

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica

PREÇOS DE POLICLÍNICA

Consultas permanentes das 9 às 21 horas

C. Bento da Rocha Cabral. 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

Leiam o jornal humorístico

fixe

Uma dezena de assaltos praticados em Évora

EVORA, 5 — Esta cidade, com uma população de cerca de 25.000 habitantes, tem sido por tradição e, até por índole natural dos seus habitantes, uma terra pacata e sem grandes problemas no aspecto criminal.

Contudo, nas ultimas semanas, a cidade assiste, inquieta, a uma onda de assaltos e roubos com que não estava familiarizada.

Sobem a mais de uma dezena os roubos praticados nas capoeiras e estabelecimentos, entre os quais o Café Estrela de Ouro, a Imprensa Moderna e um posto de abastecimento da Shell, no qual, ia perdendo a vida um dos empregados que ainda está hospitalizado. O mais alarmante é que, até agora, nenhum dos assaltantes foi preso ou descoberto.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

TRINDADE — A's 21.45 — «O diário de Anne Frank».
MONUMENTAL — A's 21.45 — «Gigi».
NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Por causa delas...».
VARIEDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai!».
AVENIDA — A's 21.45 — «O mentiroso».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
COLISEU — A's 21 e 30 — Grande Companhia de Circo.

CINEMAS

FIVOLI — «Um certo sorriso».
SAO LUIZ — «Perri».
SAO JORGE — «Meu reino, minha vida».
IMPERIO — «Orgulho e paixão».
EDEN — «Cow-boy (Como nasce um bravo)».
POLITEAMA — «Missão no alto mar».
CONDES — «A família Trapp na América».
ODEON — «Bons dias amor».
ROMA — «Esta mulher é minha».
AVIS — «O segredo do culpado».
MONUMENTAL — «O irresistível forasteiro».
ALVALADE — «Perri».
OLIMPIA — «Destino ao Pacífico».
IDEAL — «Indesejáveis».
RESTELO — «A rapariga das violetas».

Policlínica de Arroios

P. DO CHILE, 14-1. — T. 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias uri. 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradel de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pinto Monteiro—Cor. e pulm. 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis, 15 h.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clin. geral, 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14.30 h.
Dr. Maria Manuela Antunes — Doenças das senhoras, 14 h.
Dr. Luis Andrade — Ouvidos, nariz e garganta, 15 e 18.30 h.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3543

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									

HORIZONTAIS: 1 — Amadurecia. 2 — Nome de mulher. Rio da Polónia. 3 — Agora. Passado. 4 — Entre nós. Lavraria. 5 — Mediana. Arvore terebintácea. 6 — Oceano. Senhores. 7 — Escarnecer. Dá mios. 8 — Poisar no mar. Símbolo químico do cromo. 9 — Igual. Segue. 10 — Rilhes. Saque. 11 Devastaram.

VERTICAIS: 1 — Suavize. Rera. 2 — Reside. Pronome pessoal. Artigo definido. 3 — Altar. Bom. Vedro (pl.). 4 — Entrega. Prefixo que designa ar. Rente. 5 — Colera. Doença. 6 — Círculo. Senhor inglês. Alto aí! 7 — Venerara. Chegar. 8 — Avista. Comparecias. De alto preço. 9 — Praia. Gerem.

Solução do problema n.º 3542

HORIZONTAIS: 1 — Arca. Ocas. 2 — Lia. Ore. 3 — Ramos. 4 — Célebres. 5 — Cota. Aras. 6 — Ema. Ame. 7 — Má. Vil. Ai. 8 — Riachos. 9 — Iças. Assa. 10 — Sa. Com. Er. 11 — Solo. Alma.

VERTICAIS: 1 — Alo. Cem. Ois. 2 — Ri. Comarca. 3 — Careta. Ia. 4 — Ala. Vasco. 5 — Ame. Sic. 6 — Ora. Lhama. 7 — Cosera. Os. 8 — Ar. Somassem. 9 — Ser. Sei. Ara.

Fatos usados

Vamos a casa, e compramos ao balcão todo o vestuário para homem e rapaz, calçado, etc. e pagamos aos melhores preços.

R. S. Bento 58-60 — Tel. 663031



AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

OBRA DE ASSISTÊNCIA AOS ANIMAIS

ASSEMBLEIA GERAL

PRAÇA RIO DE JANEIRO, 5-1. LISBOA

Convoco os Prezados subscritores a reunir em Assembleia Geral Ordinária no p. f. dia 12 do corrente, pelas 21.30 horas, na sede da Obra, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Eleição dos elementos de gerência que exercerão o seu mandato no biênio de 1959-1960.

Não comparecendo numero legal de subscritores, fica desde já marcada 2.ª convocação para as 22 horas do mesmo dia e no mesmo local.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA

PASTELARIA RESTAURANTE COLOMBO SALÃO DE CHÁ

Dispõe de Salões privativos para Casamentos, Lanches e Banquetes. Serviço de 1.ª qualidade sem aumento de preço.

AV. DA REPUBLICA 10-H
Telefone 49225

Sociedade Geral

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU

N/M «MANUEL ALFREDO» em 10 de Janeiro

Carrega em Lisboa para BISSAU a 7 e para CABO VERDE a 8 de Janeiro

Carga frigorífica dia 9 até às 12 horas

Passageiros de 1.ª e classe turística

Para: LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES

N/M «RITA MARIA» em 14 de Janeiro

Carrega em Lisboa de 9 a 12 de Janeiro

Carga frigorífica dia 13 até às 12 horas

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Este navio escala previamente LEIXÕES

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES

A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO, ANVERS e HAVRE

N/M «BRAGA»

Até 14 de Janeiro e em Lisboa sómente para MATADI a 21

N/M «BRAGANÇA»

De 24 de Janeiro a 5 de Fevereiro e em Lisboa sómente para MATADI a 11 de Fevereiro

Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN

A carga nos portos de ANGOLA

N/M «BORBA»

Até 13 de Janeiro

N/M «BELAS»

De 17 de Janeiro a 3 de Fevereiro. Recebe também carga para o HAVRE

LISBOA: RUA DO COMÉRCIO, 39 — TELEF. 2 63 14/5 • PORTO: RUA SÁ DA BANDEIRA, 62 — TELEF. 2 73 63

A estatística agrícola de 1957

(Continuação da 1.ª página)

Foram manifestados, por 72.378 criadores, 3.988 toneladas de lã, resultante da tosquia de 1.836.691 ovinos.

COMÉRCIO EXTERNO — Durante o ano de 1957 importaram-se

10.599.589 quintais de produtos da agricultura, silvicultura, pecuária, produtos subsidiários e máquinas, com o valor de 4.004.149.000 escudos; a exportação correspondente foi de 9.077.361 quintais, com o valor de 3.977.303.000 escudos.

CONSUMO E DISTRIBUIÇÃO — As captações anuais médias dos principais produtos agrícolas, (em quilogramas, excepto de vinho e azeite que se expressa em litros) no quinquénio de 1952-1956, indicando-se entre parêntesis as captações anuais médias do decénio 1946-1955, foram as seguintes: trigo, 80.85 (77.87); centeio, 18.73 (18.13); milho, 46.84 (52.00); arroz — 17.60 (14.17); batata, 124.25 (125.06); feijão, 4.81 (5.60); grão-de-bico, 1.27 (1.44); azeite, 10.82 (9.17) e vinho, 117.60 (100.99).

Durante o ano de 1957 foram aprovadas, para consumo, 81.363 toneladas de carne, das quais 7.988 na cidade de Lisboa e 4.669 na cidade do Porto. Forneceram aquela carne 199.802 suínos, 251.762 bovinos, 1.119.875 ovinos e caprinos e 17.521 equídeos.

Só a cidade de Lisboa consumiu os seguintes produtos: batata, 822.728 quintais; vinho de pasto, 1.090.697 hectolitros; aguardente, 19.309 hectolitros; vinagre, 17.288 hectolitros; frutas, 396.976 quintais; produtos hortícolas, 975.551 quintais; castanha verde, 30.995 quintais; melões, 49.464 quintais. No mesmo período, foram consumidos, pela cidade do Porto: batata, 332.132 quintais; vinho de pasto, 352.573 hectolitros; aguardente, 2.541 hectolitros; vinagre, 4.378 hectolitros; frutas, 89.922 quintais.

SEGURO AGRÍCOLA — O número de seguros contra incêndio, efectuados pela lavoura, foi de 132.961. Estes seguros cobriam um capital de 2.474.717.000\$00, atingindo o valor dos prémios 21.986.000\$00. Tendo-se verificado 461 sinistros correspondentes a indemnizações no montante de 6.692.000\$00.

MAQUINAS E ALFARJAS AGRÍCOLAS — Em 1957 existiam, no País 4.368 debulhadoras mecânicas de cereais e legumes. Cerca de metade destas máquinas trabalharam apenas em cinco distritos: Bragança (619); Beja (137); Évora (393); Santarém (361); e Lisboa (282). Segundo o manifesto, estas máquinas debulharam, na campanha de 1957, as seguintes quantidades de cereais, expressas em percentagem da produção total: trigo, 73,1 %; centeio, 32 %; aveia, 79,2 % cevada, 56,8 %.

No mesmo ano o número de tractores em actividade era de 5.686. Cerca de 89 %, do total recolhe habitualmente em 7 distritos, com a seguinte distribuição: Beja, 1.245; Évora, 844; Santarém, 798; Lisboa, 858; Setúbal, 536; Portalegre, 491; e Faro, 218. A potência total dos tractores agrícolas existentes, em actividade, é de 177.044 cv.

FOMENTO — A distribuição á lavoura de sementes seleccionadas e certificadas atingiu as seguintes quantidades expressas em quintais: trigo, 193.642; arroz, 16.393; e batata, 57.142.

Na campanha 1956-57 distribuiu-se o seguinte material vitícola: 25.374 barbedos, 43.133 garfos e 393 enxertos. Especialmente para produção de uva de mesa distribuíram-se 3.925 garfos de que beneficiaram 32 viticultores.

Os cursos de podadores de oliveiras, em número de 17, formaram mais 278 podadores. Dos podadores formados nos anos anteriores, 1.237 aperfeiçoaram os seus conhecimentos, frequentando 70 cursos com esse fim realizados.

Para povoamento de matas, seras e dunas, em propriedades sob a administração dos Serviços Florestais, foram plantadas 13.573.629 árvores e sementes 371.245 quilogramas de sementes cobrindo uma superfície de 20.812 hectares.

No sector da colonização interna, mostramos a estatística agrícola que a área total dos baldios reconhecidos até 31 de Dezembro de 1957 era de 531.441 ha., dos quais foram reservados, para colonização, 196.584 ha.

ENSINO AGRÍCOLA — No ano lectivo 1956/57 verificou-se o movimento seguinte nas escolas de ensino agrícola: curso elementar (operário rural e feitor agrícola) — 3 escolas com 10 professores e 313 alunos (126 iniciaram o curso e 71 concluíram-no); curso médio (regente agrícola) — 3 escolas com 41 professores e 407 alunos (50 começaram o curso e 69 concluíram-no); ensino superior (engenheiro-agrônomo, engenheiro silvicultor e médico veterinário) — 2 escolas com 62 professores e 480 alunos (81 começaram o curso e 63 concluíram-no).

O reajustamento cambial

em França

PARIS, 5. — Em resultado da reentrada de capitais ocorrida nos últimos dias, acentuou-se hoje a baixa do ouro e de divisas, no mercado paralelo.

O ouro fino desceu 2.000 francos, passando a 559.000, por lingote de quilos. As moedas também desceram, proporcionalmente. — (F. P.).

Foster Dulles

vai ao Canadá

OTTAWA, 5. — O secretário de Estado americano, Foster Dulles, é esperado hoje nesta cidade, chefiando um grupo de cinco ministros do Gabinete, para travar conversações destinadas a reduzir as dificuldades de comércio entre o Canadá e os Estados Unidos. — (R.).

Mikoyan irá

a Inglaterra?

LONDRES, 5. — O informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros declarou hoje que, pelo que sabia, Mikoyan, que se encontra presentemente nos Estados Unidos, não tencionava visitar a Grã-Bretanha. — (F. P.).



Desenho de Picasso, em exposição no Museu da Orangerie, na retrospectiva dos desenhos da Escola Francesa de Clouet a Matisse

O programa da Exposição Canina Internacional está já elaborado

Está já elaborado o programa da Exposição Canina Internacional de Lisboa que, como temos anunciado, se realiza nos próximos dias 24 e 25, no pavilhão da Feira das Indústrias Portuguesas, sob o patrocínio do «Diário de Lisboa».

É o seguinte: Sábado, 24 — As 15 horas, entrada dos exemplares; 16, início da classificação; 20 às 21, intervalo; 21 e 30, continuação da classificação e provas de trabalho; 24, saída dos exemplares.

Domingo, 25 — As 15 horas, entrada dos exemplares; 16, continuação da classificação.



Esplendido exemplar de «dobermann», uma das raças de maior concorrência em certames caninos

ção da classificação; 19, recepção das entidades oficiais; 20 às 21, intervalo; 21 e 30, provas de trabalho, desfile dos exemplares premiados e distribuição de prémios; 24, encerramento da exposição.

A classificação começará, imprevisivelmente, às 16 horas de sábado e de domingo. A falta de apresentação dos exemplares ao exame médico-veterinário, a sua entrada ou saída do recinto da exposição fora do horário estabelecido, a sua ausência da bancada que lhe está destinada, bem como a sua não comparecimento no ringue após a chamada, são motivos bastantes de exclusão.

O serviço médico-veterinário está assegurado pelos srs. drs. Joaquim de Oliveira Jansen, José Pereira Gaspar, José Protes da Fonseca e Teófilo Augusto Rodrigues. Foram nomeados comissários de pista os srs. dr. Abel Beirão Moutinho, Alberto dos Reis Passos, dr. José Humberto Barros das Neves, dr. José Joaquim Correia Monteiro,

Luís Neves de Almeida e eng. Manuel Luís Pinto Basto Fernandes Marques.

As taxas de inscrição

1.ª inscrição individual, 80\$00; por cada inscrição individual a mais 60\$00; por cada classe individual a mais, 40\$00; classe de ninhadas (idade regulamentar), 100\$00; classe de ninhadas (fora de concurso), 160\$00; classe de casais ou trelas (cada exemplar), 20\$00; classe de grupos (cada exemplar), 15\$00; classe de matilhas (cada exemplar), 10\$00; publicação de prémios no catálogo, cada 5\$00; sobretaxa para venda, 60\$00. Os exemplares de raças nacionais têm direito ao abatimento de 25 %. Os exemplares não registados em livros de origem pagarão adiantadamente a respectiva taxa de registo, que será devolvida se não obtiverem classificação suficiente.

Nas taxas acima indicadas estão incluídos os certificados de prémios, os diplomas, as medalhas, as placas, os prémios de honra, os prémios especiais e os certificados de C. A. C. B., C. C. B. e C. A. C. I. B. Devidamente preenchidos e assinados, os boletins de inscrição deverão ser entregues na sede da secção de canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses (Praça D. João da Camara, 4, 3.ª, em Lisboa), em qualquer dia útil, das 17 e 30 às 20 horas, até ao próximo sábado.

MORTE SUBITA

EVORA, 5. (Pelo telefone). — Quando, esta manhã, no seu estabelecimento de ferrador, na Rua dos Penedos, aplicava uma injeção a um cavalo, morreu subitamente o sr. Alberto Freire Fernandes, de 62 anos, pessoa muito estimada nesta cidade e nos círculos agro-pecuários da região.

NO APROVEITAR É QUE
ESTÁ O GANHO
JANTE AMANHÃ NO
«MESQUITA»
E TALVEZ LEVE P'RA CASA
UMA VIOLA EM OIRO
(Adultos maiores 15 anos)



Na sua crua expressão humana, esta japonesa dá-nos uma imagem das pavorosas consequências do incêndio que devastou quase por completo a povoação de Koniya

LIVROS NOVOS

«Tratamento do conhecimento humano»

O idealismo de Berkeley é, acima de tudo, uma teoria metafísica; se ele nega a existência da matéria, não o faz por intuição, antes pelo raciocínio, demonstrando a sua tese de acordo com a lógica mais estrita; na origem desta doutrina achase uma forte propensão para a moral religiosa (o prefácio do autor abre com estas palavras: o que hoje publico pareceu-me, depois de longo e minucioso estudo, inteiramente exacto e de algum proveito, em especial aos já tocados de cepticismo ou desejosos de uma demonstração da existência e da imaterialidade de Deus ou da natural imortalidade da alma). Acérrimo inimigo dos livres pensadores, o bispo de Cloyne defende um misticismo que se vai aproximando, com o passar dos anos, de Platão; em SIRIS (1774), descreve-se o progresso do espírito ao longo da árdua caminhada da vida e apela-se para a imaginação como guia para a decifração do Universo. Sem dúvida um cristão, Berkeley é também um filósofo panteísta, e a sua obra representa, na filosofia inglesa, um regresso às tradições platónicas, interrompidas durante o triunfo do nacionalismo; opositor de Locke, Berkeley aceita contudo o facto de só percebemos impressões (a concepção empirista da ideia-imagem serve-lhe de base para o imaterialismo); tudo quanto conhecemos são afecções subjectivas ou, numa só frase, *esse est percipi* (ser é ser-se percebido). Não existe, pois, o Mundo material fora de nós; não se podem admitir as substâncias corpóreas, porque as coisas que usamos chamar substâncias não passam de percepções. Como não podemos formar ideia alguma de substância espiritual, o ser da alma não é o mesmo que *ser percebido*, mas antes *perceber*. Deste modo nega Berkeley a existência do mundo material, reduzindo-o a um conjunto de ideias ou percepções; daí chamar-se solipsista a sua concepção, e imaterialismo idealista a sua filosofia.

Pelo que se vê, Berkeley foi mais longe que Locke na destruição da metafísica; este último admitia a existência de substâncias tanto materiais como espirituais e apenas afirmava a impossibilidade de conhecer-se a sua essência; Berkeley nega-o manifestamente, reconhecendo somente a existência do próprio *Eu* como substância espiritual, a mesma de outras almas e ainda de Deus.

O «Tratado do conhecimento humano» (A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge, 1710), livro capital no ramo da gnoseologia moderna, foi traduzido para português pelo professor Vieira de Almeida, de quem é também

o prefácio que acompanha a obra; pelo que representa de penetrante análise e exposição da doutrina berkeleyana, aconselhamos vivamente a sua leitura.

(Atlantida editora).

«Abril»

Graça, frescura, delicadeza, sensibilidade, uma delicadeza, melindrosa, sensibilidade primaveril são as qualidades — e os limites — deste delicioso primeiro livro de poemas de Maria Teresa Crespo Coelho: «Abril». Livro de Primavera, livro de revelação, livro de descoberta encantada da emoção. Mas também livro de libertação, pois o que Maria Teresa Crespo aqui nos diz, tinha de no-lo dizer, para ser doravante na poesia (que é sem dúvida o seu caminho ou um dos seus caminhos literários) mais ela, mais dramática, desenvolvendo sem freio todas as suas virtualidades. Maria Teresa Crespo é poeta, habituada ao ritmo e a imagem. O «ofício» virá.

O MUNDO MODERNO — OBRA DE 4 FRANCESES

Roger Shaltuck, professor de línguas romanas da Universidade do Texas, acaba de publicar um estudo em que se defende a tese de que quatro franceses são responsáveis pelo mundo moderno. Tomando como base a afirmação de Charles Péguy: «O Mundo mudou menos desde Cristo que nos últimos trinta anos» Shaltuck aponta como figuras essenciais do nosso tempo o romancista Alfred Jarry, o compositor Erik Satie, o pintor Henri Rousseau e o poeta Guillaume Apollinaire. Para o professor americano Rousseau trouxe à Arte as suas tendências infantis, Satie acrescentou-lhe a maldade, Jarry o escândalo e Apollinaire a megalomania. A obra de Roger Shaltuck, evidentemente delirante e sem o menor fundamento, intitula-se «The banquet years» (alusão ao banquete que Picasso deu em honra de Rousseau, em 1908).

JANTE NUM AMBIENTE

COSMOPOLITA, NO UNI-

CO RESTAURANTE «MU-

SIC-HALL» DE PORTU-

GAL: CASINO ESTORIL

Leiam o jornal humorístico

sempre
fixe

VIDA MUSICAL

Um notável programa na temporada do Círculo de Cultura Musical

O Círculo de Cultura Musical, que na presente temporada já nos apresentou o pianista Gleb Akashod vai continuar o seu programa deste ano com a apresentação do violoncelista Bernard Michelin, que interpretará concertos de Schumann e Saint-Saëns; o violinista Ricardo Odnoposoff, que tocará sonatas de Vivaldi, Beethoven, Geminiani, Brahms e César Franck, além de outras pequenas peças; o Ensemble Baroque de Musique, apresentará uma série de obras, sempre pouco tocadas, de compositores barrocos como Vivaldi, Bach, Telemann e Corelli; o quinteto Chigiano, composto por dois violinos, viola, violoncelo e piano, apresentará quintetos de Martini, Schumann, Bocherini, Chostakovsky e Brahms, e um quarteto de Mozart; Nan Merriman contará um programa ainda não estabelecido; Paul Klecki dirigirá um concerto com a Orquestra Sinfónica Nacional, no qual está incluída a Sinfonia para orquestras de cordas, com trompete «ad libitum», de Honeggers; o último concerto da temporada do Círculo de Cultura Musical será preenchido com a interpretação de sonatas de Beethoven pelo pianista Cláudio Arron.

Uma série de conferências organizadas pela Juventude Musical

Dentro do plano comemorativo do 10.º aniversário da Juventude Musical Portuguesa, aquela asso-

ciação, de colaboração com a Academia de Amadores de Música, promove uma série de conferências sobre o problema de modernidade em arte, que principiará ainda este mês, na S. N. B. A.

Entre colaboradores desta iniciativa contam-se João de Freitas Branco, Francine Benoit, José-Augusto França, Nikias Skapinakis, Tomás Ribas, J. Estêvão Sasportes, Luís Francisco Rebelo, etc., que tratarão do problema da música, nas artes plásticas, no ballet, no teatro e na arquitectura.

IMPrensa

«Notícias» de Lourenço Marques

O «Notícias», de Lourenço Marques, publicou um número especial de Natal, com 192 páginas. Além de variada colaboração, o importante órgão da Imprensa de Moçambique, dirigido por Manuel Vaz, apresenta um belo aspecto gráfico.



AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

MALHA A METRO

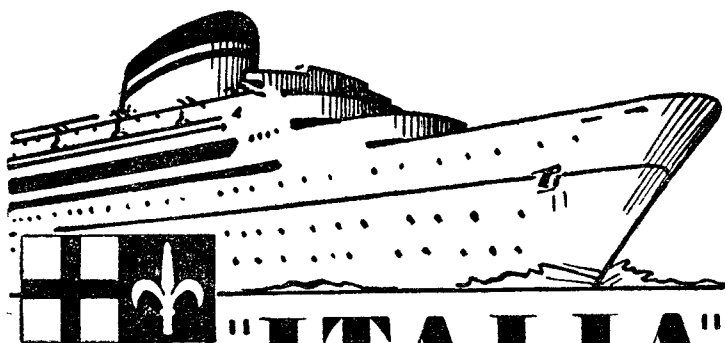
Liquidação total com grandes descontos

ARTÉFACTOS DE MALHA DE LUXO, LDA.

continua a vender o seu stock de MALHA A METRO directamente ao publico na

RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 1

(tornejando para a Rua Alexandre Herculano)



"ITALIA"
NAVIGAZIONE
PRÓXIMAS SAÍDAS

PARA:

Halifax e New York

«VULCANIA»

25 DE JANEIRO

«SATURNIA»

11 DE FEVEREIRO

PARA:

Casablanca, Gibraltar, Nápoles e Génova

«GIULIO CESARE»

15 DE JANEIRO

OS AGENTES GERAIS:

E. PINTO BASTO & C.ª LIMITADA

(Secção Marítima)

Praca Duque da Terceira, 20-26 — Telef. 31581 (10 linhas)



FUI IMPRUDENTE!

NADA DISTO ME TERIA ACONTECIDO SE
TIVESSE COMPRADO O TECIDO BAIONIZADO

CONSELHO

Não compre hoje qualquer ganga
que não tenha na orela a marca

TECIDO *Baiona* BAIONIZADO

GARANTIA DE QUE NÃO ENCOLHE À LAVAGEM

DEPÓSITO: RUA DOS FANQUEIROS, 96-3.º-D.º - LISBOA

BELARTE



à saúde...

...ao brindar pela saúde de alguém,
lembre-se da sua própria saúde.
Brinde... mas brinde sempre com...

OS SAUDÁVEIS...

Espumantes naturais
MESSIAS

os espumantes mais classificados nos I e II
Concurso Nacional de Vinhos Engarrafados

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

O REI EM CAMISA

ERA uma vez um bom rei da Arábia, pacato e divertido. Vivia em seu palácio, sossegado da vida, desfrutando sabiamente as artes da paz. Punha papelotes nas barbas, para que encaracolassem melhor, olhava as moscas que passavam no ar, com uma complacência magnânima; atirava bolinhas de papel amarrado aos seus antepassados, que estavam aos cantos das casas, representados em porcelana.

O reino mostrava-se satisfeito e contente. Quando algum súdito patenteava o mínimo vislumbre de descontentamento com a marcha dos negócios públicos, o rei mandava carinhosamente que lho trouxessem, passava-lhe a mão pela cara, fazendo-lhe um carinho; lançava-lhe docemente uma corda ao pescoço e enforcava-o defronte do palácio.

De quando em quando, o rei saía em procissão pelas ruas. Duma vez, ao fazerem-se os preparativos para uma destas festas, notou-se em conselho de ministros que as reais vestimentas de gala estavam incapazes de sair a público, sem desdouro da coroa. Deliberou-se abrir concurso para a adjudicação de uma vestimenta nova, destinada ao chefe do estado.

Apareceu, entre outras, a proposta, verdadeiramente notável, de um tecelão, o qual, não só satisfazia cabalmente a todos os quesitos do programa, mas ainda se obrigava a fazer as vestes e o real manto com um tecido por tal modo engenhoso, que o não veriam senão os homens de uma capacidade de espírito, e que para todos os estúpidos o mesmo seria porém a sua vista naquela andaina de fato e respectivo manto real como estarem simplesmente olhando para o puro ar atmosférico.

Mui agradado e satisfeito se mostrou o rei com a nova desta feliz descoberta e se serviu e houve por bem mandar que imediatamente lhe tocassem o maravilhoso estofado e dele se aparelhassem a vestimenta.

O tecelão, que tinha estado por quinze dias misteriosamente encerrado em uma oficina do palácio, participou afinal que a vestimenta podia, quando lhe aprouvesse, passar a examiná-la.

O grande monarca, porém, pela primeira vez em sua vida, hesitou. Com a singular prudência que o distinguia e que fazia dele um dos soberanos mais sábios de todo o mundo, o rei mandou que o primeiro-ministro fosse em seu real nome examinar a vestimenta nova.

Abriu-se então a porta da oficina. O primeiro-ministro entrou. Tornou-se a fechar a porta, e o representante do rei achou-se diante de um tear vazio. Ao lado do tear, estava um cabide, também vazio. E nada mais estava no interior daquele aposento, senão ele, representante do soberano, e o tecelão, autor do estofado, em pé, altivo, satisfeito, com os braços cruzados no peito, esperando as palavras do primeiro-ministro.

Laurodentil

É UMA PASTA DENTÍFICA
INDISPENSÁVEL NA HIGIENE
DIÁRIA DA BOCA E
INDISPENSÁVEL PARA OS
QUE SOFREM DE

ESTOMATITES
GINGIVITES
PIORREIA, ETC.

Charutos
PRINCEPS
Cigarrilhas

SINGEVERGA

O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

nistro, numa atitude confiada e soberba.

Esse homem portentoso, uma vez, admitida a cláusula de que o tecido seria invisível para todos os estúpidos, ousara intrepidamente contar com a audácia da presunção humana até o ponto de não fazer tecido algum, firme na convicção de que todo o homem, sem excepção, juraria estar vendo uma coisa que nunca existiu mil vezes, antes do que parecer confessar a inferioridade da sua condição intelectual.

O ministro olhou um pouco no vácuo, franziu os olhos para os fazer mais pequenos e poder espreitar melhor, pôs a mão aberta como um alpendre por cima das sobranças, deu dois grandes passos para diante, deu dois iguais passos para trás, improvisou em seguida dois tubos com as mãos fechadas, pôs um tubo diante de cada olho, e, definitivamente desenganado de que não via nada, expeliu um grande grito de surpresa, de alegria e de espanto.

— Eu tenho estado até agora calado, a olhar — exclamou o primeiro-ministro — não porque desde logo não visse, distintissimamente, a real vestimenta de sua majestade el-rei, meu amo e senhor... Mas sou obrigado a confessá-lo, entaramelou-se-me a língua, diante de tamanha magnificência. Em verdade digo que uma perfeição assim nunca em minha vida vi!

— Perdão — interrogou o tecelão. — Vossa excelência não repara, certamente, que está calcando o manto com uma tal insistência...

O ministro, ao ouvir estas palavras, deu seis pulos para trás, com mais velocidade do que teria tido, se debaixo dos pés se lhe houvesse desenrolado uma cobra cascavel. E, apanhando a porta aberta, desembestou como um raio pelo corredor fora, gritando em brados:

— Maraviilha! Maraviilha!

O rei quis ainda fazer outra experiência; e, depois das informações dadas pelo primeiro-ministro, mandou o segundo, que instruído pela narração do primeiro, tão depressa se achou na oficina, como gritou logo:

— Bravo! Bravo! Bravo!

E deu três salvaes de palmas.

— Se este grande alarve conseguiu enxergar alguma coisa, então também hei-de ver! — pensou consigo o monarca.

E, batendo com o cetro três pancadas na porta da oficina:

— Abra lá isso!

O tecelão abriu a porta, pôs um joelho em terra e disse:

— Senhor, tem vossa majestade diante dos seus reais olhos a vestimenta de gala que me coube a honra de fazer para vossa majestade. Glorío-me, real senhor, de nunca até hoje, em parte alguma do mundo, se fez coisa mais admirável e mais rica. Este é o fruto das cogitações e das vigílias da minha vida inteira. Não peço a vossa majestade nem riquezas, nem honras, nem dignidades para mim. O artista acha-se superior a essas bagatelas! Desculpe vossa majestade a independência do artista. Mas, senhor, por minha pobre mulher, pela minha companheira, por ela, que tanto deseja ser viscondessa e ter uma quinta, pedia a vossa majestade que me fizesse visconde e me mandasse abonar, por favor, uma propriedade boa.

Enquanto o artista se expressava nestes termos, o rei olhava para todas as paredes e recantos da casa, para o tear, para o cabide, para os ministros e para o tecelão. Coçou por algum tempo a cabeça e por fim, com voz arrastada, disse:

— A obra está, efectivamente, boa... Vejo claramente, que está boa... Apenas me parece, assim á primeira vista, que será talvez leve de mais.

— Oh! Haja vossa majestade por bem tomar o peso!

— Sim! — tornou o príncipe. — Apre, que pesa muito! Nós, el-rei, estamos contentes com a vossa obra; e, atendendo aos vossos me-

recimentos, vos nomeamos visconde de Papafina, em duas vidas.

Chegou finalmente o dia em que o monarca tinha de estreitar a vestimenta na solene procissão, que, para recreio da corte, do corpo diplomático e da nobreza, havia de percorrer a cidade, para esse fim

extraordinário e profundo. Murmúrios de admiração e aplauso saudavam a obra extraordinária do artista exímio que havia concebido aquele tecido para os olhos das inteligências privilegiadas.

Viu-se então que todos, sem excepção, possuíam naquela culta ci-

Texto integral do conto de Ramalho Ortigão

juncada de flores e embandeirada de flamulas e galhardetes.

Tratou-se de vestir o rei, o qual, depois de bem lavado e frisado, se apresentou em camisa e de chinelas aos camaristas e ao visconde de Papafina, para que o vestissem. Com excepção da camisa, que era de linho de Irlanda com folhos de renda, todas as demais peças do real vestuário, naquele dia grande, brilhavam pela ausência, ou, o que vem a dar na mesma, consideravam-se feitas com o novo e extraordinário tecido.

Duas horas e meia levou a vestir, abotoar, pregar, compôr o príncipe. O tempo estava seco, mas frio. O termómetro, consultado várias vezes pelo rei, enquanto lhe iam deitando para cima do corpo roupas e mais roupas do estofado maravilhoso, marcava seis graus... As reais carnes estavam lívidas e arrepiadas, como as de um peru sem penas. O príncipe espirrava com frequência e assoava-se muito a um lenço de fazenda igual á da vestimenta, o qual o visconde de Papafina lhe metera na mão. Com a outra mão sua majestade segurava uma peça do manto, tendo arqueado o braço com uma graça particularmente pitoresca e distinta.

Todas as grandes personagens da corte, cavalheiros e damas, seguiam el-rei, suspendendo a cauda do real manto.

O efeito da vestimenta e do manto, em todas as pessoas que presen-

ciavam a passagem do cortejo, era dade o privilégio da sumidade e do espírito.

Chegara-se a uma rua em que o silêncio era profundo. Os moradores tinham resolvido patentear a sua elevada inteligência e a sua fina crítica, emudecendo! Era de um efeito prodigioso e tocante! De repente, no meio daquele silêncio tão expressivo e grandioso, ouviu-se de cima de uma trapeira uma voz fina, clara, convicta, que gritou:

— O rei vai em fralda!

Todos olharam para o ponto de onde partira aquela voz. Por cima de um telhado, com um braço passado em volta de um mastro em que estava içada uma bandeira, um rapazito alegre, inclinado para a rua, pendente em cima da multidão, apontava com o dedo para o grande monarca, e ria ás gargalhadas estrepitosas, sinceras, profundas.

O rei parou de repente. Perdeu a posição em que lhe tinham posto os braços para apanhar as pregas do manto. Transtornaram-se-lhe enormemente as feições, bateu uma palmada na testa e disse:

— Aquele bandido não tem respeito, mas tem razão! Venha já á minha presença o visconde de Papafina!

Um dos circunstantes apontou-lhe para um rolo de fumo que se via ao longe, muito ao longe, no horizonte, sobre a água do mar. Aquele fumo era o visconde de Papafina.

que passava á América com os reais tesouros que lhe tinha doado a coroa...

Diante das atitudes estranhas e nunca vistas daquele grande rei, em cólera e em camisa, a alegria publica não conhecia barreiras. Era um coro enorme, imenso, infinito, de todas as vozes que pode tomar o riso e a assuada. Era a casquinada, o guincho, o uivo; as imitações de todos os animais: o grunhido, o berro, o zurro, o cacarejo e o relincho; todas as vozes da natureza; o trovão, a carga de água, o silvo do vento e os bramidos do mar; todas as invenções da troça: o assobio, a pateada, os nomes, os epítetos, a rala, o chocinho, o zabumba, os repiques nos tachos, nas panelas de lata, nas baterias de cobre das cozinhas; os pós, os estalos, os esguichos de água, os busca-pés e as bombas de fogo de estramaltar os curros.

E o grande rei, a pé, em camisa, só, abandonado, pedindo a Deus para morrer, sapateava as ruas, correndo como uma corça, como uma lebre, como uma gamo! Até que cheio de água, de pós, de farinha, de ovos que lhe tinham atirado, meio cego, meio surdo, meio morto de desalento e de cansaço, chegou finalmente ao palácio, onde caiu de cama e enfermou de todas as doenças de que rezavam os livros escritos por todos os sábios do reino!

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

emoção. Os melhores números ingleses e americanos. Arca de Noé, com elefantes, cavalos, «poneyes», cães. Os Peters, verdadeiros marciais, em trajectórias aéreas fantásticas.

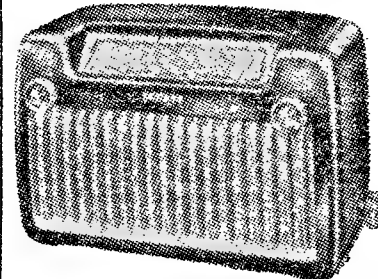
Duas troupes de palhaços. A banda escocesa de lindas raparigas: Dagenham Girl Pipers, em canções do seu país, tocando gaitas de foles. Os diabos do deserto. A morte sobre um fio. Os Robertos, trapezistas das estrelas, e muitos outros números pela primeira vez no Coliseu.

Imagem do dia

Como se tinha previsto, em virtude do êxito desse filme em todas as salas do Mundo, «UM CERTO SORRISO» entra hoje na sua 3.ª SEMANA de exhibições no TIVOLI. O famoso romance de FRANÇOISE SAGAN tem uma interpretação maravilhosa de Rossano Brazzi, Joan Fontaine e Christine Carere — esta última, uma autentica revelação, pelo seu talento e graça juvenil.

SCHAUBLORENZ VIOLA III

O PEQUENO MODELO COM ONDA MARITIMA



Escala portuguesa — 4 ondas.
boa reprodução dos graves
Qualidade a preço popular
Esc.: 1.595\$00



AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

VIDA DESPORTIVA

MOSAICO INTERNACIONAL

Os Estados Unidos reconquistaram a famosa Taça Davis, de ténis, batendo a Austrália, em Brisbane, graças a um... peruano! Efectivamente, contra a opinião de muitos, que consideravam inaceitável que um país como a U. S. A. tivesse de recorrer a um estrangeiro, o capitão da equipa Jones declarou, brutalmente, que precisava dele e o utilizaria de acordo com o regulamento. Este regulamento prevê que qualquer nação possa servir-se de um estrangeiro desde que este esteja há cinco anos nesse país e não haja representado o seu. Era o caso de Alex Olmedo, o artífice do triunfo norte-americano sobre os Australianos. Tudo se decidiu no encontro de pares. Olmedo-Richardson derrotaram Anderson-Fraser e quando estes ganhavam por 2-0, Anderson acusou uma distensão e os Americanos venceram por 3-2. No dia seguinte, Olmedo voltou a ganhar e a «saladeira» regressou aos Estados Unidos depois de uma ausência de 3 anos e pela sétima vez depois de 1938.

O facto de Hopman ter utilizado Anderson, apesar de advertido, por este do seu estado, provocou grande polémica, e o comité de selecção da Austrália mostrava-se decidido a apresentar queixa contra o capitão da equipa.

De um ano para o outro chovem as classificações de atletas, acabando, dada a sua profusão, por lançar certa confusão no publico.

Herb Elliot, o corredor australiano que fez dez vezes menos de 4 m. na milha, apresenta-se como o melhor atleta do Mundo, na opinião quase geral, pois houve quem lhe preferisse Riviere, recordista da hora, ou Raf Jonhson, recordista do decatlo.

No futebol, Kopa foi eleito o «melhor do ano», num referendo de 16 jornais, um tanto arbitrário, pois chegaram a votar elementos que não são especialistas de futebol e não viram em acção os melhores jogadores de todos os países. Em França, Kopa ficou «ex-aequo» com Riviere na tradicional classificação dos redactores de «L'Equipe».

Apesar de tantos plebiscitos, pois houve muitos mais, parece não haver duvidas de que Elliot merece o primeiro lugar, aliás, a frente de um grupo de compatriotas que inclui os famosos irmãos Konrad, autênticos senhores da votação mundial.

O caso da substituição de Kopa na equipa «tricolor» permanece na ordem do dia em França. A experiência de Donis não deu os resultados que se previam e, agora, a crítica inclina-se para o pequeno Guillas, que vimos na selecção militar. Todavia, no Grécia-França, o jovem jogador não conseguiu fornecer a ideia de poder ocupar na equipa nacional civil o lugar que Ray deixou em aberto. Este é, no começo do novo ano, o maior problema do futebol francês, sobre o qual se debruçam técnicos e críticos sem lhe encontrar a solução...

Na Inglaterra, a opinião publica acompanha, com natural alvoroço, a sensacional recuperação do Manchester United. Ao entrar o ano de 1959, o «team» de Matt Busby encontra-se em 3.º lugar, apenas a 1 ponto do «leader», e toda a gente acredita na possibilidade de conquistar o título, desalojando os «Lobos». Depois do colapso que se seguiu à tragédia de Munique, o M. U. retoma o seu rumo, na base dos jovens, integrados na verdadeira «mistica manchesteriana». A subida gradual dos «Busbyboys» marca o momento culminante do famoso campeonato da Liga Inglesa.

A Argentina renova a sua representação futebolística. O sucessor de Stabile, cujo nome não é ainda conhecido, escolheu já 34 jogadores com vista ao próximo campeonato sul-americano, que aquele país pretende aproveitar no sentido de recuperar o seu muito abalado prestigio. Desses 34 pré-seleccionados só 5 são nomes conhecidos. Todos os outros são novos, desejosos de definir o seu valor e seguir as pisadas de Savori, Maschio, Angelillo e outros, que há dois anos reconquistaram, com excepcional brilho, o título sul-americano.

O campeonato carioca de futebol está difícil de resolver-se. O Vasco da Gama, sob a orientação de Gradi, chegou a dar a sensação de

vencedor fácil, mas nas ultimas jornadas cedeu espantosamente e acabou empatando com o Botafogo e o Flamengo. Isso obrigou a uma «poule» suplementar, que já terminou — sem resultado. Os três «teams» ficaram novamente igualados, cada um com uma vitória, pois, no sábado, o Botafogo venceu os vascainos por 1-0. Vai ser precisa segunda «poule»! Como se calcula, o acontecimento está a apaixonar vivamente a multidão de «duriosos», mas felizmente as coisas têm corrido bem. O Vasco, entretanto é o favorito da crítica.

DE LUTO

Paulo Arsénio Monteiro

Com 57 anos de idade, faleceu o sr. Paulo Arsénio Monteiro, natural de Évora, sócio gerente da firma Fama, de Algés, casado com a sr.ª D. Joaquina Ferreira Monteiro. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da Vivenda de N. S.ª de Fátima, em Linda-a-Velha, com destino à Igreja de N. S.ª da Penha de França, onde será celebrada missa de corpo presente, às 12 e 30 h., após a qual segue para jazigo próprio, no cemitério do Alto S. João.

D. Lidia Albertina Froes de Almeida Baltasar

Na Igreja de S. João de Deus, para jazigo no cemitério do Alto de S. João, sai amanhã, às 15 horas, o funeral da sr.ª D. Lidia Albertina Froes de Almeida Baltasar, de 54 anos, natural de Castelo Branco, vítima de desastre na Avenida 24 de Julho, conforme foi noticiado. Trata do funeral a Agência Barata.

D. Julia da Conceição Delgado

Faleceu a sr.ª D. Julia da Conceição Delgado, de 80 anos, natural de Arganil, casada com o sr. Artur Delgado, mãe das sr.ªs D. Maria da Conceição Delgado, D. Lauretina Delgado Pereira, D. Alice Delgado Ferreira e do sr. Alberto Ferreira Pinto. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 10 horas, da Rua de S. Filipe Nery, 36, 1.º, para o cemitério do Lumiar.



Paulo Arsénio Monteiro
FALECEU

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Joaquina Ferreira Monteiro, Emilia da Assunção Monteiro de Matos e seu marido Manuel Marques de Matos, Fernando Monteiro Segurado, mulher e demais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar a sua Divina Presença, o seu querido marido, irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã, 6, pelas 12 horas, da sua residência Vivenda N. S. de Fátima, em Linda-a-Velha, com destino à Igreja de N. S. da Penha de França, em Lisboa, onde será celebrada missa de corpo presente às 12,30 horas, após a qual segue para jazigo próprio no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SALGADO

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

COLHIDA MORTALMENTE — Na sala de observações do Hospital de S. José, onde dera entrada há dias, por ter sido colhida por um automóvel no Cartaxo, faleceu Maria da Conceição Gregória, de 40 anos, sem residência certa.

COLHIDO POR AUTOMÓVEL — Também ali deu entrada, por ter sido colhido por um automóvel, o pedreiro José da Encarnação Cabrita, de 23 anos, residente no Barreiro.

MORTO NA RESIDENCIA — Na sua residência, na Calçada da Picheleira, 108, porta 6, foi encontrado morto, sem que haja suspeita de crime, João Ferreira da Silva Lemos, de 74 anos, empregado no comércio.

INGERIU UMA POÇÃO VENE-

NOSA — Deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, o proprietário sr. José Carlos Ribeiro da Silva Bragança, de 66 anos, residente na Rua Ramalho Ortigão, 8, 2.º, dt., que, por engano, ingeriu uma poção venenosa.

CARROÇA QUE SE VOLTA — Nas Azenhas do Mar, junto da Praia das Maças, voltou-se uma carroça conduzida por Eduardo Miguel Dias, de 58 anos, o qual sofreu graves ferimentos na cabeça. Transportado à sala de observações do Hospital de São José ficou ali internado.

DE QUEM SE TRATA? — Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada, em estado grave e sem fala, uma mulher que aparenta ter 60 anos e parece chamar-se Maria, a qual, no Campo Grande, foi atropelada por um automóvel.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): Um porta-moedas com emblema do Benfica e dinheiro; um porquinho da Índia; um boné verde; um cabaz de verga com géneros diversos; um porta moedas com medalhas e cinco pesetas; uma ficha metálica com as iniciais «C. A. A.» da «Escola Naval»; uma nota do Banco de Portugal; uma escova de dente; um boné preto; uma botinha de criança; um gorro de lã; um sapato de senhora; um tampão de roda de automóvel; um aro de roda de automóvel; um capuz de gabardina; luvas de senhora e outras desirmanadas; diversas argolas com chaves; um guarda-chuva com pega de osso; cinco lampadas fluorescentes; e um ferro de brunnir, de sapateiro.

ELECTROLAR

AQUECIMENTO ELÉCTRICO

RADIADOR AUTOMÁTICO A ÓLEO

CONSUMO MÍNIMO DE ENERGIA
Temperatura sempre certa e agradável
Patentes n.º 876, 74.069 e 74.070

CONVECTOR DE EMBUTIR «CALOR NEGRO»

MUITO DECORATIVO E EFICIENTE
O mais moderno e económico aquecimento
Patentes n.º 5.750, 74.069 e 74.070

CONVECTOR AUTOMÁTICO «CALOR NEGRO»

LUXUOSA APRESENTAÇÃO
GRANDE SUPERFÍCIE DE IRRADIAÇÃO
NÃO QUEIMA AS POEIRAS * NÃO VICIA O AR

TERMO VENTILADORES

Para aquecimento de grandes áreas
PARA FINS INDUSTRIAIS

5 ANOS DE GARANTIA ELECTROLAR

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 592 — Praça D. João I, 39 — Telef. 24769-21482
LISBOA: Rua Zaire, 5-3.º-Esq.º — Telef. 844444

PREFIRA PRODUTOS PORTUGUESES
COMPARE QUALIDADE E PREÇOS



Paulo Arsénio Monteiro
FALECEU

MONTEIRO & PAULINO, LDA., participa aos seus clientes, fornecedores e amigos, o falecimento do seu sócio-gerente e que o funeral se realiza amanhã dia 6, pelas 12 horas da Vivenda N. S.ª de Fátima, em Linda-a-Velha, com destino à Igreja de N. S.ª da Penha de França, em Lisboa, onde será celebrada missa de corpo presente às 12,30 horas, após a qual segue para jazigo próprio no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SALGADO



Paulo Arsénio Monteiro
FALECEU

PARAÍSO DO ALTO DO PINA, participa aos seus clientes, fornecedores e amigos, o falecimento do tio do sr. Fernando Monteiro Segurado e que o Funeral se realiza amanhã dia 6, pelas 12 horas da Vivenda N. S.ª de Fátima, em Linda-a-Velha, com destino à Igreja de N. S.ª da Penha de França em Lisboa, onde será celebrada missa de corpo presente às 12,30 horas, após a qual segue para jazigo próprio no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SALGADO



Lidia Albertina Froes de Almeida Baltazar
FALECEU

Julia Maria Baltazar e Carmo Costa Franco, marido e filho, José Duarte Baltazar e Carmo e mulher, Maria de Almeida Baltazar (ausente), Joaquim de Almeida Baltazar, mulher e filhos, Francisco de Almeida Baltazar, mulher e filhos, Manuel de Almeida Baltazar, mulher e filhos e mais família, participam que foi Deus servido chamar a Sua Divina presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 15 horas da Igreja de S. João de Deus, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA BARATA

DIÁRIO DE LISBOA

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 5 de Janeiro de 1929:
«Guilherme Faria morreu em plena mocidade. Não quis esperar pela hora do triunfo e, sobretudo, por aquela experiência quotidiana em que as nossas maiores tragédias, no rolar do tempo, se dissipam com ironia, com indiferença, ou, quando muito, numa vaga de saudade sem aspiração. Mas, assim mesmo, deixou uma obra escrita com talento, entranhadamente pessoal, sem ideias cansadas, nem harmonias já tangidas. Os seus versos são lindos mesmo reflectindo a doçura de uma tristeza vencida. Como as flores dos cemitérios, fecundas, de uma pompa forte e tumescente, eles bebiam no aniquilamento um encanto indizível, um aroma coalhado de essências peregrinas — lavavam! — e nós ouviamos a voz do rio dos mortos, correndo na terra, sem tréguas, nem descanso».

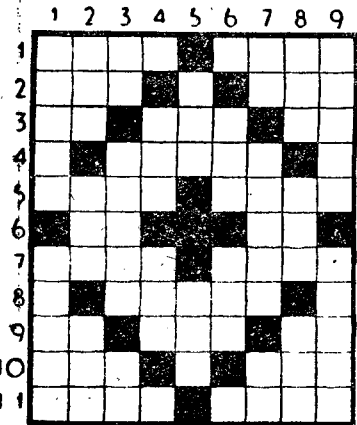
TELEVISÃO

Hoje, às 21. abertura da emissão; 21 e 2. noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10. jornal de actualidades internacionais; 21 e 25. «Culinária»; 21 e 50. «Tauromaquia»; 22 e 5. «O Destino não quis»; 22 e 30. Os casos do domingo desportivo; 23. Momento musical; 23 e 15. actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30. fecho da emissão.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1469



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Existe. 2 — Alguns. Pedras de amor. 3 — Satélite de Jupiter. Preposição. Antes de Cristo. 4 — Frequentar. 5 — Serra de Portugal. Nome de uma flor. 6 — Deusa da Lua entre os egípcios. Escarnece. 7 — Dar mios. Nome árabe da propriedade da terra indígena muçulmana, na Argélia. 8 — Cuidado. 9 — Reis. Camareira. Símbolo químico do rado. 10 — Monarca. Oferecer. 11 — Aves pernaltas. Abale.

VERTICAIS: 1 — Capital da República do Equador. Falece. 2 — Indivisível. Part. Preposição. 3 — Fazes parte de Patriarca hebreu filho de Sara e Abraão. Comparecia. 4 — Senhora. Rilhe. 5 — Nome dado ao sultão de Tunes. Ninho. 6 — Grande quantidade. Fruta do conde. 7 — Prefixo de negação. Acabe. 550 em numeração romana. 8 — Vai pelo ar. Textualmente. Acusado. 9 — Escorre. Glória.

Resolva completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1468

HORIZONTAIS: 1 — MMCC. Apar. 2 — Ia. Lese. 3 — A. Olhar. 4 — Hão. Pl. 5 — Cores. SEU. 6 — Atem. Cara. 7 — Rds. Falam. 8 — Um. Par. 9 — TEMPO. 10 — Apelei. SE. 11 — Sara. Ruim.

VERTICAIS: 1 — Mia. Carumas. 2 — Má. Notam. Pá. 3 — Rds. Ter. 4 — COLHEM. Pela. 5 — Has. Fama. 6 — Alão. Carpir. 7 — Res. Sal. 8 — AS. PERNAS. Si. 9 — Refluam. Sem.

Provérbio: A SEU TEMPO SE COLHEM AS PERAS.

CONJUNTOS A 175\$00
EM Lã «SHETLAND»

SECIA

BOUTIQUE

31, Rua da Conceição
Tel. 30546 — LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Notícias e dancas; 18 e 45: Canções italianas; 19: Desdobramento; 21: Notícias; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Notícias, boletim meteorológico e fecho. **Programa «A» — A's 19:** Crónica tauromáquica; 19 e 15: Passatempo musical; 19 e 30: Alegria no trabalho; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Trechos em piano; 20 e 30: Zarzuela; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Desdobramento — Conjuntos instrumentais; 21 e 30: As viagens maravilhosas; 22: Concerto ligeiro; 22 e 30: História do teatro; 23: Música de sempre. 23 e 15: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores. **Programa «B» — A's 19:** «Cenas infantis», de Schumann; 19 e 20: Leituras portuguesas; 19 e 30: «Sonata em mi bemol maior», para violino e piano, de Mozart; 19 e 50: Notícias regionais; 20: «A hora espanhola», de Maurice Ravel; 20 e 50: Música de piano; «Rondo caprichoso op. 14», de Mendelssohn; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Conversando com o dr. João Manuel Balthazar Oleiro, acerca do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia; 21 e 10: Segundo programa do festival «Setembro Musical de Montreux» No intervalo: Tempo de Poesia; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17: Opetar; 17 e 30: Ritos de baile; 18: Cozinha alentejana; 18 e 15: Imagens por musica; 18 e 45: Interlúdio feminino; 19: Canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Motivos portugueses; 21 e 15: Guy Mitchell; 21 e 20: Trechos recreativos; 22: Novos dis-

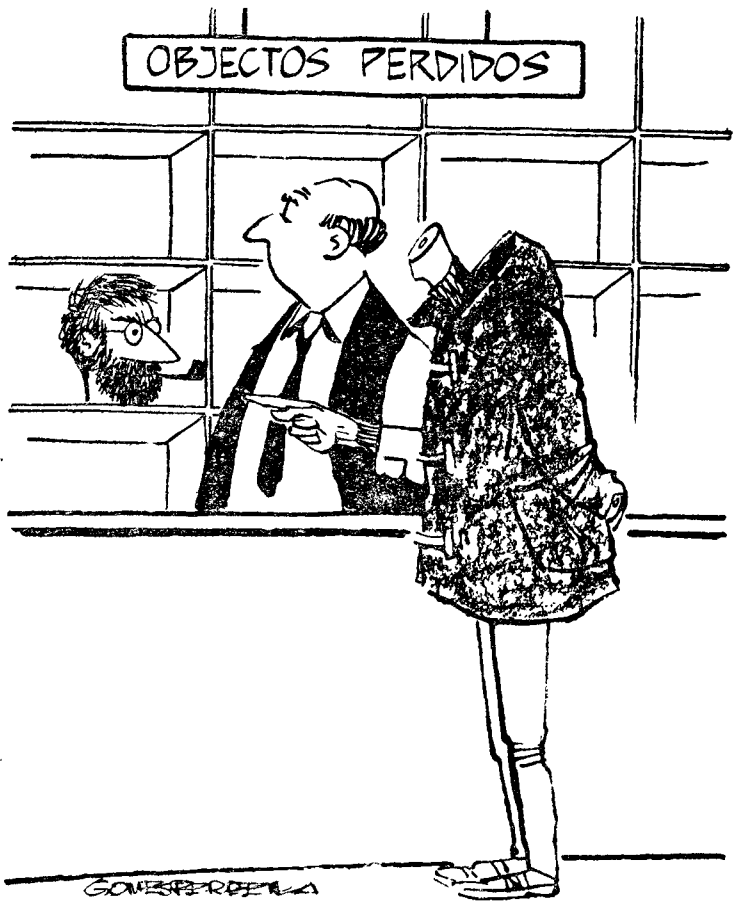
cos; 23 e 20: Festa de Reis; 23 e 30: Ritos de baile do Maxime; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Brasil; 0 e 30: Notícias; 0 e 40: baile. **Estação de Miramar — A's 18 e 15:** Catherine Sauvage; 18 e 30: Conjuntos instrumentais; 19 e 15: Orquestras e canções; 19 e 45: Curso de língua inglesa; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Imagens por musica; 20 e 45: Conjuntos vocais; 21: Notícias; 21 e 15: Julia Babo; 21 e 30: Os grandes esquecidos; 22 e 45: Melodias; 23: Concerto; 23 e 30: Inter-médio musical; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Panorama musical de Paris; 20: Canções que o Mundo canta; 20 e 30: Notícias; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Musica regional portuguesa; 21 e 50: Solistas; 22: Livros e leituras; 22 e 20: Fantasias para piano e orquestra; 22 e 45: Notícias; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 19 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 às 22: Rádio Peninsular; 22 a 1: Rádio Graça, 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO L — Estrada de Benfica. 648. Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431. Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A. Tel. 761629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35. Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua 0, 29-D — Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 Tel. 779180; Europa — Estrada da Portela, lote 5. Tel. 710131; Cartaxo — Av. da Igreja, 21-C. Tel. 776358;



— É essa !...

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compr	Venda
ons. 2 3/4 P. 10	946\$00	946\$00	946\$50
ons. 3 % P. 10	954\$00	984\$00	984\$50
ons. 3 1/2 % P. 10	—	1.016\$00	1.020\$00
Centenárias 4 % 1940	2.215\$00	2.210\$00	2.220\$00
Obr. les. 2 1/2 % 1942	—	1.010\$00	—
Obr. les. 2 1/2 % 1943	—	1.005\$00	—
Obr. les. 2 1/2 % 1944	—	1.005\$00	—
Externo 1.ª série s/juro	—	1.260\$00	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.260\$00	—
Externo 2.ª série	—	1.265\$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.265\$00	—
Externo 3.ª série	—	1.370\$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.370\$00	—
Aut. 3.ª série s/juro	—	—	—

Obrigações	Efect	Compr	Venda
Aguas Lisboa 5 %	—	505\$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
As Elect. 3 3/4 %	918\$00	917\$00	919\$30
As Elect. 4 %	—	952\$00	958\$00
As Elect. 4 1/2 %	—	990\$00	995\$00
As Elect. 5 %	1.010\$00	1.009\$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	84\$00	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	100\$00	101\$00
Metropolitano	1.007\$00	1.007\$00	1.008\$00

Ações	Efect	Compr	Venda
Alentejo	490\$00	—	490\$00
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	8.700\$00	—
Lisboa & Açores	—	—	2.950\$00
Portugal	—	2.020\$00	2.030\$00
Ultramarino	1.624\$00	1.623\$00	1.625\$00

Seguros	Efect	Compr	Venda
Mundial	545\$00	510\$00	550\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	2.500\$00
Lagos	—	—	—

C. Ultramarinas	Efect	Compr	Venda
Ag. Cassequei	—	—	—
Ag. das Neves	—	750\$00	795\$00
Agric. Colonial	808\$00	805\$00	818\$00
Acucar de Angola	—	2.270\$00	3.000\$00
Boror	—	350\$00	365\$00
Abinda	—	—	220\$00
Cadã	—	—	4.000\$00
Colonial do Ruzi	295\$00	295\$00	296\$00

C. Ultramarinas	Efect	Compr	Venda
ilha do Principe	—	1.950\$00	2.000\$00
Incomati	—	3.400\$00	3.500\$00
Mocambique	—	144\$00	145\$00
Zambeia	—	—	—
Diamantes T 100	755\$00	753\$00	556\$00
Lobite T 10	—	1.190\$00	1.500\$00

C. Diversas	Efect	Compr	Venda
Cimentos Fejo	—	510\$00	550\$00
Cimentos Leiria	—	495\$00	520\$00
Credito Predial	42\$00	41\$50	42\$50
Industrial Alliance	—	—	—
Portugal e Colonias	400\$00	398\$50	—
Nacional Navegação	—	—	—
Colonial Navegação	—	1.040\$00	1.100\$00
Port. de Celulose	—	2.050\$00	—
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	298\$00	297\$50	299\$30
Tabacos de Portugal	—	—	—
Sacor	—	3.300\$00	3.350\$00

Aguas. Electricidade e Gás	Efect	Compr	Venda
Aguas Lisboa 1934	285\$00	285\$00	290\$00
Aguas Lisboa 1936	—	285\$00	—
Elect. Jas Beiras	1.258\$00	1.250\$00	1.260\$00
Gás e Electricidade	293\$50	293\$50	291\$00
H. Alto Alentejo	132\$50	132\$00	133\$00
H. E. Cávado	1.205\$00	1.205\$00	1.210\$00
H. E. Zêzere	1.200\$00	1.200\$00	1.205\$00
Nac. de Electricidade	—	1.292\$00	1.295\$00
União Elect. Port	—	189\$00	190\$00

GRÊMIO NACIONAL DAS CASAS DE CAMBIO

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78\$25	79\$75
Alemanha	6\$80	6\$95
América:		
Dólares de 1 a 2	28\$30	28\$60
Dólares de 50 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	\$40	\$45
Austria	1\$10	1\$15
Belgica	\$56	\$57,5
Brasil	\$19,5	\$21,5
Canadá	29\$20	29\$70
Congo Belga	\$56	\$56,5
Dinamarca	3\$95	4\$25
Espanha	\$49	\$50,5
Francia	\$05,5	\$05,9
Holanda	7\$45	7\$75
Inglaterra	79\$50	81\$00
Itália	\$04,45	\$04,65
Marrocos	\$05,8	\$06,3
Noruega	3\$85	4\$15
Suécia	5\$40	5\$74
Suiza	6\$60	6\$75

Ouro:	COMPRA	VENDA
Inglaterra (Libra)	270\$00	280\$00
Portugal — Barra	32\$55	32\$95
Portugal — Barra Fino	32\$55	33\$35

BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 TELEF. 21273
Papéis de crédito

Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12. Tel. 727721; Avis — Av. de Roma, 56-B/C. Tel. 776070; João XXI — Avenida João XXI, 16-A. Tel. 726462; Campo Pequeno (Do) — Av. da Republica, 58-D/E. Tel. 771661; Figueiras — Avenida Marquês de Tomar, 20. Tel. 44995; Cardeira — Avenida Duque de Avila, 32-C. Tel. 43495; Lungenit, Ld. Avenida da Republica, 55-A. Tel. 772132; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (frente ao «Avis Hotel», Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9. Tel. 45578; Contemporanea — Rua Conde de Redondo, 26-30. Tel. 45048; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 389237; Pinto — R. de Xabregas, 63-65. Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120. Tel. 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araújo, 46-B/C. Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A. Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31. Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26. Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10. Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101/A. Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras). Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C. Tel. 682772; Castro Fonseca — R. 4 de Infantaria, 26. Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazuil, 32-B, Tel. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10. Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3. Tel. 610256; Remísio — R. dos Jerónimos, 14-C. Tel. 61699; Teles — Rua João de Barros, 2. Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2. Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226. Tel. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro, 78. Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100. Tel. 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André, 107-111. Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3. Tel. 863984; Nacional — Rua do Salitre, 7. Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24. Tel. 23540 — A — Avclar — Rua Augusta, 225. Tel. 23977.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava encoberto e o vento era fraco por acção duma massa de ar marítima transportada na circulação de um anticiclone centrado a Oeste de Lisboa e Porto.

Temperaturas às 9 horas: Covilhã, 2°; Porto, 3°; Lisboa, 5°; Pénhas Douradas, 8°; Faro, 12° e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ AS 21 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, por vezes pouco nublado nas regiões do interior. Vento fraco tornando-se moderado de sudoeste no fim do período. Nevócios no litoral oeste do continente português.

Fidel Castro ordenou o fim da greve geral e deve chegar amanhã a Havana já ocupada pelas suas forças

HAVANA, 5 — Fidel Castro ordenou, durante a noite, o fim da greve geral, que começou na quinta-feira, coincidindo com a queda do regime de Fulgêncio Batista, para que se normalizem em todo o país as actividades industriais e comerciais.

Hoje, a maioria das pessoas voltou ao trabalho, os estabelecimentos abriram e os lojistas tratam do reabastecimento de pão, carne e vegetais frescos.

Durante os últimos dois dias, as mercearias, atingidas pela paralisação, só estiveram abertas durante duas horas, forçando as donas de casa a esforços para comprarem qualquer coisa e causando a escassez de géneros alimentícios em estabelecimentos.

Entretanto, 6.000 soldados de Castro, muitos deles com longas barbas, ocuparam agora a cidade, e novas forças continuam a chegar constantemente. A milícia revolucionária começou a deter pessoas relacionadas com o antigo regime de Batista. As principais prisões feitas, até agora, são as de Joaquín Martínez Saenz, presidente do Banco Nacional de Cuba, e de Emertério Santovenia, presidente do Banco para o Desenvolvimento Industrial e Agrícola. Ambos os bancos são instituições governamentais. Sabe-se, também, que estão em regime de prisão alguns membros do Governo de Batista e muitos funcionários superiores.

Fidel Castro autorizou a saída de todos os jornais. Dois deles já publicaram, ontem, edições especiais. Uma companhia de transporte já foi autorizada a fazer circular os seus camiões em todo o território da ilha e as companhias aéreas americanas obtiveram autorização para recomeçar o tráfego aéreo.

Na capital, a situação continua calma. Um aparelho da Companhia Cubana de Aviação partiu para uma praia da costa, a fim de recolher turistas norte-americanos desejosos de regressar ao seu país. Um outro aparelho chegou de Guatemala, com revolucionários que estavam em exílio.

Os chefes revolucionários declararam que o Governo realizará importantes empresas que não estão ao alcance do capital particular e que grandes esforços serão feitos para estimular o progresso económico. — (R. e F. P.).

A entrada de Castro na capital

HAVANA, 5 — Fidel Castro encontrava-se ontem à noite em Camaguey. A chegada demorou mais do que se previa devido ao mau estado das estradas; além das homenagens da população das localidades que atravessou. Supõe-se que chegue hoje a Santa Clara (Las Villas), esperando-se que esteja em Havana amanhã à tarde.

O dr. Ernesto «Ché» Guevara, braço direito de Fidel Castro, que chegou à capital com a guarda avançada, a fim de preparar a entrada triunfal do chefe dos rebeldes, confirmou numa entrevista pela TV que Fidel Castro só estará na capital amanhã ao fim da tarde.

Anunciou que as forças militares do Governo de Batista na Ca-

baña e no campo entrincheirado de Colômbia depuseram as armas. A operação terminou ontem. «Agora — acrescentou — entramos num período de reorganização».

De braço ao peito, devido aos ferimentos que sofreu nos combates de Santa Clara, pálido e com as feições vincadas de um homem que não dorme há muitas horas, o médico amigo de Fidel Castro aceitou de bom grado ao interrogatório dos jornalistas cubanos e estrangeiros.

Quando lhe perguntaram se era comunista, o dr. Guevara respondeu: — «Muitos combatentes da liberdade na América Latina, homens como Castillo Armas, na Guatemala; Lázaro Cardenas, no México, e o próprio Fidel Castro foram apodados de comunistas. Tenho muita honra em contar-me entre eles».

— Está satisfeito com o apoio das nações latino-americanas ao movimento revolucionário?

— Pelo contrário: sinto-me profundamente desapontado. Ninguém levantou um dedo para nos ajudar, excepto o presidente José Figueras, da Costa Rica, que nos mandou armas. Apreciamos o apoio moral e as lições que nos deu o povo da Venezuela ao derrubar Perez Jimenez — e nada mais.

— Gostaria de continuar a lutar contra as ditaduras na América?

— Evidentemente!

— Quais?

— Não estou interessado em ci-tá-las.

— Tenciona regressar à Argentina?

— Teria muito gosto nisso, mas por agora há muito que fazer ainda. — (F. P.).

Ainda há luta violenta com os núcleos de resistência

HAVANA, 5 — Em entrevista concedida à imprensa, Fidel Castro disse que, em Camaguey, ainda há pequenas «bolsas» de resistência, onde já morreram, pelo menos, 30 dos seus homens.

Acrescentou que, nesse foco de resistência, já foram feitos muitos prisioneiros, cuja sorte dependerá das sentenças dos tribunais revolucionários, que os julgarão.

Disse estar convencido de que os réus serão condenados à morte, para «exemplo das futuras gerações». — (A. N. I.).

Reunião do episcopado

HAVANA, 5 — O Arcebispo anunciou que, por instruções do cardeal Manuel Arteaga, foi convocada para o dia 17, na capital, uma reunião dos bispos cubanos, para examinar a situação e depois serem publicadas as directrizes que o cardeal entende deverem ser seguidas pelo Governo provisório. Espera-se que a Igreja chamará a atenção para os perigos da infiltração comunista. — (A. N. I.).

Refugiados no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 5 — Mais de 80 partidários do antigo presidente Fulgêncio Batista refugiaram-se na Embaixada chilena em Havana — segundo anunciou o Ministério dos Negócios Estrangeiros. — (A. N. I.).

A situação vista de Washington

WASHINGTON, 5 — «A composição do Governo nomeado por Manuel Urrutia, novo presidente de Cuba, não permite esperar-se um regresso próximo à tranquilidade no país». É a impressão nos círculos políticos onde se nota que os ministros escolhidos por Urrutia pertencem todos, sem excepção, à fracção «ultra Castro» das forças cubanas que se juntaram ao movimento de 26 de Julho. Os entendidos nos assuntos cubanos prevêem, pois, uma luta renhida pelo poder, desde que o Governo cubano tomar posse, em Havana — (F. P.).



Os reporteres fotográficos franceses foram ao Eliseu cumprimentar o presidente Coty e oferecer-lhe um album com os melhores «clichés» da sua vida profissional. Com a melhor disposição, o chefe do Estado francês pegou numa máquina e colheu ele próprio a imagem daqueles que tantas vezes o fotografaram nos ultimos anos

A resposta de Bonn ao Governo soviético

BONN, 5. — Na sua nota enviada a Moscovo e aqui publicada hoje, o Governo federal declara «partilhar da opinião jurídica» dos Governos ocidentais, segundo a qual «uma denuncia unilateral dos acordos interaliados a respeito de Berlim, pelo Governo da U. R. S. S. é inaceitável. As comunicações contidas nas notas do Governo da U. R. S. S. aos três Governos referidos de modo nenhum privam dos seus direitos os outros associados nem desobrigam a U. R. S. S. dos compromissos tomados».

A nota foi entregue pelo embaixador do Governo da Republica Federal em Moscovo, Hans Kroll, ao vice-ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Vladimir Semenov. — (F. P. — R. — A. N. I.).

A Conferência de Genebra

(Continuação da 1.ª página)

ao desenvolvimento da arte nuclear no campo militar, o planeta estará em perigo.

Segundo Anastase Mikoyan, vice-primeiro-ministro da U. R. S. S., encontra-se, actualmente, nos Estados Unidos, em «Visita particular». Mas um dos três assuntos impor-

Ultimas notícias

Não há notícias do balão «Pequeno Mundo»

SAN FRANCISCO, 5 — Um informador da Guarda Costeira classificou de mistificação um sinal de socorro recebido na mesma frequência de rádio da que é usada pelo balão transatlântico «Pequeno Mundo». Esse sinal fez com que, ontem, descolassem dois aviões que efectuaram pesquisas no Pacífico, sem resultado.

O sinal foi transmitido na frequência que seria utilizada pelos aeronautas britânicos, dos quais não há notícias desde o mês passado, quando estavam prestes a concluir a viagem em balão sobre o Atlântico, desde as ilhas Canárias até às Índias Ocidentais.

O sinal de socorro dizia: «Estamos-nos a afundar. Pedimos o auxílio da Guarda Costeira da Califórnia». — (R.).

Dessejaram as mensagens do foguetão cósmico

MOSCOVO, 5. — O emissor do foguetão cósmico deixou de enviar mensagens, cerca das 7 horas (T. M. G.), encontrando-se, nessa altura, a 597.000 quilómetros da Terra — anuncia a agência «Tass». — (F. P.).

Os cientistas russos admitem que o loguetão possa regressar à Terra

(Continuação da 1.ª página)

cias de lançamento de foguetões, a realizar pela U. R. S. S., a Lua será o primeiro objectivo a alcançar directamente.

Afirmou «a certeza de que, nos próximos anos, trarão ao povo soviético novos êxitos nas suas pesquisas no espaço interplanetário e depois no interestelar».

A perspectiva de transportar a fronteira do Sistema Solar

Falando pela Rádio de Moscovo, o prof. Kukarkin disse que as nave espaciais do futuro poderão transportar as fronteiras do Sistema Solar, pois, «uma vez que a velocidade de 11,2 quilómetros por segundo foi atingida, é evidente que outras velocidades muito maiores são tecnicamente possíveis e que serão atingidas em futuro próximo».

As informações que possam obter-se dos foguetões que se aproximam das estrelas, «relativamente à potência nuclear, não são o unico objectivo a atingir — salientou.

«É possível ir mais longe — afirmou Kukarkin — e pensar noutros objectivos. «Oderemos ultrapassar não sómente o nosso Sistema Solar, mas até o nosso Sistema Galáctico. Trata-se de um problema que pode também ser resolvido — e que promete o maior interesse na sua solução».

«De minuto a minuto, chegam à Terra informações das condições de voo do foguetão, dos seus encontros com os meteoritos, das substâncias interplanetárias, da radiação corpuscular do Sol e dos raios cósmicos» — «escreve também no «Pravda» o prof. Topchiev, secretário-geral da Academia das Ciências. Prossegue: «As dimensões colossais e o peso da nave cósmica dão a certeza de que o «terceiro passo» para o cosmos, a viagem fantástica do homem para outros planetas, se tornará uma realidade». — (R. — F. P. e A. N. I.).

Os problemas que a sensacional experiência poderá resolver

MOSCOVO, 5 — A Rádio de Moscovo e a Imprensa «oviética» transmitiram e publicaram trinta entrevistas com sábios, umas maiores nomes da Astronomia, da Astrofísica e da Astronáutica, na Rússia, relativas ao foguetão lunar.

Estas entrevistas representam um primeiro balanço provisório do que, segundo os sábios, a experiência cósmica soviética deu ou dará ainda. Ela permitirá resolver, inteiramente ou em parte, os seguintes problemas:

No que se refere à Lua — Haverá ali campo magnético? Qual a sua intensidade e qual a massa da Lua? O solo lunar é radioactivo? A este respeito poderia obter-se uma confirmação muito interessante: se a composição dos elementos radioactivos contidos, eventualmente, no solo lunar é semelhante à do solo terrestre, estabelecer-se-á a origem comum da Terra e da Lua.

Quanto à mecânica celeste: O estudo da trajectória do foguetão permitirá fazer uma ideia mais precisa das forças de atracção da Terra, da Lua, do Sol, e verificar ou completar as teorias de Newton com respeito à gravitação, e as de Einstein sobre a relatividade.

Com respeito à natureza do espaço interplanetário, propriamente dito: Estabelecimento da intensidade e densidade da componente pesada dos raios cósmicos, se se verificar que os elementos pesados se encontram na mesma proporção em relação aos prótons, isto é, aos núcleos de hidrogénio, conforme pôde ser estabelecido para o espaço intersideral, poderá então concluir-se que os raios cósmicos formam muito simplesmente a matéria intersideral, mas acelerada até à velocidade da luz sob a acção dos campos magnéticos da nossa galáxia. Intensidade das correntes meteoricas. Propagação das ondas rádio.

A experiência permite verificar o comportamento de novos aparelhos científicos no foguetão e na Terra.

As conclusões dos sábios sobre a empresa agora tentada

Depois do envio do foguetão cósmico, os sábios da U. R. S. S. tiram as seguintes conclusões:

A fronteira entre a astronomia e a astrofísica «desaparece». Uma nova etapa na conquista do espaço pelo homem, acaba de ser vencida, permitindo prever que o homem da geração actual irá ao cosmos.

O problema do envio de um foguetão à Lua só poderá ser resolvido quando se souber de forma precisa, imprimir ao foguetão (uma vez que penetre na região lunar), uma velocidade inferior à «velocidade de libertação», isto é, aquela necessária a um corpo vindo da Lua para se libertar da sua atracção na mesma região.

Contudo, mesmo neste caso, não é certo que o foguetão «alunee», pois pode, ao entrar no campo de atracção lunar, tornar-se em satélite artificial da Lua, ou depois de contorná-la, regressar à Terra.

A «condução» do foguetão no período crítico seria um bom meio de resolver o problema pois, obter, actualmente, uma precisão tal que um foguetão «não conduzido», sem motor possa, chegar à Lua, representa um problema técnico muito complicado.

O prof. Dobronravov afirmou nitidamente que o actual foguetão não era «guiado».

Foi anunciado, oficialmente, que a medida que se forem recolhendo, por meio de máquinas electrónicas as informações obtidas, elas serão tornadas publicas. — (F. P.).

O novo Governo da França

PARIS, 5. — Confirma-se que o ministro das Finanças, Antoine Pinay, fará parte do próximo Governo. Haveria duas soluções em vista: a sua nomeação para ministro de Estado, tendo a seu cargo a orientação e a coordenação do conjunto dos departamentos financeiros, económicos e técnicos, ou a continuação das funções que exerce actualmente, com a superintendência daquelas actividades.

Pinay foi recebido hoje, em Roma, pelo Papa João XXII. — (F. P.).

TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES

oretones, tapeçarias, cetins, linhos, veludos, pegamoides, veludinas, damascos, tecidos estilo, estores, plásticos, passadeiras, tapetes, carpetes, alcáfitas, marquissete, voiles, cássas. Casa Elisio Santos — Rua dos Sapateiros, 32 — Lisboa

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos — Tel. 14

TODOS OS DIAS

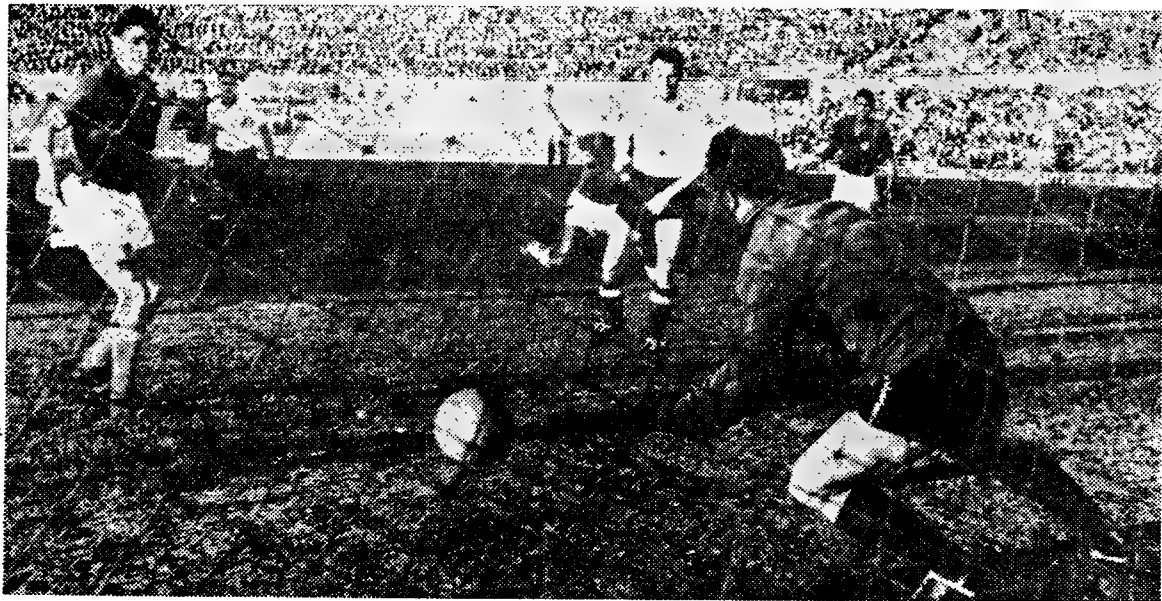
Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

Subsidiado pelo Fundo do Turismo



Yauca rematou (está encoberto por Costa), mas Sebastião acabará por de fender mais uma vez, enquanto Tonho dá a ideia de estar deslocado

Um golo de antologia

O magnífico Estádio do Restelo não encheu, mas o publico, atraído pela perspectiva de um bom espectáculo, compareceu em elevada quantidade, aliás a justificar um interesse correlativo com as carreiras dos dois contendores no campeonato. A expectativa, porém, saiu defraudada, se bem que os 90 minutos não hajam provocado uma decepção absoluta.

Apenas, no que se refere à presença dos Vimaraneses aguardava-se

NO BARREIRO

Lançamento de foguetões...

por ISAAC PAIS

Aplicando ao jogo do campo «D. Manuel de Melo» uma célebre frase que entrou já nos domínios da História, diríamos que «nunca tantos jogaram tão pouco e tão mal...». Em síntese, esta é a imagem fiel do que se passou na partida «caseira» do Barreiro.

Com efeito, com excepção dos guarda-redes — dos dois, mas por motivos diferentes — não houve entre os restantes vinte, um unico que merecesse nota sequer de suficiente; o pouco, refere-se naturalmente à quantidade de jogo «jogado», tal a enormidade de tempo perdido com bolas fora, interrupções frequentes e consecutivas por virtude de faltas e demoras na reposição do esférico em jogo; finalmente, o mal, deriva da baixa qualidade do futebol exibido pelas duas equipas, futebol primitivo, sem cen-

(Continua na 6.ª página)



Foi assim a luta no Barreiro: bola pelo ar e os jogadores disputando-a em cacho, ardorosamente. No lance reconhecem-se C. Alberto, Oliveira e Godoy (N.º 8)

O Vitória decepcionou

mas os «azu s» podiam ter marcado mais

por FERNANDO SOROMENHO

—se mais do que se viu, pelo menos num plano aproximado ao que o grupo tem vindo a realizar, com espanto e admiração gerais. Todavia, a equipa dirigida por Mariano Amaro, um homem que nos seus tempos de praticante denunciou sempre uma craveira técnica elevada, não pôde apresentar-se devidamente apetrechada, pois faltaram-lhe duas «pedras de peso» — os brasileiros Ernesto e Edmur.

Com estas duas unidades, talvez a fisionomia da partida fosse diferente, mas a previsão afigura-se arriscada e até injusta, vamos lá, para a equipa belenense a qual, evidente-

mente, tratou de se aplicar a fundo, na defesa dos seus interesses, sem se importar com esta ou aquela at-

(Continua na 7.ª página)

No Estádio «28 de Maio»

Tarde desastrada de todos os avançados

Por

DOMINGOS DA LUZ

bém da banda dos Bracarense. Quanto a estes, não é de estranhar visto que o atirar ao golo constitui para eles aspecto angustiante.

Em todo o encontro apenas dois lances de golo surgiram — um para cada lado. Mas até nesses Vasques e Teixeira não chegaram sequer a acertar com as balizas.

Não se julgue que não houve po-

dos Bracarense, mas, por igual, ineficaz a visar as balizas.

Em três ou quatro jogadas bem delineadas, o próprio Mendes, cheio de movimentação, pôde enquadrar-se no ataque e aplicar os seus remates. Mas, apesar de tudo, não pôde evitar a má pontaria dos seus colegas. De resto, faltou ao Sporting a toada de desgaste que convinha impor ao adversário, jogando um tanto ao retardador, e para os lados, permitiu, quase sempre, a recuperação dos homens que eram batidos, mesmo quando os lances se desenrolavam próximo da zona de tiro.

Faltou à turma «leonina» a garra de outros tempos. A sua velocidade de jogar e as suas desmarcações constantes e perigosas estive-



O bracarense Azevedo, entre Hilário e Osvaldinho, não consegue mais do que cabecear a bola á toa

O poder do Benfica e as qualidades de Manuel Lopes nunca estiveram em dúvida

No cenário do Jamor, onde se encontram, na verdade, os melhores terrenos para a prática do corta-mato, a equipa do Benfica na categoria de principiantes, obteve a primeira vitória da nova temporada de Inverno, triunfo que lhe assenta bem e define, claramente o seu poder, nesta especialidade.

A luta por equipas foi, assim, tão renhida, que a vitória colectiva veio, a concretizar-se, apenas nas ultimas centenas de metros. Nos dez primeiros lugares os «encarnados» classificaram

cinco atletas contra quatro do Sporting e um do Casa Pia, que por sinal revelou intuição para estas corridas. Na verdade, o casapiano Raul Paiva, sem o auxílio do seu outro companheiro (António Dias, classificado em 2.º lugar) pôde bater-se com elevação respondendo aos ataques dos «leões» e dos «encarnados». A sua corrida ordenada e ritmada chamou a atenção do publico e dos técnicos.

(Continua na ultima página)

A artilharia... bombardeou em falso

Por

Henrique Parreirão

O Benfica ganhou como se esperava. Abriu cedo o caminho para o triunfo — e não chegou, portanto, a ter problemas.

Com superioridade absoluta em todos os sectores — calma na defesa, aplicação na linha intermédia e a maior voluntariedade no ataque — os «encarnados» mandaram incriticamente no terreno.

Bem depressa o interesse pelo jogo se limitou á simples particularidade de o Benfica fazer mais ou menos golos... A «artilharia» foi, assim, chamada a intensa prova — e, embora se movimentasse sempre com a maior objectividade em direcção ao alvo, apenas conseguiu metralhar três vezes com êxito. Foi pouco. Bombardeou muito em falso!

Sendo essa a faceta de maior interesse do desafio — a demonstração de fogo aberto pelos «artilheiros» do Benfica — é precisamente, por ela que vamos começar esta pequena crónica.

O «leader» teve, ontem, um ad-

versário demasiadamente fácil — nem muito forte na defesa e nada perigoso no ataque. Um adversário, portanto, á mercê da «artilharia» encarnada — que podia muito bem ter chegado a resultado de grande sensação.

Foram, porém, mais as ocasiões perdidas do que os golos conquistados — parecendo-nos exagerado o sistema adoptado nos remates de longe em lances que, mais trabalhados, poderiam dar duas maiores satisfações ao publico: melhor execução e melhor proveito.

Alguns remates arrancados on-

(Continua na 6.ª página)



Rita segura com firmeza uma das muitas bolas atiradas á distancia pelos «encarnados»

OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

TORNEIO DA ZONA SUL

Uma jornada... de "marcar passo"

Ficou ontem vencido o segundo terço da fase inicial do campeonato nacional da 2.ª Divisão. Decorreu a 18.ª jornada e os resultados que se apuraram foram os que a seguir relembramos:

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta. A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Atlético	18	14	2	2	72-22	30
Olhanense	18	11	3	4	44-21	25
Montijo	18	10	2	6	38-31	22
Farense	18	9	3	6	43-20	21
Almada	18	9	3	6	32-22	21
Estoril	18	9	3	6	32-28	21
Portimonense	18	8	4	6	24-34	20
Oriental	18	9	1	8	30-24	19
Juventude	18	6	4	8	18-32	16
Serpa	18	6	—	12	35-59	12
Arroios	17	4	3	10	24-42	11
Sacavenense	18	3	5	10	16-34	11
Beja	17	4	3	10	21-49	11
Coruchense	18	3	4	11	30-40	10

De todos os grupos que jogaram

EM ALMADA

A «frescura do Olhanense» superou a vontade dos visitados

Sabendo-se de antemão quão difícil se torna para as equipas visitantes, passar no campo do Pragal, nada fazia prever que o Olhanense seria capaz de torcer as dificuldades provenientes da sua deslocação a Almada. A equipa da casa, quando chamada a actuar no seu próprio meio, supera-se a si própria, de modo que, constitui um escolho para qualquer, até mesmo para as equipas mais bem apetrechadas.

Todavia, opondo a veracidade dos factos a todos os vaticínios, o Olhanense impôs «meia-vontade» aos locais, obrigando-os a um empate, nada previsto mas que tem de se aceitar.

Empregou o Almada, principalmente no primeiro tempo, a sua costumada vivacidade, para submeter o adversário a uma toada defensiva, aliás, «fictícia», beneficiando do Sol que lhe dava pelas costas, para surpreender o «keeper» visitante, com pontapés compridos, o que lhe valeu, sem dúvida, maior ascendência territorial, mas que não resultou, mais por deficiência no remate do que propriamente pela oposição dos defensores algarvios que se mostraram demasiadamente frágeis, vendo-se em apuros para sustentar o ímpeto dos avançados almadenses.

Com um golo marcado a dez minutos de jogo, quando o despique ainda não tinha um mínimo de calor, e dadas as liberdades que o adversário concedia aos avançados locais, dentro da grande área, é evidente que os Almadenses podiam ter ido mais além, de modo a justificar a posição de comando de jogo dentro dos primeiros 45 minutos, mas, um lance infeliz de Leal, dentro da área de rigor, deu aos Algarvios a possibilidade do «empate». O Olhanense «cresceu», dando a partida um tom de equilíbrio que não se verificaria até então.

No segundo tempo e numa completa inversão de papéis, procurou o Olhanense tirar partido do elemento Sol para explorar as dificuldades de visibilidade do guarda-redes local, alvejando com mais frequência a baliza contrária, servindo-se, para isso, do poder de infiltração do «duo» Venício-Angelo, que passou a dar à equipa visitante mais personalidade quando no caminho da baliza.

Da reacção inesperada dos forasteiros, em contraste flagrante com a perda de frescura dos Almadenses — que baixaram sensivelmente de poder físico, com o decorrer do tempo —, nasceu o «empate» que justifica a actuação das duas equipas.

Anacleto Gomes, de Lisboa, que dirigiu a partida, foi um árbitro cheio de personalidade, justificando-se plenamente o «concerto» que

Hipotecas

15 a 3.800 contos emprestamos rapidamente sobre 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Juro baixo e dispensa de amortizações. CASA LAIRES — Rua da Prata, 291, 2.ª-Dt. — Tel. 25487.

De todos os grupos que jogaram

EM ALMADA

A «frescura do Olhanense» superou a vontade dos visitados

Sabendo-se de antemão quão difícil se torna para as equipas visitantes, passar no campo do Pragal, nada fazia prever que o Olhanense seria capaz de torcer as dificuldades provenientes da sua deslocação a Almada. A equipa da casa, quando chamada a actuar no seu próprio meio, supera-se a si própria, de modo que, constitui um escolho para qualquer, até mesmo para as equipas mais bem apetrechadas.

Todavia, opondo a veracidade dos factos a todos os vaticínios, o Olhanense impôs «meia-vontade» aos locais, obrigando-os a um empate, nada previsto mas que tem de se aceitar.

Empregou o Almada, principalmente no primeiro tempo, a sua costumada vivacidade, para submeter o adversário a uma toada defensiva, aliás, «fictícia», beneficiando do Sol que lhe dava pelas costas, para surpreender o «keeper» visitante, com pontapés compridos, o que lhe valeu, sem dúvida, maior ascendência territorial, mas que não resultou, mais por deficiência no remate do que propriamente pela oposição dos defensores algarvios que se mostraram demasiadamente frágeis, vendo-se em apuros para sustentar o ímpeto dos avançados almadenses.

Com um golo marcado a dez minutos de jogo, quando o despique ainda não tinha um mínimo de calor, e dadas as liberdades que o adversário concedia aos avançados locais, dentro da grande área, é evidente que os Almadenses podiam ter ido mais além, de modo a justificar a posição de comando de jogo dentro dos primeiros 45 minutos, mas, um lance infeliz de Leal, dentro da área de rigor, deu aos Algarvios a possibilidade do «empate». O Olhanense «cresceu», dando a partida um tom de equilíbrio que não se verificaria até então.

No segundo tempo e numa completa inversão de papéis, procurou o Olhanense tirar partido do elemento Sol para explorar as dificuldades de visibilidade do guarda-redes local, alvejando com mais frequência a baliza contrária, servindo-se, para isso, do poder de infiltração do «duo» Venício-Angelo, que passou a dar à equipa visitante mais personalidade quando no caminho da baliza.

Da reacção inesperada dos forasteiros, em contraste flagrante com a perda de frescura dos Almadenses — que baixaram sensivelmente de poder físico, com o decorrer do tempo —, nasceu o «empate» que justifica a actuação das duas equipas.

Anacleto Gomes, de Lisboa, que dirigiu a partida, foi um árbitro cheio de personalidade, justificando-se plenamente o «concerto» que

Da reacção inesperada dos forasteiros, em contraste flagrante com a perda de frescura dos Almadenses — que baixaram sensivelmente de poder físico, com o decorrer do tempo —, nasceu o «empate» que justifica a actuação das duas equipas.

Anacleto Gomes, de Lisboa, que dirigiu a partida, foi um árbitro cheio de personalidade, justificando-se plenamente o «concerto» que

Hipotecas

15 a 3.800 contos emprestamos rapidamente sobre 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Juro baixo e dispensa de amortizações. CASA LAIRES — Rua da Prata, 291, 2.ª-Dt. — Tel. 25487.

O guarda-redes olhanense prepara-se para recolher o esférico, apesar da oposição do extremo almadense

em casa só dois não fizeram melhor do que há 13 semanas, quando se deslocaram para os campos dos seus adversários: o Arroios e o Sacavenense. Na 5.ª jornada da prova ambos haviam empatado; ontem foram derrotados.

Implicamente, os outros cinco visitados tiraram partido de actualidade no seu ambiente. Senão vejamos: o Oriental e o Farense confirmaram vitórias, por maior margem de tentos; o Montijo, o Desportivo de Beja e o Almada rectificaram para empates as derrotas da 1.ª volta.

E já que falamos de empates, não queremos deixar de referir a coincidência de entre as seis equipas que repartiram, entre si, irrimamente os pontos para a classificação, estavam cinco que antes ocupavam os cinco primeiros lugares da tabela; o outro que empatou foi o Beja. Dos três empates veio a beneficiar mais directamente o Farense, que, vencendo, ficou mais perto do terceiro classificado a par do Almada e do Estoril.

Entre os últimos cinco houve aspectos idênticos: quatro foram derrotados e um empatou. Não se deram pois alterações sensíveis na cauda da tabela.

Foi bem uma jornada... de «marcar passo».

PEDRO CARVALHO

NO MONTIJO

O poder dos visitantes ao querer dos locais

Não se pode jogar com mais genérica do que o fez a equipa montijense no seu cotejo com o grupo de Alcantara. A rapidez posta na luta e a decisão nas entradas — triunfos utilizados pelos locais — perturbaram notoriamente os lisboetas e, quando se atingiu a hora e meia, o Montijo tinha um golo no seu activo e nenhum sofrido.

Aconteceu, porém, que os donos da casa tinham exagerado nas demoras de reposição em jogo de bolas saídas do rectângulo e, nos minutos compensadores do tempo propositadamente perdido, o Atlético empatou.

As cautelas defensivas que o «comandante» prodigalizou durante todo o primeiro tempo, atraíram sobre o seu meio-campo a pressão contrária, a qual só daria fruto já dentro da segunda parte. Foi, então, que os «atléticos» se tiraram de cuidados e Orlando saiu da sua posição recuada, para, de parceria com Germano, tomar o meio do campo, até aí em poder dos amarelo-verdes.

Terá feito bem o grupo da Tapadinha em só nessa altura buscar deliberadamente o ataque ou veria a sua tarefa simplificada se se tem abalancado mais cedo ao assalto da baliza de Redol? A verdade é que se torna sempre difícil de

Da reacção inesperada dos forasteiros, em contraste flagrante com a perda de frescura dos Almadenses — que baixaram sensivelmente de poder físico, com o decorrer do tempo —, nasceu o «empate» que justifica a actuação das duas equipas.

Anacleto Gomes, de Lisboa, que dirigiu a partida, foi um árbitro cheio de personalidade, justificando-se plenamente o «concerto» que

Hipotecas

15 a 3.800 contos emprestamos rapidamente sobre 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Juro baixo e dispensa de amortizações. CASA LAIRES — Rua da Prata, 291, 2.ª-Dt. — Tel. 25487.

O guarda-redes olhanense prepara-se para recolher o esférico, apesar da oposição do extremo almadense

em casa só dois não fizeram melhor do que há 13 semanas, quando se deslocaram para os campos dos seus adversários: o Arroios e o Sacavenense. Na 5.ª jornada da prova ambos haviam empatado; ontem foram derrotados.

Implicamente, os outros cinco visitados tiraram partido de actualidade no seu ambiente. Senão vejamos: o Oriental e o Farense confirmaram vitórias, por maior margem de tentos; o Montijo, o Desportivo de Beja e o Almada rectificaram para empates as derrotas da 1.ª volta.

E já que falamos de empates, não queremos deixar de referir a coincidência de entre as seis equipas que repartiram, entre si, irrimamente os pontos para a classificação, estavam cinco que antes ocupavam os cinco primeiros lugares da tabela; o outro que empatou foi o Beja. Dos três empates veio a beneficiar mais directamente o Farense, que, vencendo, ficou mais perto do terceiro classificado a par do Almada e do Estoril.

Entre os últimos cinco houve aspectos idênticos: quatro foram derrotados e um empatou. Não se deram pois alterações sensíveis na cauda da tabela.

Foi bem uma jornada... de «marcar passo».

PEDRO CARVALHO

NO MONTIJO

O poder dos visitantes ao querer dos locais

Não se pode jogar com mais genérica do que o fez a equipa montijense no seu cotejo com o grupo de Alcantara. A rapidez posta na luta e a decisão nas entradas — triunfos utilizados pelos locais — perturbaram notoriamente os lisboetas e, quando se atingiu a hora e meia, o Montijo tinha um golo no seu activo e nenhum sofrido.

Aconteceu, porém, que os donos da casa tinham exagerado nas demoras de reposição em jogo de bolas saídas do rectângulo e, nos minutos compensadores do tempo propositadamente perdido, o Atlético empatou.

As cautelas defensivas que o «comandante» prodigalizou durante todo o primeiro tempo, atraíram sobre o seu meio-campo a pressão contrária, a qual só daria fruto já dentro da segunda parte. Foi, então, que os «atléticos» se tiraram de cuidados e Orlando saiu da sua posição recuada, para, de parceria com Germano, tomar o meio do campo, até aí em poder dos amarelo-verdes.

Terá feito bem o grupo da Tapadinha em só nessa altura buscar deliberadamente o ataque ou veria a sua tarefa simplificada se se tem abalancado mais cedo ao assalto da baliza de Redol? A verdade é que se torna sempre difícil de

Hipotecas

15 a 3.800 contos emprestamos rapidamente sobre 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Juro baixo e dispensa de amortizações. CASA LAIRES — Rua da Prata, 291, 2.ª-Dt. — Tel. 25487.

O guarda-redes olhanense prepara-se para recolher o esférico, apesar da oposição do extremo almadense



Um defesa coruchense afasta o esférico, de cabeça, vigorosamente, antecipando-se aos dianteiros orientais

EM MARVILA

Tudo previsto... Venceu a juventude

Tudo decorreu como estava previsto, isto é, verificou-se a vitória dos donos do campo e a luta animosa que a estes ofereceram os Ribatejanos. O resto é consequência do jogo.

O resto, neste caso, terão sido as dificuldades que os orientais tiveram que enfrentar para levar de vencida o adversário, ainda que nunca estivesse em dúvida a sua superioridade.

Assim foi na verdade: a melhor organização dos visitados na defesa e a meio campo não parecia conduzir ao resultado desejado, uma vez que a cortina defensiva dos adversários anulava as arremetidas dos seus dianteiros, que a tentaram passar abusando do «dri-

bling» ao invés de abrirem o jogo.

A presença de «veteranos» em numero apreciável na equipa visitante era, também, um factor importante a torcer, dado que a sua experiência dava até azo a que contra-atacassem com certa frequência. Não fora a falta de pontaria e decisão e teríamos no final um resultado diferente.

Continuáramos a dizer apesar de tudo, que a melhor equipa não tivera sorte, mas era de aceitar qualquer outra marca, em virtude da aplicação demonstrada pelos visitantes. Estes pareceram-nos formar uma equipa «preocupada», e com razão, pois jogadas de fácil solução apareciam de um momento para o outro complicadas de tal forma que nada havia a fazer.

O Oriental deu-nos a sensação de maior descontração, parecendo que está mais confiante. E, contudo, difícil tirar uma conclusão só por este jogo.

O Coruchense, como dissemos, lutou para conseguir um melhor resultado, mas a idade e o peso de alguns dos seus jogadores comprometeram decisivamente as suas naturais aspirações.

A experiência pode ajudar a resolver problemas, mas no caso presente, não nos parece.

Dos elementos em campo destacamos no Oriental: Servo, Luz, Luciano e Pina. No Coruchense: José Maria, Luís António, Alfredo e Corona.

José Contreiras, que dirigiu a partida, teria direito a uma apreciação muito favorável, se não fosse a marcação forjadíssima de uma grande penalidade contra os visitantes. Ficamos com a impressão de que se deixou influenciar com as manifestações dos adeptos orientais, quando da anulação de um golo obtido por Pina em «fora de jogo», muito duvidoso. Quanto ao resto, esteve bem.

JOAQUIM PEDRO



Um momento culminante do interessante desafio de Sacavém em que um dianteiro dos locais esteve prestes a bater a defesa algarvia

EM FARO

Um golo irregular facilitou o êxito dos «leões»

Os Farenenses começaram a partida contra os Serpenses permitindo domínio territorial. Muito embora os visitantes tivessem sofrido um golo irregular, aos nove minutos, por manifesta «deslocação» de Vinagre, deram sempre luta viril aos donos da casa.

Se não lograram o empate, no primeiro trecho da partida, e não diminuíram a desvantagem até final, foi porque os seus dianteiros, ainda que actuando bem, pecaram por rematar excessivamente de longe, facilitando, assim, a missão do guarda-redes algarvio.

Os «leões» farenenses não deram boa conta de si, pois, embora hajam vencido, abriram o activo contra a corrente do jogo.

Em hábeis contra-ataques, no segundo tempo, os visitantes conseguiram, com certa assiduidade, acercar-se das balizas à guarda de

Mário. Mas, Mateus e Patalino só dificilmente conquistaram superioridade sobre a defesa dos locais, onde Ventura e J. Maria se se cotaram em bom plano.

Se os Alentejanos têm procurado forçar a defesa algarvia, não atirando de longe, certamente que o resultado não teria a mesma expressão desfavorável para as suas cores, pois o «onze» algarvio não fez actuação para tanto, mormente porque os seus interiores não souberam impor-se, aliás, como aguardávamos.

Dos visitantes, há a salientar, Quim, Sidónio, Cecílio, Betinho e Velhinho. Dos locais, Ventura, Costa, Poeira e Vinagre.

A arbitragem errou, quanto ao primeiro tento e à expressão de Balela.

PEDRO MARTINS

TORNEIO DA ZONA NORTE

O Leixões e o Boavista... de v'nto em popa

Com os jogos de ontem, correspondentes à 18.ª jornada, ficaram percorridos os dois primeiros terços da caminhada na primeira fase do campeonato nacional da 2.ª Divisão. Recordemos os resultados.

Portalegrense-Leixões	3-6	(1-6)
Boavista-Gil Vicente	5-1	(5-4)
Oliveirense-Vianense	1-0	(3-1)
Chaves-Espinho	2-1	(2-4)
Marinhense-Salgueiros	1-1	(1-4)
Peniche-Sanjoanense	3-2	(1-2)
Tirsense-Vila Real	1-1	(2-4)

Entre parêntesis os resultados dos desafios da 1.ª volta.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Leixões	18	12	4	2	41-16	28
Boavista	18	11	3	4	50-30	25
Oliveirense	18	9	3	6	32-31	21
Salgueiros	18	9	2	7	38-24	20
Desp. Chaves	18	8	3	7	31-27	19
Peniche	18	7	5	6	34-31	19
Sp. Espinho	18	8	3	7	23-22	19
Marinhense	18	8	2	8	31-23	18
Vila Real	18	7	4	7	26-27	18
Tirsense	18	7	4	7	31-43	18
Sanjoanense	18	5	6	7	23-30	16
Gil Vicente	18	5	4	9	23-38	14
Vianense	18	5	2	11	28-33	12
Portalegrense	18	2	1	15	15-51	5

O Leixões (fora) e o Boavista (em casa), respectivamente, guia e sub-guida da classificação venceram, tal como acontecera na correspondente jornada da 1.ª volta. Ambos vinham mais folgado do que os três outros vencedores desta jornada, Oliveira (a confirmar uma vitória) o Desportivo de Chaves e o Peniche (a obterem desforras), a sua supremacia. Marinhense e Tirsense aproveitaram a circunstância de se exibirem nos seus campos para rectificarem para empates as derrotas sofridas há 13 semanas.

Não houve, por conseguinte, surpresas nos resultados de ontem.

A luta para o terceiro lugar continua a ser o grande aliciante da competição. Com efeito do 3.º ao 10.º da classificação vai uma escassa diferença de 3 pontos. A Oliveira foi a equipa mais afortunada, pois beneficiou do empate registado na Marinha Grande para se adiantar ao Salgueiros e firmar-se no 3.º lugar.

Entre os últimos, as derrotas da Sanjoanense, do Gil Vicente, do Vianense e do Portalegrense mantiveram o «panorama», tornando-se cada vez mais difícil a situação do «lanterna-vermelha» (Portalegrense).

Entretanto, o Leixões e o Boavista vão... de vento em popa...

O Leixões mostrou-se sólido

A visita dos Leixõesenses a Portalegre, aguardada com justificado interesse, confirmou, da melhor maneira, a sua actual capacidade, não só através de um resultado conclusivo como ainda da exibição produzida.

Efectivamente, depois de um curto período de retraimento, de estudo, que lhe custou dois golos, o Leixões passou a manobrar, com inteira segurança, desenvolvendo jogo de recorte exacto assente sobre um conjunto sólido, que não tardou a conduzi-lo até à igualdade. A equipa local, a base de energia, conseguiu o desempate, logo no recomeço, mas os Nortenhos retomando a autoridade anterior, intensificaram a sua acção no ataque procurando ficar a coberto de contrariedades e conseguindo-o com a obtenção de mais dois tentos.

A fase derradeira do encontro mostrou os visitantes á-vontado, accentuando a noção de superioridade

de e confirmando o seu merecido triunfo com novo tento.

No «Bessa», o Boavista reencontrou-se

Ansiando por recuperar a cadência vitoriosa, o Boavista procurou adquirir vantagem logo no começo da partida que disputou contra o Gil Vicente, logrando os seus intentos com o primeiro golo, aos 4 minutos.

Os Barcelenses, porém, longe de se entregarem capricharam na réplica, evidenciando apreciável entendimento que chegou a originar dificuldades aos «axadrezados».

O melhor fundo técnico dos Portuenses não demorou, porém, a vir ao de cima e com ele, os golos, bem trabalhados pela linha dianteira do grupo da casa, decidida a alvejar a baliza.

Foi, por entre o domínio do Boavista e quando o resultado ia já em 4-0, que os Gilistas conseguiram, perto do final, atingir as redes adversárias, mas os locais, sempre mais fortes na concepção e conclusão dos lances, repuseram a ampla vantagem anterior, a dois minutos do termo do encontro, que deixou a impressão do Boavista se ter encontrado.

A falta de remate castigou o Marinhense

O jogo da Marinha Grande, entre Marinhenses e Salgueiristas despetou larga expectativa, levando ao campo da Portela a maior assistência da época.

O Marinhense, embora tenha dominado intensamente, durante a maior parte do encontro, viu os seus esforços anulados pela contrafrase da ineficácia dos seus dianteiros, que não souberam aproveitar a série de oportunidades criadas. O Salgueiros, enérgico e seguro na defesa procurou sustentar a margem favorável que alcançou aos 8 minutos, mas a insistência do grupo da casa acabou por estabelecer a igualdade como resultado definitivo.

O jogo teve fases desagradáveis de dureza, das quais foi reflexo a expulsão de Jacinto, avançado-centro marinhense.

Dominar muito e marcar pouco — caso da Oliveirense

Dando a perceber regresso à boa condição física e técnica que a notabilizou no começo da competição, a Oliveirense realizou ante o Vianense demonstração de qualidades que a vitória tangencial esteve longe de traduzir. A acção do guarda-redes visitante Desidério, que foi figura marcante no terreno, constituiu forte obstáculo para os locais, que tiveram enormes dificuldades para batê-lo, só uma vez o conseguindo.

O Vianense, embora tivesse reagido na segunda parte, estimulado pelo resultado escasso, esbarrou com a segurança da defesa oliveirense, jamais logrando impor-se ou colocando em perigo sério o triunfo caseiro.

Luta entusiástica e bom triunfo flaviense

O Estádio Municipal de Chaves foi palco de uma luta entusiástica entre Flavienses e Espinhenses, que ofereceram, ao numeroso público, uma das mais espectaculares partidas da temporada.

Embora atingido por forte contrariedade, que o privou do seu defesa Amorim, lesionado aos 10 minutos, o Chaves realizou boa exibição.

ção, com saliência para Anselmo o melhor jogador em campo.

O Espinho, com jogo vistoso e bem comandado por Walter, foi contendor á altura, tornando a luta empolgante e certa até final.

A defesa do Vila Real impôs-se em Santo Tirso

Em Santo Tirso, foi a defesa vila-realense que teve as honras, suportando, resolutamente, o assalto impetuoso dos Tirsenses, impondo um resultado de igualdade, que assim mesmo os locais só conseguiram nos últimos minutos da partida.

Desde começo, os Trasmontanos evidenciaram a sua firme disposição, defendendo-se e atacando com extraordinária vontade e atingindo o intervalo com um golo a seu favor.

O Tirsense, surpreendido, lançou-se em ofensiva aberta, mas desordenada, conquistando o empate á custa de enormes esforços.

Vitória difícil do Peniche

Peniche e Sanjoanense realizaram jogo movimentado, que ofereceu diversas alternativas, acabando por decidir-se em favor dos Penichenses, mais pelo factor ambiente que por outro qualquer motivo.

A Sanjoanense extremamente combativa, não deu um momento de tréguas, colocando-se por duas vezes em avanço na marcação. Foi precisa forte reacção dos locais, no trecho derradeiro da luta, para que conseguissem recuperar e concluir vitoriosamente.

OJILETLEVOJILEXON

No Montijo

(Continuação da página anterior)

contudo, como faga de dois gumes, porque se o ajudaram a atingir e manter a situação de vencedores durante largo tempo, também consentiram que aumentasse a vantagem e traíram-no no final do prélio.

A igualdade que deu e, ao mesmo tempo, tirou um ponto aos contendores, acaba por não ofender, embora se reconheça que os donos do campo estiveram mais perto do triunfo e mais fizeram por obtê-lo. O poder do Atlético: vindo ao de cima no declinar do desafio, acabou, no entanto, por garantir-lhe o empate. Poder e querer saíram, assim, com a mesma recompensa do campo «Luís Almeida Fidalgo».

Não queremos deixar de nos referir ao excessivo vigor — para não usar outro termo — com que foi disputada a partida. Nada pode justificar alguns excessos que se verificaram em muitos lances «cautelosamente» discutidos.

Mora, Barrigana e André foram os melhores do Montijo. Alvarez, Mesiano e Gomes sobressaíram no Atlético.

Francisco Guimarães, de Beja, deu o flanco no capítulo disciplinar.

FRANCISCO CAMILO

AUTOMOBILISMO

O CAMPEONATO

Nacional de Condutores

O Automóvel Clube de Portugal fez distribuir já o regulamento do Campeonato Nacional de Condutores, do qual fazem parte as seguintes provas:

Março, de 5 a 8 — X Volta a Portugal organizada pelo Clube 100 á Hora. 21 e 22 — V «Rallye» ás Antas, organizado pelo F. C. Porto.

Abril, 11 e 12 — X «Rallye» de S. Pedro de Muel (Arte e Sport); 26 — VIII «Rallye» de Montanha (Estrela e Vigorosa).

Maio, 9 e 10 — Os 1.000 quilómetros do Benfca; 23 e 24 — II «Rallye» do Sporting.

Julho, 20 e 21 — VII «Rallye» do Porto (Académico F. C.).

Agosto, 28 a 30 — III «Rallye» ao Mediterrâneo (Belenenses).

Outubro, de 22 a 25 — «Rallye» do A. C. P. (Milénario de Aveiro).

Para o calendário desportivo internacional constam as seguintes provas:

Junho, 19 — I Volta á Ilha da Madeira (C. S. Madeira).

Julho, 12 — XIII Circuito Internacional de Vila Real.

Agosto, 23 — VIII Grande Prémio de Portugal (A. C. P.).



Um passe de «ballet», a meio-campo, em que são protagonistas um jogador do Arroios e outro do Juventude

EM MOSCAVIDE

Os locais decepcionaram

A equipa do Arroios que, no 1.º jogo da primeira volta, arrancara em Évora um empate a duas bolas, não conseguiu, desta vez, no seu próprio campo, bater o Juventude, como por certo aguardariam os seus prosélitos. E sucumbiu por um «score» (2-0) que poderia ainda ter sido mais elevado se a trave, duma vez, e a imperícia de Caeiro, noutra, a tal não tivessem obstado.

Diga-se, desde já, que o êxito dos Eborenses foi perfeitamente justo, porquanto constituiram não só o melhor e mais correcto grupo no terreno, como também, aquele que desfrutou de melhores ocasiões de golo feito, não obstante o esférico ter permanecido, durante mais tempo, no seu meio-campo.

Para além da forma elegante harmoniosa e de bom recorte técnico patenteada pelos Eborenses ao longo dos 90 minutos, ficou a ideia de que o Arroios, por culpa própria, também pouco fez para vencer o encontro.

Com um nervosismo incompreensível e imposição de uma tola de choque e rispidez, nada a carácter com as tradições do grupo, os «tricolores», além disso, actuaram sem meios, daí provindo o rumo pouco definido das suas jogadas. É certo que os dianteiros, com excepção para Custódio, também não souberam resolver, por si só, os problemas que se lhes depararam — o maior dos quais terá sido o acerto dos defensores visitantes — mas a verdade é que nunca «chitas», nem Marçal foram os médios que o grupo carecia e de que carece.

Destes factos se aproveitou o Juventude para conseguir uma excelente vitória, assente aliás no bom labor de Casimiro, Castiglia, Viegas e Caeiro.

Nos vencidos, apenas R. Alves,

Perroncino

estrea-se no domingo no Atlético

Perroncino, o novo argentino do Atlético — que já conta com Alvarez e Mesiano — devia alinhar ontem no Montijo contra a equipa local. Porém, dada a responsabilidade do encontro, o treinador Montez adiou a sua estreia na equipa principal dos alcantarenses, o que, tudo indica, se verificará no domingo, no jogo em que o Atlético recebe o Oriental.

UMA VITÓRIA

dos basquetebolistas madrilenos

MADRID, 5 — A equipa de basquetebol do Real Madrid, num jogo da segunda mão, derrotou a do Urania Geneve Sport, da Suíça, por 71-46 (41-18 ao intervalo), nas eliminatórias da Taça dos Campeões Europeus. — (A. N. I.).

Brito e Custódio merecem referência.

Fraca arbitragem do sr. Encarnação Salgado, que ignorou totalmente as faltas por jogo perigoso.

NUNO MOTA

EM BEJA

Empate

que castiga a ineficácia dos locais

O jogo, que ontem disputaram Estorilenses e Bejenses, não proporcionou grandes fases ou momentos para vastas apreciações técnicas. Deste modo, a expectativa natural de um prélio vivido com emoção em virtude de se defrontarem o quarto classificado, ainda com ambições aos postos cimeiros, e o ultimo da tabela, numa tentativa de fuga á «lanterna-vermelha» saiu gorada, porque o jogo, de baixa bitola técnica, teve sempre, andamento lento, acusando ambos os grupos consaço, a partir do intervalo.

Pelo domínio que exerceram e pelas oportunidades que desfrutaram, os locais mereciam vencer. No entanto, a ineficácia dos seus atacantes (note-se que os melhores remates do encontro pertenceram a Meira e a Vladimiro) continua a ser apontamento notório. E, deste modo, o zero-zero final fica como castigo justo para uma inoperância não vista...

A equipa estorilense, que mostrou certa fragilidade na defensiva, não soube também tirar partido do período em que dominou territorialmente. No entanto, os seus avançados, que gizavam bons lances de ataque, demonstravam mais objectividade.

—Nos Bejenses, evidenciaram-se S. Nina, Vladimiro e Vaz. No Estoril, Augusto, Manuel 2.º e Martins. A arbitragem esteve de molde a não prejudicar.

JOSE MOEDAS

Em Sacavém

(Continuação da página anterior)

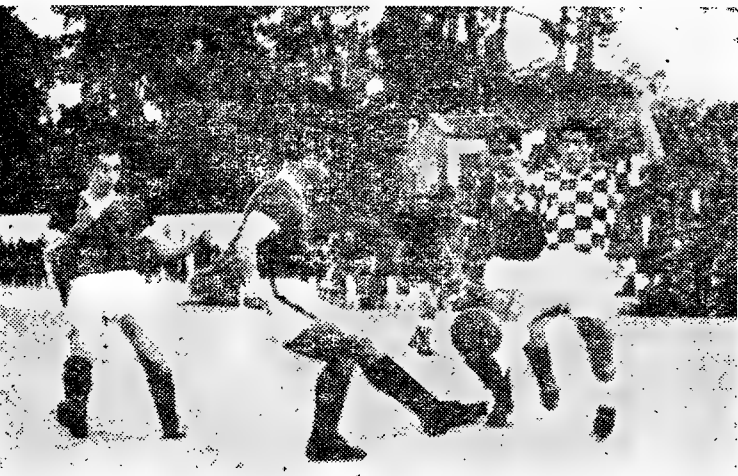
cação e antecipação, uma linha de médios perfeitamente cónsica da tarefa que lhe cabe, quer na destruição quer na construção do jogo e um hábil sector dianteiro, rápido, perigoso e acutilante.

Embora tecnicamente menos apetrechado, o Sacavenense deu excelente réplica e foi um bom vencido. Teve o triunfo á sua mão, mas faltou-lhe sorte e — vamos lá — talento para levar de vencida a equipa visitante.

Fazer referências individuais seria, quanto a nós, flagrante injustiça, pois todos ganharam jus ao mesmo aceno de simpatia.

Magnífico trabalho da equipa de arbitragem.

FERNANDO F. GARCIA



Eduardo corta uma avançada dos axadrezados, despachando a bola para longe



Para quando a nomeação do técnico para a selecção do «Cross das Nações»

Mais uma vez aqui estamos a reclamar contra as improvisações que são de muito agrado no desporto português. O assunto é delicado e merece a atenção devida. Trata-se de uma representação nacional, de uma satisfação a dar aos estrangeiros que confiaram em nós para organizarmos a famosa corrida o «Cross» das Nações.

A equipa lusitana, que até tem conquistado resultados honrosos além fronteiras, parece agora codenada a não fazer as honras da casa. Estamos a 72 dias da prova e ainda nada há de positivo quanto à selecção nacional que deverá representar o País. Por que não está delincada e designado um técnico responsável para a selecção do «Cross» das Nações?

Estamos perante um dilema que os responsáveis têm de dar solução. Não podemos comprometer o prestígio de que desfrutamos além fronteiras. O panorama que se nos depara para a primeira competição internacional de corta-mato no nosso País não é brilhante.

Vamos ou não solucionar o caso?

Remates às balizas...

★ Jimmy Hill, presidente da Associação dos Jogadores ingleses profissionais, pensa em criar um sindicato mundial da categoria. Já começou a contactar com os interessados de todo o Mundo...

★ A Radiotelevisão Portuguesa não desiste de transmitir directamente os jogos de futebol. O Benfica-Sporting esteve por um triz, mas a F. P. F. à última hora disse um categórico «não».

★ A Académica discorda da forma como estão regulamentados os aspectos financeiros do Campeonato Nacional, acusando os grandes clubes de ficar com o substancial do que deveria caber, em partes iguais, ao clube visitante e ao clube visitado. Considera mesmo um escândalo o facto dos sócios não contribuírem para a receita dos encontros.

★ As receitas do «Nacional» da 1.ª Divisão decresceram em relação à época transacta. Mas as da 2.ª Divisão aumentaram. É interessante a comparação...

★ Galaz e Martinho estão em condições legais de jogar no próximo domingo, visto que beneficiaram da recente amnistia.

★ Vadinho ainda não reapareceu na categoria de honra do Sporting. Ontem, foi ver o jogo do Restelo. Razões? A nova direcção, que toma posse depois de amanhã, decidirá em definitivo. Talvez Vadinho alinhe no domingo.

★ A cidade de Orão oferece a quantia de 30 milhões de francos para ser cenário do jogo Reims-Real-Madrid para a Taça dos Campeões Europeus. É uma importância choruda, mas os Espanhóis não deverão aceitar.

★ Pelé é uma figura popularíssima em todo o Brasil. No campeonato paulista, que a sua equipa (Santos) conquistou, o famoso negrinho (tem 18 anos) marcou 61 golos, mas ele afirma que foram só 59...

Uma curiosidade: alguém alvitrou

que TELEFONE passe a designar-se por PELEPHONE.

★ O jogo Itália-Espanha, em futebol, realizar-se-á no próximo dia 28 de Fevereiro, no Estádio Olímpico de Roma.

No Estádio das Antas

Nem difícil nem fácil...

O estádio das Antas, durante tanto tempo considerado pequeno para a afluência de multidões que seguem, apaixonadamente, cada jornada de campeonatos passados, está, afinal, a considerar-se grande pela força das circunstâncias. Os jogos de maior cartel já lá vão, tudo se resumindo, em expectativa, a aguardar a visita do Belenenses, ainda distante. E o primeiro lugar, a despeito do revés benfiquista há duas semanas, também permanece, razoavelmente, afastado dos Portuenses, os quais, não obstante todos os esforços e esperanças, tardam, em demasia, no regresso à forma ambicionada.

Todo este conjunto de factores deixa boa parte do estádio azul-branco desoladoramente vazio e, algumas vezes, haverá razão para lamentar que aconteça isso. Ontem, por exemplo, terá sido uma delas, se considerarmos a movimentação que a equipa do Lusitano imprimiu à partida, acabando, naturalmente, por perder, mas limitando os números e desempenhando o seu papel com uma decisão e galhardia dignas de todos os encómios. cremos que todos os Portuenses, esquecidos já alguns momentos de susto, terão motivos para estar gratos aos valorosos alentejanos, que não só lhes ofereceram hora e meia de plena animação, onde não faltaram fases de bom jogo, como proporcionaram à equipa local ensejo para esta dar a medida do seu aproveitamento no novo rumo técnico em que se orienta agora.

A feição, assumida pelo encontro, prestava-se, efectivamente, a uma prova para o grupo azul-branco, já que os Belenenses actuaram sem reservas de qualquer espécie no que diz respeito propriamente ao jogo, atacando e defendendo

sem constrangimento, como equipa disposta a discutir o triunfo e não a satisfazer-se, resignadamente, com um resultado honroso.

sem pôr em duvida a justiça da sua vitória terá, entretanto, que dizer-se, não ter o F. C. Porto correspondido, em absoluto, à demonstração que lhe foi exigida. O conjunto azul-branco atingiu boa nota

Por

ALBERTO LOBO

apenas na primeira parte a mais valiosa de ambos os lados, revelando, neste período, uma ligeireza de movimentos, onde era visível alguma coisa de novo. Mas a acção carecia de firmeza, que a impusesse junto da baliza de Vital e os efeitos práticos foram quase nulos: Um golo de Perdigão, aos seis minutos, em que o guarda-redes alentejano foi colhido em desequilíbrio e nada mais. E note-se que só por milagre tal vantagem não foi anulada, pois um remate de Fialho, antes do intervalo, foi à madeira, e um outro de José Pedro, logo no recomeço fez estranho bailado de



Vital agarra bem o esférico depois de Noé falhar a intervenção

um para o outro dos postes das redes portistas, perante a estupefacção e a impotência de Pinho.

O interesse do jogo baixou de modo sensível na metade final, mas a aplicação dos visitantes não sofreu quebra. Foi só aos setenta e sete minutos que o F. C. Porto, já com a sua toada muito mesclada de rasgos pessoais, em que Car-

los Duarte dava nas vistas, como habitualmente, mas, desta feita, por estar em dia francamente negativo, adquiriu a tranquilidade dum segundo golo, da autoria de Noé. A luta teve, então, praticamente, o seu termo, deixando, somente, como ultima imagem, uma grande penalidade, apontada por duas vezes, primeiro por Perdigão e depois, por Gastão, ambas seguramente, defendidas por Vital, o que não deixou de ser proeza e manteve os algarismos á vida actual.

De facto, os Alentejanos seriam, injustamente, castigados, com marca mais elevada pois, a acção resoluta da sua defesa e a vivacidade de Fialho, Flora e José Pedro, este especialmente, no ataque, mereciam, inclusivamente, o ponto de honra, que Pinho, em certos lances, pareceu muito em riscos de consentir.

Vencendo o F. C. Porto não teve tarefa difícil nem fácil. Não entusiasmou, nem decepcionou. A equipa evoluciona, com certo custo ainda, no seu novo caminho. O duo brasileiro Gastão-Luís Roberto, nas altavazas da linha média, não exerceu a influência que podia esperar-se das suas características retinamente hábeis. E, na frente, a ausência de Hernani juntou-se a «tarde-não» de Carlos Duarte, as intermitências de Perdigão, e a falta de

Manuel Faria em foco Recorda-se uma frase de Luis Aguiar

A forma actual — um tanto ou quanto confusa — como o campeão nacional de meio-fundo e fundo — Manuel Faria, do Sporting — tem treinado, está na base, da sua participação há épocas atrás, numa prova de 3.000 metros obstáculos, que afinal parece ter servido episódicamente ao clube e o atletismo português. É necessário, agora, rever e dar solução a essa forma de treino depois dos êxitos conquistados por aquele corredor de excepcional categoria dentro e fora das fronteiras do País. É preciso, portanto, dar por findo não só o sacrifício de Manuel Faria, treinando à força de uma vontade pessoal, mas, também, dar solução à irreversibilidade dos homens que estavam

(Continua na 6.ª página)

colo de Noé e a inexperience de Moraes. Teixeira terá sido o mais diz muito, se não tudo... — A. L. regular na produção de jogo e, isto, tratando-se dum homem de remate,



O 2.º golo do F. C. Porto Noé correu sem a oposição de q

«Encarnados» não se pe

Na 15.ª jornada da prova maior todas as atenções se voltaram para o jogo do Restelo. É que havia quem pensasse que os Vimaraneses não dispensariam aos «azuis» melhor tratamento do que aos «encarnados».

Mas, a equipa previu... vale por duas. E o Belenenses não enfiou. Deu-se à luta com todo o entusiasmo, sem excessiva confiança, receosa de perder de vista os «encarnados». E ganhou.

O Benfica, esse lembrou-se do mau bocado passado na 2.ª jornada, no campo da Mata e, talvez, da sorte dos «azuis» ao de frontarem os Caldenses, no Restelo. E «navegou nas águas» do seu mais próximo competidor.

Não há, portanto, dúvidas de que as equipas da Luz e do Restelo não se perdem de vista nas suas actuações nem nas suas posições na tabela classificadora.

Mantendo a escassa diferença de um ponto entre si — os «encarnados» temendo uma permuta de posição com os «azuis», estes ambicionando-a — os dois grupos ensaiaram uma tentativa de fuga, proveniente da própria vitória belenense. É que ambos sa-

	EM CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	Bolas P.	J.	V.	E.	D.	Bolas P.	J.	V.	E.	D.	Bolas P.
Benfica	7	7	—	—	30-4 14	8	3	4	1	15-6 10	15	10	4	1	45-10 24
Belenenses ...	7	6	1	—	16-0 13	8	4	2	2	16-11 10	15	10	3	2	32-11 23
F. C. Porto ...	8	5	3	—	25-5 13	7	3	2	2	13-9 8	15	8	5	2	38-14 21
V. Guimarães...	8	6	1	1	27-9 13	7	3	1	3	10-19 7	15	9	2	4	37-28 20
Sporting	8	6	1	1	27-7 13	7	2	2	3	7-10 6	15	8	3	4	34-17 19
V. Setúbal ...	8	5	2	1	20-14 12	7	1	2	4	14-22 4	15	6	4	5	34-36 16
Lusitano	8	4	2	2	22-12 10	7	1	1	5	4-15 3	15	5	3	7	26-27 13
C. U. F.	8	3	2	3	11-14 8	6	2	1	3	8-10 5	14	5	3	6	19-24 13
Spt. Braga ...	7	3	1	3	15-9 7	8	1	3	4	10-19 5	15	4	4	7	25-28 12
Barcelense ...	7	3	1	3	11-11 7	8	2	1	5	9-22 5	15	5	2	8	20-33 12
Académica ...	7	3	2	2	14-9 8	8	—	1	7	6-21 1	15	3	3	9	20-30 9
Spt. Covilhã...	6	3	1	2	12-11 7	8	—	2	6	7-26 2	14	3	3	8	19-37 9
Torreense	8	2	4	2	14-16 8	7	—	1	6	7-21 1	15	2	5	8	21-37 9
Caldas	7	3	2	2	6-9 8	8	—	—	8	3-30 0	15	3	3	9	9-48 8

No campo do Covilhã

Sem remate não há golos...

Quando duas equipas, como o Covilhã e a Académica, se encontram na zona dos aflitos, não é lógico esperar boa partida.

Não admira, pois, que o jogo de ontem, no Estádio Santos Pinto, não tivesse a beleza espectacular desejada.

O primeiro tempo foi disputado num ritmo diabólico, alternando-se as descidas aos dois redutos defensivos. Neste capítulo, os serranos foram mais eficientes, pois os seus avançados, sempre que lhe surgia uma nesga de terreno livre, não se perdiam em passes improficuos, e atiravam á baliza de qualquer forma. Desta supremacia resultou que ao intervalo, os «leões» venciam por 2-0.

Reatado o encontro, com as suas equipas reduzidas a dez unidades, os Covilhanenses, sem Gabriel, com suposta fractura de costelas e a Académica, sem o concurso de Manecas, com rotura, completa do tendão de Aquiles, os Conimbricenses manifestaram profunda intenção de modificar o resultado. Lançando-se, em furia para o ataque e exercendo forte pressão, lograram

concretizar por intermédio de Chitase pelo maior numero de remates feitos pelos avançados.

No Covilhã, Rita mostrou-se atento e seguro. Couceiro começou em grande plano, baixando no segundo tempo. Martinho, a médio, ressentiu-se da mudança de lugar. Cabrita, a jogar recuado foi uma utilidade na defesa. Manteigueiro e Gabriel, este enquanto não se magoou, foram os melhores avançados. Suarez e Lorenzi estiveram lentos.

Na Académica, Teixeira teve culpas no primeiro golo e a defesa com altos e baixos. Na linha média, Gil brilhou. Marta excedeu-se em faltas. Nos dianteiros, Chipenda e Jorge Humberto foram os melhores. Rocha, jogando recuado, teve exibição discreta. A asa esquerda, a não ser uma ou outra fuga de Miranda, esteve discreta.

A arbitragem teve boa nota. Dadas as características do encontro, a vitória dos serranos acci-

EM TORRES VEDRAS

Tranquilidade do Vitória

e preocupações do Torriense

Quando uma equipa nas condições do Torriense não pode ou não sabe explorar a vantagem de jogar em casa, a sua situação torna-se crítica. Efectivamente, os «grenás» estão á beira do abismo e, em boa verdade, ontem fizeram o impossível para aliviar a sua má posição. A sua posição de afogamento. O pior que lhes poderia ter acontecido, foi defrontarem um Vitória já descontraído, quase despreocupado com a sua classificação. Essa descontração constituiu um «handicap» para os Torrienses que estes não foram capazes de contrariar.

Houve muito esforço no «team» das Covas. E' evidente que não faltou aplicação aos seus jogadores, mas no subconsciente de cada um haveria uma nota de conformismo, que forneceu ao encontro este aspecto notório: sempre que o S. C. U. T. lograva avanço, sentia-se que ele não era sólido, seguro.

Todavia, em dado momento, pareceu que a tenacidade dos visitantes obtinha o prémio que bem merecia. A cinco minutos do final, ainda conservava o avanço de um golo. Mas os Sadinós, imperturbáveis alheios á desventura dos adversários — fazendo o seu dever, afinal — deitaram abaixo as ilusões dos adversários. O empate teve, realmente, o sabor amargo da derrota.

Paiou a emoção no campo de Torres Vedras. Bastava referir que, na segunda parte, se marcaram três golos em outros tantos minutos, numa toada de parada e resposta que bulia com os nervos de todos. Cada vez que o Torriense alcançava a dianteira, logo o Vitória a desfazia. Compreende-se. De um lado, havia nervosismo, espírito de luta, combatividade, tudo caldeado em condições de não permitir a devida calma. Do outro (está a perceber-se que do sadino) havia um «team» tranquilo, mais calmo, portanto melhor organizado. O contraste justifica, ao fim e ao cabo, o desfecho da partida.

De resto, no grupo local a defesa falhou por demais no seu eixo. António Manuel, apesar de a sua boa vontade, abriu brecha no sistema, por visível falta de velocidade. Talvez essa haja sido a razão funda-

mental de um revés alarmante para os visitantes de ontem, nas Covas...

A boa exibição de Azevedo não compensou a debilidade defensiva da turma. Aliás, faltou-lhe sorte. Teve um quinto golo á vista e perdeu-o por um nada.

O Vitória, com todos os trunfos pelo seu lado, empataram com merecimento, sem duvida. Teve em Mateus e Mendonça os melhores valores e, de certo modo os obreiros de um 4-4 desanimador para a equipa a que Evaristo Silva lançou mão num momento assás difícil.

ACEITANDO-SE O SEMI-REVÉS DOS TORRIENSES, só resta esperar deles uma reacção que os leve a fugir da situação ingrata que atravessam e que o empate agravou, na medida em que perder um ponto em casa constitui uma séria ameaça.

Campeonato de França

O NIMES empatou em Paris

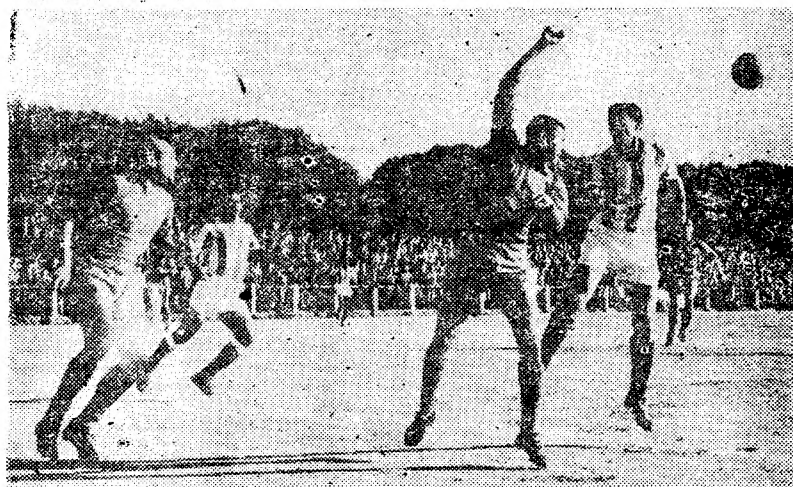
PARIS, 5 — Resultados dos jogos da 23.ª jornada do campeonato de França:

Racing-Nimes, 2-2; Nice-Sedan, 3-1; Reims-Monaco, 3-2; Sochaux-Lille, 2-3; Nancy-Lyon, 4-3; Saint-Etienne-Rennes, 2-2; Angers-Toulouse, 3-1; Lens-Limoges, 1-1; Ales-Estrasburgo, 1-0; e Marselha-Valenciennes 3-1.

Classificação geral: 1.º — Nice, 32 pontos; 2.º — Nimes, 31; 3.º — Reims, 30; 4.º — Racing, 29; 5.º — Monaco, 25; 6.º — Sochaux; 25; 7.º — Lyon, Rennes, 24; 9.º — St. Etienne, Strasburgo e Angers, 22; 12.º — Nancy, Toulouse, 21; 14.º — Limoges, Valenciennes, 20; 16.º — Lille, Lens, 19; 18.º — Ales, Sedan, 18; 20.º — Marselha, 14. — (A. N. I.).

PELOS CLUBES

Reune-se no dia 9 a assembleia-geral ordinária do Clube Desportivo de Arroios, para eleição de novos corpos gerentes.



António Costa alivia o seu campo, com um golpe de cabeça, evitando assim a entrada do setubalense Inácio



Que usar, no regime actual, o sistema do «goal-average» constitui um anacronismo em absoluto prejudicial aos clubes e aos organismos oficiais.

O sensacional desfecho do campeonato carioca de 58, proporcionando a realização de uma «poule» final entre 3 concorrentes (Vasco da Gama, Flamengo e Botafogo), originou estes comentários, pelos inúmeros e interessantes aspectos que essa modalidade de decisão pode trazer para o entusiasmo e interesse do futebol. Assim é que, terminado o campeonato do Rio de Janeiro, com aquelas três equipas assinalando o mesmo numero de pontos, realizou-se um novo certame por pontos, jogando os adversários entre si. Como, depois dos três desafios, cada equipa conseguiu uma vitória, tornou-se necessária a realização de uma nova «poule», para se encontrar finalmente um vencedor. Como é evidente, essa fórmula de disputa, além de mais consentanea com o interesse desportivo, já que não obriga os concorrentes a serem classificados por um simples e contingente resultado (caso do «goal-average»...), tem, sobretudo, a extraordinária virtude de servir á propaganda do «association» e de atender melhor aos importantísimos e superiores interesses materiais, que devem constituir obrigatoriamente uma das principais bases do desporto profissional. E, para confirmar a nossa assertiva, basta citarmos os factos de nada menos de 400 mil pessoas terem assistido aos 3 encontros efectuados no Maracanã e a receita dos jogos ter ultrapassado a casa de 1.800 contos. Sob o aspecto desportivo, em si, a chamada decisão em «melhor de 3» é muito mais racional. Não se compreende, efectivamente, que ainda se use (como acontece aqui...) o sistema de decidir os títulos máximos pela diferença de golos. Que se fizess' isso, no tempo em que se praticava o desporto exclusivamente como diversão e dentro dos princípios rígidos do puro amadorismo, está muito bem. Usar, no entanto, o mesmo sistema no regime actual, com profissionalismo declarado, é querer «enganar-se a si mesmo» ou insistir em usar o carro de bois como meio de transporte na era dos aviões supersónicos. Como conceber que um clube inverta enormes somas na organização e manutenção da sua secção de futebol, que se cobrem pesadas taxas e se permitam salários e prémios aos jogadores, para no final de uma época se adjudicar o título de campeão á equipa que apenas marcou mais tentos? Como querer desenharr de boas receitas, quando as despesas são tão grandes? Desde que chegámos a Portugal, assistimos a duas decisões do campeonato nacional pelo «goal-average». Da primeira vez chegaram juntos Benfica e Belenenses e da outra, Benfica e Porto. Da mesma maneira que no primeiro caso, de nada valeram os reais méritos da campanha dos «azuis» na segunda vez os benfiquistas perderam o título apenas porque marcaram menos golos. Se, no entanto, houvesse um sentido mais prático das realidades e das necessidades gerais, esses clubes teriam decidido o título em «4 pontos», cabendo o triunfo áquele que vencesse os jogos disputados. Como é fácil de calcular, esses encontros despertariam formidável interesse, além da imensurável vantagem que trariam para os cofres dos clubes e das entidades superiores. Se, pelo lado desportivo, se permitiria aos dois clubes o direito de dirimir supremacia em campo, no aspecto financeiro (que deve estar sempre em plano de destaque), o problema seria de efeitos altamente benéficos para todos. O exemplo dos nossos patricios é mais que elucidativo! Vão disputar-se mais três encontros, que levarão ao maior estádio do Mundo multidões incalculáveis, que vibrarão incentivando os grupos de suas predilecções e aumentarão o prestígio e a popularidade do desporto-rei. E esses jogos renderão para os clubes intervenientes e para a Federação — sem contar com os impostos arrecadados pela União — mais ou menos 2 milhões de escudos...

Quando será que aqui também se introduzirão essas reformas que servirão para modernizar o nosso futebol? Porque não unir o útil ao agradável, em lugar de vivermos de saudosismos, dirigindo futebol declaradamente profissional com leis e espírito falsamente amadoristas?

* * *

Cumprindo mais uma jornada deste renhido campeonato, recebemos em nosso estádio o valoroso conjunto do S. C. Caldas, logrando obter mais um significativo triunfo, que nos permitiu manter a liderança da tabela, além de continuarmos a ser a equipa com mais golos assinalados e menos tentos sofridos. O encontro, que foi bem disputado, traduziu-se quase sempre por um constante duelo entre a nossa ofensiva e a defesa caldense. Tomando naturais precauções, os visitantes reforçaram a defesa, recuando o interior direito para a linha de zagueiros e fazendo o centro-avante jogar recuado. Apesar disso, porém, pudemos atacar cerradamente, só não conseguindo assinalar uma vantagem bastante mais dilatada — por manifesta falta de sorte e pela actuação excelente do guarda-redes contrário.

A nossa equipa teve ainda, contra si, o facto de vários jogadores se encontrarem bastante gripados, como foi o caso de Aguiar, Colma, «Chino» e Artur, o que, naturalmente, lhes diminuiu o rendimento. Mesmo assim, todos procuraram cumprir as determinações recebidas, empregando-se com denodo e galhardia.

Não queríamos, como é nosso costume, fazer referência á arbitragem, mas como ainda nos encontramos sob a estupefacção de tudo aquilo de calamitoso a que assistimos no jogo realizado no sábado no campo da Tapadinha, não queremos deixar de felicitá-lo árbitro portuense e seus companheiros de equipa. E' que somos daqueles que acham que o maior elogio que se pode fazer a um árbitro é dizer que não se deu pela sua presença em campo. Calma, precisão, autoridade e sobriedade existiram ontem e, infelizmente, faltaram no sábado.

E' que uma arbitragem tanto pode salvar um desafio como constituir um «caso de polícia». E para o bom entendedor...

OTTO GLÓRIA

de
nais
isto,
late,



conclui um excelente cruzamento de Morais ao de qualquer adversário

los» e «azuis»

perdem de vista

nharam avanço em relação ao terceiro.

A jornada não foi fértil em alterações na tabela. Uma permuta entre o Guimarães (antes 3.º) e o F. C. Porto (antes 4.º); manutenção das posições do 5.º ao 1.º e mexida nos três últimos — Covilhã (de 14.º para 12.º), Torriense (de 12.º para 13.º) e Caldas (de 13.º para 14.º). Os reflexos dos resultados de ontem não enganam.

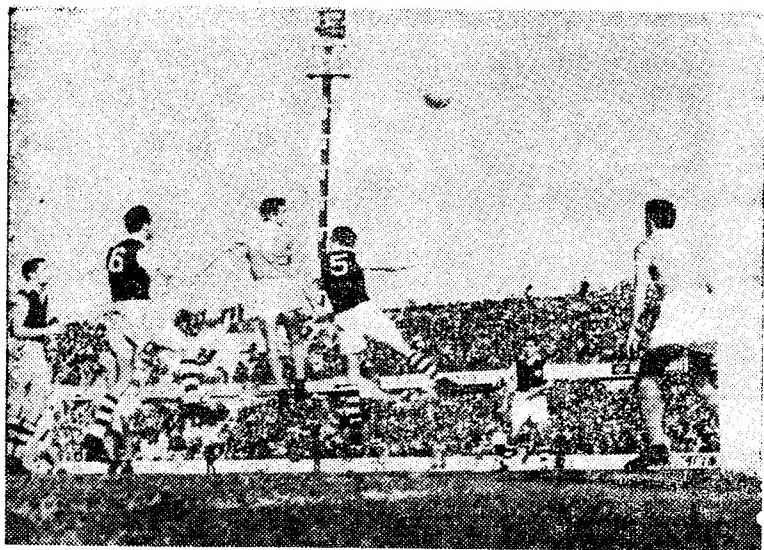
Dois factos a assinalar: um encanto para os «azuis» (inviolabilidade das redes no Restelo) — uma sensação nova para os Bracarenses (primeiro empate em casa).

A jornada foi das mais fracas em golos — apenas 21. Compreende-se... não abriram o retivo.

Vejamos como foram distribuídos os golos: para os visitantes, 16; para os visitantes, 5; na primeira parte, 9; na segunda, 12. Um vormenor: nos sete desafios a sorte da luta estava decidida ao intervalo. Assim: o Belenenses (1-0), o Benfica (2-0), o Barcelense (1-0), o F. C. Porto (1-0), o Covilhã (2-0), todos venciam já ao fim dos 45 minutos. Em Braga havia o 0-0 que perdurou; e em Torres a predisposição para o empate traduzia-se já por um 1 a 1.

Só não sofreram derrotas em casa o Benfica, o Belenenses e o F. C. Porto — os três primeiros. Só não ganharam no campo do adversário a Académica, o Covilhã, o Torriense e o Caldas — os quatro últimos. Como não acreditar que o factor «casa» tem influência

No total de golos ficou-se em 386 — média de 25,3 por desafio. Aos visitantes pertencem 251 tentos; aos visitantes, 129. Não deixa de ser outro argumento.



Cavém salta em bom estilo e toca a bola de cabeça em direcção á batiza de Rita, mas não alcançará o objectivo

Os Caldenses foram adversários fáceis

(Continuação da 1.ª página)

tem pelos dianteiros do Benfica — a distancias quase impossíveis de êxito — quebraram muito a força dessa «artilharia», sempre bastante mais perigosa quando se decidiu aos assaltos de rompança da proximidade, mais convenientes para visar o alvo.

E tanto assim que dos três golos obtidos, apenas um — e esse por culpa do guarda-redes — saiu de um remate de longe, sem preparação, a desgastar a defesa contrária. Cavém recolheu a bola de um companheiro da defesa, correu com ela — e, á entrada da grande área, desferiu um forte pontapé rasteiro que fez passar a bola por debaixo do corpo de Rita.

Os outros dois golos — ambos marcados antes daquele — foram resultantes de avançadas de insistência mais penetrante. O primeiro resultado de um assalto de Mendes, que se esgueirou pelo lado direito, cruzou com pontapé longo, fazendo Aguas o golo á boca das redes. O segundo saiu de um pontapé de «canto» do mesmo Mendes que proporcionou a recarga vitoriosa de Cavém.

Insistindo mais nos lances em profundidade, isto é, desgastando a defesa do Caldas, com sucessivos passes a tirar bom partido da melhor e mais rápida movimentação do seu quinteto atacante, o Benfica poderia, na verdade, ter chegado, ontem, a um resultado de sensação que melhor correspondesse á sua superioridade global.

Atirando á baliza — como o fizeram com exagerada frequência — por sistema de muito longe, os «artilheiros» dos «encarnados» não tiraram todo o proveito, que podiam, da sua inegável força.

E como atrás dizíamos, o Caldas foi um adversário que se pôs a jeito para esse resultado de sensação — com um guarda-redes pouco seguro, a largar todas as bolas das mãos, sem grande organização no reduto defensivo, nem nenhuma inspiração nos lances ofensivos...

Em todo o desafio teve o Caldas uma única oportunidade de golo — estava já o resultado em 2-0 — mas Mateus desperdiçou-a em frente de Costa Pereira.

Houve, nesse lance, muito talento do guarda-redes do Benfica em sair do seu posto, fechando o ângulo do remate a Mateus. Este, porém, não teve a inspiração de driblar o opositor e visar o alvo. Estragou tudo com um passe para o lado, interceptado pela defesa do Benfica, que entretanto recolara.

Uma vez que o ataque dos visitantes se mostrou tão inofensivo — só raras vezes dando sinais de vida em lances desenvolvidos a meio campo, morrendo todos na linha intermédia dos «encarnados», parecia aconselhável que Alfredo não continuasse tão recuado ao lado de Artur, o que por sua vez daria a Coluna a oportunidade de se adaptar mais no terreno para colaborar activamente nas jogadas de ataque.

Isso, porém, nunca se verificou. O escalonamento das pedras, na equipa do Benfica, foi o mesmo do principio ao fim: Serra-Artur-Alfredo-Angelo, na cortina defensiva (ontem sem problemas); Neto e Coluna apoiando os quatro restantes da frente — Chino-Aguas-Mendes-Cavém.

Na equipa do Caldas, António Pedro (n.º 9) actuou sempre recuado, uma espécie de interior, por vezes com função de médio, pois Pastorrinha esteve sempre integrado na defesa.

Quem começou a desempenhar o papel de avançado-centro, aliás pouco amparado, foi Anacleto (n.º 8), que depois também recuou, em troca com Orlando (n.º 4).

O ataque do Caldas viveu apenas dos lampejos de Mateus, que não chegou, todavia, a constituir perigo para a defesa do Benfica.

Conclui-se que o jogo se disputou em larga escala no meio campo defendido pelos visitantes, com mais acerto na 1.ª parte do que depois do intervalo.

O nível do jogo baixou muito no segundo tempo, talvez por o Benfica — já senhor do triunfo — não ter carregado no acelerador, como em alguns momentos da primeira parte.

O espectáculo perdeu com isso.

Já dissemos como as duas equipas, em globo, jogaram. Falta dizer como se comportaram os jogadores.

Costa Pereira, nas balizas não assediadas, esteve como peixe na água. Meia dúzia de intervenções a remates de longe, por alto, para mostrar o seu bom estilo. Serra deu-se ao luxo, na segunda parte, de fazer um pouco de extremo-direito. Saiu da defesa, muita vez, sem prejuízo (pois como já dissemos o ataque dos visitantes foi ineficaz) e na posição mais adelantada esteve prestes a fazer um golo, chegando a bater Rita, mas embatendo a bola na face lateral do poste... Artur e Alfredo (um só chegava na mesma área do campo) tiveram uma tarde calma, de descanço, tranquilidade a mais. Angelo, nos raros momentos a que foi chamado a entrar em acção, deixou bem vinculada a sua categoria e Neto, trabalhou muito bem, insistindo como muitos dos seus companheiros, nos remates de longe.

Na linha da frente, Cavém foi o elemento mais activo, o jogador mais inquieto e mais vagabundo do quinteto. Foi, em suma, o melhor avançado, seguido de Aguas, que apareceu muito sobre o lado esquerdo, a escapar-se á vigilância de Saraiva. Mendes começou muito bem, dando vigor e boa movimentação, no sentido progressivo, ás jogadas de ataque. Depois, e na segunda parte principalmente, o seu trabalho foi mais discreto, bem assim como Chino e Coluna, cuja acção a meio campo — como já dissemos — não era ontem tão necessária em posição recuada.

O Caldas não teve em Rita um guarda-redes seguro, nem em Amaral e Rogério (que provocou desnecessariamente o «canto», que deu origem ao 2.º golo dos «encarnados») dois defesas superiores. Saraiva, o mais recuado elemento da defesa, esteve bem, ocorrendo com oportunidade ás deixas de Pastorrinha, que cumpriu no seu papel de quarto-defesa.

Os melhores homens da frente foram Mateus, pelas suas tentativas isoladas de querer dar vida a um ataque que quase não existiu, e António Pedro, que foi o jogador esforçado de sempre, embora com acção, ontem, muito limitada a meio campo.

Arbitragem sem problemas.

H. P.

Manuel Faria em foco

(Continuação da página central)

ligados á orientação do campeão português.

Numa conversa, que tivemos há poucos dias com o seu ex-treinador, o homem que «fabricou» Manuel Faria, de parceria com o famoso técnico alemão Manfred Gashler e o médico daquela mesma nacionalidade dr. Rendall, Luís Aguiar afirmou-nos entre outras coisas o seguinte: «Manuel Faria poderá continuar a ser o campeão que foi e é; para isso bastará modificar algumas coisas».

Esta afirmação levanta o véu que envolve um caso, de certo modo, triste e coloca o dedo na ferida — como soe dizer-se. Depois disto há, apenas, que interrogar: Voltaremos a ter um grande campeão a ser orientado por quem de direito? O tempo nos dirá.

O regresso do campeão

O campeoníssimo português informou a direcção do seu clube de que partirá no dia 6 de S. Paulo, chegando a Lisboa pela tarde do dia seguinte. Mais informou o campeão nacional de que recebeu vários convites para participar em diversas provas internacionais, convites que terão que ser apreciados em Lisboa. Manuel Faria, apesar de não ter ganho pela terceira vez consecutiva a corrida de S. Silvestre, tem sido alvo de honrosos convites e festas de homenagem. Segundo se julga está em estudo uma recepção condigna ao atleta que mais competições internacionais tem ganho e participado no estrangeiro.

OS «REGIONAIS» DE FUTEBOL

Mais clubes apurados

para o «Nacional» da 3.ª Divisão

Pouco falta para o termo dos campeonatos regionais de futebol, que como se sabe servem de qualificação dos clubes para a primeira fase do «Nacional» da 3.ª Divisão. Da jornada de ontem nos ocupamos a seguir:

AVEIRO — Na penúltima jornada, o Beira Mar empatou, mas de qualquer maneira era o virtual vencedor da competição.

Resultados: Cesarense, 1-Beira Mar, 1; Águada, 3-Lamas, 0; Pejão, 5-Arriafense, 0; Lusitânia, 2-Feirense, 3; Vista Alegre, 1-Ovarense, 7. Classificação relativa aos primeiros: Beira Mar, 47 pontos; Ovarense, 39; Feirense e Pejão, 35. Estes serão os representantes do distrito aveirense na 3.ª Divisão Nacional.

BEJA — Uma partida em atraso: Ferreirense, 2-Despertar, 1. O Moura tem todas as possibilidades de se classificar em primeiro lugar.

BRAGANÇA — Com o jogo em que o Macedo de Cavaleiros, no seu campo, empatou com o Bragança por 1-1, concluiu o torneio, com a vitória do Mirandela.

CASTELO BRANCO — Também se disputou apenas um jogo em atraso: Idanhense, 0-Cebolense, 1. Castelo Branco (23 pontos) e Sernache (18) classificaram-se nos primeiros lugares.

COIMBRA — União, 6-Sousense, 0; Naval, 2-Ginásio, 1; Calháb, 0-Marialvas, 6; Norte e Soure, 5-Lousanense, 0. Terminou o campeonato, tendo ficado apurados para o «Nacional» da 3.ª Divisão: Naval (40 pontos), União (38), Marialvas (29) e Lousanense (27).

ÉVORA — Nas duas ultimas jornadas, o S. L. Évora perdeu com o União de Montemor por 3-2 e venceu o Estrela de Vendas Novas por 1-0. Terminou o torneio. Ficaram qualificados: Estrela (9 pontos) e União (8).

GUARDA — Um jogo em atraso: Gouveenses, 0-Desportivo da Guarda, 2. O Desportivo ficou com os mesmos pontos do Sporting de Gouveia (7) e têm de entre si realizar agora um encontro decisivo.

LEIRIA — Mirense, 3-Valado, 3; Marrazes, 1-Nazarenos, 3. O Ginásio de Alcobaça venceu o Ateneu de Leiria, por falta de comparência. Os Alcobaçenses ganharam o torneio distrital, totalizando 25 pontos. Ficaram ainda qualificados: Valado de Frades, 21 pontos; Mirense, 20 e Nazarenos, 17.

BOLA NO AR no campo do Barreiro

(Continuação da 1.ª página)

telha de técnica, falho de qualquer sistema ou processo tático, como não viamos praticar desde há muitos anos, nem sequer a grupos de modestas pretensões.

Felizmente — para o futebol, claro — pelo que sabemos e conhecemos das possibilidades de Barreirense e Cufistas, somos levados a encarar a actuação das duas turmas como um colapso passageiro, a que certa dose de nervosismo não será estranha, embora não se possa deixar de referir que de um lado e do outro estavam jogadores que, pela suas reconhecidas faculdades técnicas, tinham obrigação de produzir algo capaz de deixar uma impressão menos desagradável do jogo.

* * *

A característica da partida foi «força e bola para o ar».

Toada imposta pelo Barreirense, merecedor da pujança atlética da sua defesa e meia defesa, mas que não servia aos homens do ataque, onde inversamente se nota mais habilidade do que força; toada aceite pela C. U. F. que, desfavorecida de peso no ataque, careceu de capacidade atlética nos sectores recuados.

Consequência: a defesa local foi senhora absoluta no terreno, varrendo toda a sua zona com entradas firmes, aliviando com pontapés fortes de qualquer maneira, a atingir os céus, dominando um ataque desunido e mal servido, que tinha ainda a seu desfavor a menor estatura dos seus elementos em relação a qualquer opositor.

Sem procurarem furtar-se ao choque, os Cufistas buscavam no sofre-

gamento, de antemão condenados ao malogro, enquanto que ao ataque da casa se não deparava oposição tão forte, já porque havia menos força ou capacidade atlética nos defensores adversários, já porque o sector atrasado de Santa Bárbara se mostrava menos coeso nos seus esforços, talvez pela inaptidão de C. Alberto para o lugar de defesa central.

Com o factor preponderante — a força — pesando a favor dos locais, natural seria, portanto, que para eles se inclinasse a vantagem. E isso sucedeu. Os Barreirense atacaram mais, criaram mais vezes perigo para a baliza de Gama, chegaram a dominar abertamente... e alcançaram dois golos.

Nas circunstâncias, não podia haver outro vencedor.

* * *

A grande vítima do jogo, ou melhor, do mau jogo, acabou por ser, afinal, o unico elemento que mereceu nota positiva — nota alta, indefensáveis: o primeiro num golpe infeliz de C. Alberto e o segundo num remate de Godoy em que falharam nada menos que José Luís, Oliveira e Orlando.

O guarda-redes do Barreirense, que também excluímos da má classificação, não jogou bem, nem mal. Limitou-se a assinalar a sua presença em meia dúzia de defesas sem problema.

A despeito da má qualidade de jogo e da toada de energia que o caracterizou, a partida pode, disciplinarmente, considerar-se boa, o que é sempre agradável registar.

Finalmente, a engrossar a exigua lista das coisas meritórias, saliente-se a actuação do árbitro, dr. Décio mesmo — o guarda-redes Gama. Não lhe foi difícil ser o melhor jogador em campo, tão baixo actuaram os restantes. Mas Gama realizou uma exibição inextinguível de visão, de valentia e de decisão, efectuando defesas de grande classe, especialmente duas em voo que bastariam para o classificar. Era o unico que não merecia a derrota, mas acabou por sofrer dois golos de Freitas, de nível elevado.—I. P.

Campeonato de Itália

LUTA CERRADA

entre o Milão e o Florentina

ROMA, 5. — Resultados dos encontros de ontem para o campeonato italiano:

Florentina-Udinese, 7-0; Génova-Milão, 0-2; Inter-Nápoles, 1-1; Juventus-Bolonia, 2-2; Lanerossi-Sampdoria, 1-2; Pádua-Lázio, 3-1; Roma-Alexandria, 1-1; Spal-Turim, 3-0; e Triestina-Bari, 0-0.

Classificação geral: Milão, 22 pontos; Florentina 21; Roma e Inter 13; Juventus, Nápoles e Sampdoria, 17; Lázio e Pádua, 11; Génova e Bolonia, 13; Lanerossi e Spal, 11; Udinese, Bari, Triestina e Alexandria, 9, e Turim 8. As equipas de Pádua e Lanerossi têm um jogo a menos. — A. N. I.

Lêiam o jornal humorístico

sempre fixe

Relógio de Precisão

LONGINES



Milhões em uso nas CINCO partes do Mundo

Domínio territorial do Belenenses e réplica firme da defesa vimaranense

(Continuação da 1.ª página)

puante a imputar aos visitantes.

Queremos com isto dizer, que os «azuis», pelo que evidenciaram — nítido estilo ofensivo, com base numa estrutura bem sólida — dificilmente seriam batidos, no seu campo, como o não virão a ser se continuarem no mesmo jeito (futebol solto, fácil e essencialmente prático).

A vitória por 2-0, um golo em cada parte (um na conclusão de dois passes, com remate desferido fora da área das 18 jardas; outro, na transformação de um «livre», em autentica execução digna de uma antologia), parecerá escassa para se ajustar às considerações anteriores. Realmente, assim é, visto que falta acrescentar que os Minhosos fizeram o papel de «grupo dominado», em atitude provocada pelo contendor e não porque hajam adoptado esse processo para evitar uma derrota substancial.

Tivessem os avançados do Restelo a serenidade indispensável, e uma esquematização singela e acutilante, não obstante ser de salientar a réplica vigorosa e valorosa da defesa visitante, e decerto o marcador assumiria um desnível mais pronunciado. A ideia a extrair do jogo é a que Matateu e os seus companheiros ficaram a dever a si próprios três golos mais — o que não surpreenderia ninguém, caso se verificassem, esclama.

O Vitória não conseguiu realmente deslumbrar — ficou-se numa bitola aceitável neste seu regresso a Lisboa após, cerca de quatro meses de ausência (lembramos os 7 golos que lhe enfiou o Benfica). O confronto, no entanto, é nitidamente favorável, melhor para a demonstração de ontem, a despeito do quadro actuar desfalcado.

Trata-se de uma equipa que pensa na ofensiva, interpretando escrupulosamente a geometria do 4-2-4 e até a sua execução fundamental — o contra-ataque. Dois ou três movimentos desse jaez (na sua origem esteve o azougado e hábil Romeu, cuja estampa física nada promete...) denunciaram uma capacidade interessante que chegou a embaraçar os defesas do Restelo e redobram a atenção de José Pereira. Num desses golpes, rapidíssimo, o golo afluou, mas Romeu hesitou decimos de segundo mais. Se o lance resultasse, talvez a feição da partida se modificasse, mas cedo se verificou que os Belenenses — ágeis, desvolto, velozes e aplicados — tinham

as rédeas na mão — e sabiam o caminho.

O despique, duelo enérgico, entre os avançados e defesas, adensou-se, como se adensaram os visitantes na sua área, passando, por momentos aflitivos, que chegaram para perturbar o árbitro que nunca mais acertou com um trabalho regular.

Os «azuis» teimaram e insistiam. A bola andava sempre na companhia de um deles, vendo-se Vicente e Dimas (que tardou em definir a sua posição) a dominar o meio do campo, tirando partido dos «entusiasmos» de Virgílio que se adiantava demasiado, demorando a recuperação (Carlos Alberto cansou-se de lhe notar os inconvenientes da insensatez do jovem e bom médio vimaranense), até que, aos 28 minutos, Dimas visa a baliza por alto. Era o golo — o alívio de algumas inquietações.

Os visitantes acusaram o golpe, mas não exageraram na toada defensiva, a despeito dela ser inevitável, lógica e indiscutível. É que havia uma equipa a dominar.

Nos dez últimos minutos do 1.º tempo, Rola desperdiçou uma recarga, atirando para as nuvens, e por aqui se ficou o Vitória. No segundo tempo, o Belenenses, a comunicar confiança, obteve o 2.º golo (7 m.) — o tal que fica com o direito de entrar numa antologia, tal a violência do remate e a velocidade que o esférico adquiriu. Era Belém a mostrar o seu poderio.

Durante meia hora, foram mais os momentos de novo êxito do que percepção de qualquer reacção positiva pela banda dos homens de Guimarães que a sua conta só gozaram de ascendente em quatro escasos minutos, quando Romeu e Rola, perigosamente, remataram á baliza, e próximo do declinar do desafio (Romeu chutou á figura de José Pereira). No restante, o Belenenses dominou, descontraidamente, embora a manobra não atingisse o nível a que nos habituou. Terá faltado sincronismo nas desmarcações dos avançados e aproveitamento dos extremos.

O Vitória não nos trouxe uma mensagem inovadora, se bem que tal ideia não bailasse no nosso espírito. É uma equipa moralizada e que revela aceitável disciplina de jogo. Simultaneamente, há força, pernas para correr e brio para esbanjar. Em resumo, um «out-sider» perigoso.

Sebastião mostrou uma forma excelente. Boa posição e mãos seguras.

simas. Foi o melhor elemento da sua equipa. Dos quatro defesas, impressionou-nos Silveira, tipo-cepa de raízes profundas, um verdadeiro esteio e que contrasta com os defesas laterais — apenas cumpridores e experientes. João Costa em plano regular.

O meio do campo esteve a cargo de Virgílio e Carlos Alberto. O primeiro, resistente e ousado, pecou por se misturar com os avançados; o segundo, ou não fosse brasileiro, teve pormenores preciosos. Imaginamos o que não será com Edmur e Ernesto, á ilharga — uma sociedade de sólido capital.

No sector dianteiro, a asa-direita, constituída por dois jogadores pequenos, demonstrou intenção. Bartolo, porém, repetiu sempre o mesmo lance flectindo para o centro (Carlos Silva 1.º apercebeu-se facilmente). Rola e Augusto Silva, apáticos.

O Belenenses tem um «conze» para durar até às vindimas... De todas as suas virtudes, já focadas e salientadas, há uma que se aponta, como importante. Referimo-nos á geometria da manobra que, regra geral, impõe uma toada; mas quando aceita a do adversário, não há descontrole. Por outras palavras, o grupo reflecte uma firme consciência — factor devesa precioso. Se Matateu e Yauca conseguem afinar pelo mesmo diapásão, então boa vai ela!

José Pereira, pouco inquietado, houve-se muito bem. Dos defesas, Figueiredo, calmo e eficiente, sobressai; foi até o melhor do «conze». Carlos Silva 2.º é um jogador em nítida evolução. Vicente, como alimentador do ataque, conjugou bem os seus movimentos e a sua generosidade com a sabedoria de Dimas — o tal que está no seu sítio, sem muita gente disso se aperceber.

Do ataque já fizemos as devidas referências. No entanto, citamos a «garra» de Matateu, a aplicação de Tonho e a velocidade de Yauca, por vezes demasiado precipitada.

O sr. Reinaldo Silva, realmente um bom árbitro, só deve queixar-se de si próprio. Um trabalho deficiente, mercê de desatenções imperdoáveis. No golo que anulou a Matateu não considerou a lei da vantagem, pormenor que observou noutras ocasiões. Um derrube dentro da grande área vimaranense transformou-o num «livre» directo. E as duas mãos de Silveira como se fosse a agarrar uma boia? Neste lance, admitimos que o Sol o tenha prejudicado de ver a flagrante falta que a ninguém passou despercebida. — F. S.



Rescaldo do 2.º golo do Belenenses: Sebastião queixa-se de uma dor num ombro após ter tentado deter o violentíssimo remate desferido por Matateu — o tal golo digno de uma antologia...

CURIOSIDADES

Contronto de velocidades entre o Homem e os animais

«Que diriam a uma Olimpíada de animais?» — este é o desafio lançado por A. Everard que, num artigo da Imprensa americana, fala das recentes pesquisas levadas a cabo sobre a força e a velocidade dos animais. E a verdade é que, em face dos casos expostos, e submetido o homem a um confronto, ficamos unidos e simplesmente vexados e humilhados por via da nossa confrangedora inferioridade.

Enquanto o homem se vangloria dos seus quatrocentos metros em menos de um minuto — o «record» mundial está em 45,2 s. —, os cientistas de todo o Mundo, investigando a força e a velocidade dos animais, alinham dados capazes de fazer corar a espécie humana. Uma olimpíada animal — tal como a propõe A. Everard — tornaria ridículos os feitos dos melhores e mais fenomenais atletas mundiais e serviria para revelar a lentidão e a fraqueza dos homens relativamente irracionais.

Percorrendo quatrocentos metros em 45,2 s., o recordista mundial, Lou Jones, dos E. U. A., desenvolve, por consequência, a velocidade de quase 32 quilómetros por hora. Mesmo tomando em linha de conta as distâncias mais curtas em que o homem consegue melhores resultados, não se vai muito além dos 35 quilómetros por hora. E o caso dos corredores de 100 metros que, fazendo este percurso em 10,1 s. («record» mundial) atingem uma média de 35,643 quilómetros horários.

Duma maneira geral, porém, a grande maioria dos homens é incapaz de se mover a essa velocidade, que só está ao alcance de atletas de excepção recursos e dotados duma especialíssima preparação física. Em contrapartida, nos animais a velocidade é normal e não varia grandemente de exemplar para exemplar, dentro da mesma espécie.

Diga-se, em abono da verdade, que os milhares de anos de vida mais ou menos civilizada que a espécie humana tem levado deve ter contribuído, de modo decisivo, para redução da velocidade do homem. E são exactamente os animais domésticos que podemos superar com relativa facilidade. Por exemplo, não seria difícil classificarmos em primeiro lugar, numa corrida em que tivéssemos por adversários, apenas, carneiros e porcos, uma vez que aqueles apenas atingem os 24 quilómetros horários e estes não excedem os 18.

Um atleta conseguiria, ainda, levar a melhor sobre as cobras em geral. No entanto, a mamba preta já lhe faria a vida difícil, visto que chega a deslocar-se a mais de trinta quilómetros, o que não fica muito aquém dos «records» do homem.

O leopardo seria, porém, o primeiro numa corrida entre seres vivos. Não sendo dotado de grande resistência, chega, no entanto, a ser utilizado na caça á gazela e ao antilope, alcançando-os com facilidade. Em dois segundos, atinge os setenta quilómetros por hora, para, pouco depois, alcançar os cem quilómetros horários.

Também nas corridas de fundo e

meio-fundo, encontramos vários animais capazes de bater, facilmente, o homem.

O touro negro da Índia atinge os 110 quilómetros por hora, a gazela da Mongólia os 100 e o antilope das Montanhas Rochosas os 80. Estas velocidades permitem-lhes deixar para trás qualquer animal, num trajecto de um ou dois quilómetros.

Também o leão desenvolve cerca de oitenta quilómetros horários, embora não consiga manter essa velocidade por muito tempo. Na casa dos «80», estão, ainda, os avestruzes com a vantagem de não afrouxar durante cerca de um quilómetro. As raposas, os cavalos de corrida, os cangurus e os veados atingem 70 quilómetros horários; os coelhos, 65 a 70; as zebras e as hienas, 65; os galgos e outros cães de corrida, entre 60 e 65. O próprio urso cinzento atinge os 50 quilómetros horários, enquanto o rinoceronte e a girafa percorrem, numa hora, 52 quilómetros. Até o elefante, com as suas três toneladas de peso, se desloca á razão de 40 quilómetros por hora, isto é, mais rapidamente que o mais veloz atleta do Mundo.

Também em saltos, o homem fica muito aquém das «performances» atingidas por certos animais. Um bom saltador necessita de percorrer uma considerável distância para dar um salto de sete metros. Pois uma raposa salta cinco metros e meio sem precisar, sequer, de correr. Uma ratarana do deserto, medindo apenas quinze centímetros de comprimento, consegue dar um salto de quatro metros. Guardadas as devidas proporções — está bem de ver! — seria de esperar que o homem saltasse nada menos que 75 metros.

Desta maneira, será lícito perguntar-se: que surpresas poderíamos ter, no caso de ser possível a organização duma autêntica Olimpíada entre todos os animais? E talvez que um dia a sua organização seja possível... Quem sabe? Então, muito o homem teria que aprender... — F. F. G.

Os campeões mundiais de pugilismo

NOVA YORK, 5. — No final de 1958, eram os seguintes os campeões mundiais de pugilismo profissional, nas várias categorias:

Pesados — Floyd Patterson, de Mount Vernon, Nova York; Meios-Pesados — Archie Moore, de San Diego, Califórnia; Médios — Ray «Sugar» Robinson, de Nova York; Meios-Médios — Don Jordan, de Los Angeles; Leves — Joe Brown, de Nova Orleans; Meios-Leves — Hogan «Kid» Bassey, da Nigéria; Levíssimos — Alphonso Halimi, da França; Mínimos — Pascual Perez, da Argentina. — (A. N. I.).

AUTOMÓVEIS

novos e usados Auto-Boavista, Lda. R. da Boavista, 81-B. Telef. 666124 Consulte os nossos serviços.

MARCADORES

AGUAS

umentou a vantagem

Fizeram-se 21 golos, sendo 5 dos visitantes, na jornada de ontem.

Apenas houve três jogadores que lograram obter mais de um tento — Cavém (Bfc.), Azevedo (Torres) e Mateus (Set.), com dois, cada um.

Na classificação dos melhores, Aguas conseguiu obter mais um golo e ficou com um total de 17.

Os que o perseguem mais de perto, são os seguintes:

Edmur (Guim.)...	13
Yauca (Bel.)...	13
Fernandes (Set.)...	12
F. Mendonça (Set.)...	11
Teixeira (F. C. P.)...	11
Cavém (Benf.)...	10
Hernani (F. C. P.)...	9

Com oito golos — Mendes (Benf.), C. Duarte (F. C. P.), Hugo (Spt.) e Ernesto (Guim.).

A surpresa do dia registou-se em Oviedo

MADRID, 5. — Resultados dos jogos da 16.ª jornada do Campeonato de Espanha:

Real Madrid-Las Palmas, 10-1; Atlético de Bilbao-Celta, 9-0; Granada-Betis, 0-0; Valência-Barcelona, 1-2; Oviedo-Atlético de Madrid, 2-1; Espanhol-Gijón, 2-0; Real Sociedad-Saragoça, 1-0; e Sevilha-Osasuna, 1-0.

Classificação actual: Barcelona e Real Madrid, 26 pontos; Atlético de Bilbao, 22; Atlético de Madrid e Betis, 19; Valência, 17; Real Sociedad e Espanhol, 16; Saragoça e Granada, 14; Osasuna e Sevilha, 13; Oviedo, 12; Las Palmas, 11; Gijón, 10 e Celta, 8.

A grande surpresa foi a vitória do Oviedo sobre o Atlético de Madrid, concorrente á Taça dos Campeões Europeus.

A abundante margem com que o Real Madrid derrotou o Las Palmas ainda não foi suficiente para o colocar a par do Barcelona, apesar de ambos terem 26 pontos. Entre os dois «leaders» existem ainda alguns golos de diferença. Todos os encontros foram disputados em bons terrenos e com tempo limpo. Em Oviedo, jogo duro, com os vi-

sitantes a evidenciar superioridade técnica.

O Barcelona realizou, frente ao Valência, futebol de grande classe. Apoiando-se em ataques cerrados, os Catalães eram, no entanto, repellidos pela dura defesa do Valência.

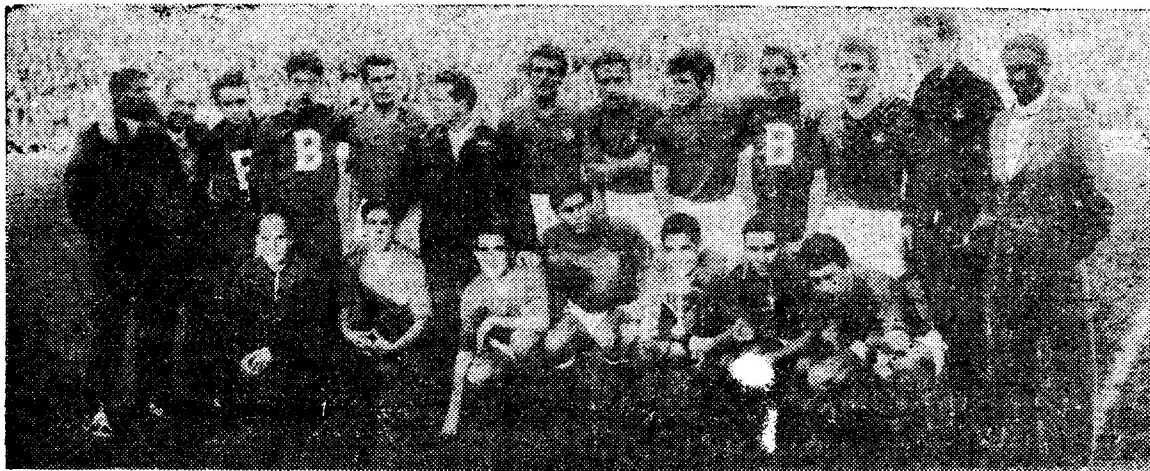
No Estádio de Santiago de Bernabéu, o Real Madrid não teve qualquer dificuldade em vencer o Las Palmas, com golos conseguidos por Di Stefano e Puskas (3 cada um), Kopa, Berrera e Joseito (2).

Com o marcador, ao intervalo, em 5-0, o Atlético de Bilbao derrotou, facilmente, o Celta de Vigo.

No unico jogo sem golos, o Granada limitou-se a desfazer todas as tentativas de ataque do Betis. O guarda-redes português, Carlos Gomes, esteve em constante actividade.

A Real Sociedad, de San Sebastián, realizou um bom jogo, falhando apenas quando se lhe deparavam oportunidades de golo.

Finalmente, o Sevilha derrotou o Osasuna, apenas por 1-0, se bem que os críticos afirmem que o jogo dos visitantes foi superior. — (A. N. I.).



A vitória do Belenenses na taça «Dr. Oliveira Duarte»

Teve o seu epílogo, na tarde do último sábado, no relvado da Tapadinha a disputa da taça «Dr. Oliveira Duarte», instituída pela Associação de Futebol de Lisboa, e destinada a premiar a equipa que jornada após jornada, se mostrasse mais apta para a conquistar.

Na primeira fase foram as dez equipas divididas em dois grupos, terminando o despiques com as equipas A e B do Benfica, no primeiro posto de cada série.

O regulamento, no entanto, previa que se atingissem o final, colocados em primeiro lugar, as duas equipas dos «encarnados», uma delas cedesse o seu lugar, a que tivesse menor número de pontos. Foi, portanto, afastada a equipa B em benefício do Belenenses que disputou a final, vencendo, por 2-1, contra a equipa A. do Benfica.

HÓQUEI EM PATINS

Benfica-Oeiras e Paço de Arcos-Sintra esta noite no Pavilhão

Começa esta noite, a fase decisiva do campeonato nacional de hóquei em patins, de 1958. Estamos já, efectivamente, em 1959, mas o calendário internacional da modalidade dos últimos anos, tem obrigado a comissão administrativa a retardar o início da «poule» final da competição máxima.

Estará certo? Supomos que não. Vamos mais longe — há necessidade de rever o calendário das provas nacionais e internacionais para que não passe a ser tradicional o atraso do campeonato máximo. Note-se: a prova de 1957, relativamente á de 1957, ganhou um avanço de trinta dias... A de 1957 começou a 5 de Fevereiro de 1958; a de 1958 começará hoje (5 de Janeiro de 1959!).

Adiante, porém. A índole deste apontamento é diferente. Tem por objectivo apenas registar algumas notas sobre o torneio de agora.

No campeonato de 1957, os representantes do Norte foram: Infante de Sagres, Académico do Porto, como primeiro e segundo classificados; e Estrela Vigorosa e F. C. Porto, apurados na fase por eliminatórias. No Sul foram: Sintra e Benfica, como primeiro e segundo classificados; e Cascais e P. Arcos, apurados na fase por eliminatórias.

Na competição de 1958, cuja fase derradeira hoje se inicia, temos: Zona Norte — Infante Sagres e Estrela Vigorosa, como primeiro e segundo classificados do regional; Académico do Porto e Famalicense, apurados. Zona Sul — Paço de Arcos e Sintra, primeiro e segundo classificados; Benfica e Oeiras, como apurados.

Portanto, temos como novos «personagens»... Famalicense, em substituição do F. C. Porto; na Zona Sul, Oeiras entrou para o lugar do Cascais.

Esta noite, disputam-se os desafios da primeira jornada. No Porto, no Pavilhão dos Desportos, Estrela e Vigorosa-Académico do Porto; Infante de Sagres-Famalicense. Em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, Benfica-Oeiras e Paço de Arcos-Sintra. Os primeiros desafios começam ás 21 e 0.

Os «azuis», reportando-nos ás classificações dos dois clubes intervenientes na finalíssima, apresentavam-se em posição desfavorável, pois que enquanto o seu antagónico, ao longo da prova, havia, apenas, cedido um empate frente ao Sporting, os «azuis» sofreram uma derrota frente ao Atlético e cederam dois empates, contra o Benfica B. A mesma desvantagem se verificou no número de tentos

A reserva do Belenenses, com os seus suplentes e o treinador Fernando Vaz, momentos depois de ter batido o Benfica (2-1) na final da taça «Dr. Oliveira Duarte» disputada na Tapadinha. Os «azuis» totalizaram 6 vitórias, 2 empates e uma derrota

marcados e sofridos (Benfica, 28-4; Belenenses, 25-5)

Mas, sucede muitas vezes, e uma vez mais ficou comprovado que clubes considerados de antemão como mais frágeis, se agigantam acabando por triunfar merecidamente. Foi o que aconteceu no último sábado no jogo entre as equipas do Belenenses e do Benfica A.

O sarau do Lisboa Ginásio realiza-se no dia 14

Está definitivamente marcado para o próximo dia 14, uma quarta-feira, no Coliseu dos Recreios, gentilmente cedido pelo respectivo empresário, o sarau anual do Lisboa Ginásio, que constitui, normalmente uma das mais expressivas festas da ginástica portuguesa.

Este ano, o festival, integrado nas comemorações do 40.º aniversário da prestigiosa colectividade, terá, além da demonstração geral do alto nível atingido pelos diversos agrupamentos e especialistas, o atractivo da apresentação, pela primeira vez na Metrópole, de uma numerosa equipa de Lourenço Marques, que já há alguns dias se encontra em Lisboa.

A delegação moçambicana exhibir-se-á também em Angola

Por iniciativa do antigo ginasta metropolitano Teodoro Nunes, que vive actualmente em Luanda, a delegação do Ginásio de Lourenço Marques, que veio á Metrópole para actuar no sarau do Lisboa Ginásio, deve exhibir-se na capital angolana onde fará escala o avião que a transportará de regresso a Moçambique, no próximo dia 19 do corrente mês.

E' oportuno informar que também em Angola começa a distinguir-se largo interesse pela ginástica desportiva, tendo o referido

A reunião preparatória para a elaboração do calendário de pista efectua-se hoje

Os componentes do Conselho Técnico da Federação Portuguesa da Atletismo reuniram-se, esta noite, na sede daquele organismo, a fim de estudarem a composição do Calendário de Pista para a época que decorre. Como se sabe, a temporada de pista deve iniciar-se em Março e findar no mês de Outubro. Neste Calendário de Pista estarão já incluídas as provas de qualificação de atletas para os campeonatos regionais e nacionais de juniores e seniores, nova disposição introduzida nos Regulamentos da modalidade. Nas reuniões seguintes, estudar-se-ão também a colaboração com o Conselho Técnico da Associação Regional de Lisboa e do Porto, e a escolha de datas para as referidas competições. Por fim, há que elaborar os regulamentos dos torneios especiais (abertura Primavera e equipas) que vão ser incluídos no projecto do Calendário das provas de pista.

antigo atleta montado um centro com moderno material adquirido na Suíça.

Joaquim Blume convidado a participar no Campeonato das Caraíbas

O famoso campeão europeu de ginástica, Joaquim Blume, verdadeiro «globetrotter» da ginástica, continua a ser muito solicitado em todo o Mundo. Depois de há pouco se ter exibido em várias cidades francesas e espanholas, aceitou um convite para participar no campeonato das Caraíbas, que vai realizar-se brevemente em Caracas.

A 2.ª Sessão de Divulgação do Lisboa Ginásio

Efectua-se ainda este mês a 2.ª sessão de propaganda da ginástica, englobada nas comemorações do 40.º aniversário do Lisboa Ginásio, na qual o sr. professor Henrique Reis Pinto fará uma comunicação de carácter técnico, baseada na concepção inglesa da ginástica infantil, a qual será acompanhada por demonstrações práticas e exhibições de filmes alusivos ao tema.

Em face da natureza do assunto e da reconhecida categoria do prof. Reis Pinto, é de prever para a próxima sessão êxito idêntico ao alcançado pelo prof. Paula Brito na conferência que inaugurou o interessante ciclo.

Chackline voltou a vencer

O campeão russo Boris Chackline foi o primeiro classificado num torneio em que participaram, em Budapeste, as equipas da Hungria e da Ucrânia. O vencedor fez 58,60 pontos, contra 58,20 do 2.º, o não menos conhecido Titov. Em Bucareste a Roménia venceu a Rússia, numa competição feminina. Elena Leustea foi a primeira, com 39,10 pontos.



A equipa do Benfica vencedora do campeonato regional de principiantes

REGIONAL DE HANDEBOL

O Sporting isolado à frente da tabela

Houve luta renhida no Pragal, nesta primeira jornada da 2.ª volta do campeonato regional de handebol de onze, luta resolvida a favor do Sporting o «leader», no confronto com o Almada o sub-«leader» e que pode muito bem ter decidido a questão do título, se não é que a decidiu realmente. Depois de uma primeira parte bastante equilibrada que terminou numa igualdade (4-4) deixando na dúvida, pelo jogo desenvolvido por ambas as equipas qual viria a ser o vencedor, os «leões», cujo mérito ficou bem exposto nesta vitória alcançada no campo do adversário num jogo que apresentou todas as características de decisivo, impuseram a sua técnica em condições tão prevalentes que o adversário teve de ceder, embora a diferença no marcador, quando foi assinalado o final fosse apenas de dois golos (9-7). O publico local culpou a arbitragem da derrota do seu clube.

Esta vitória deixa o Sporting isolado à frente e como na primei-

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	8	7	—	1	88-53	22
Almada	8	6	—	2	82-52	20
Benfica	8	5	1	2	52-47	19
Oriental	8	5	—	3	39-39	18
Belenenses	8	4	—	4	47-40	16
Glória	8	3	—	5	35-52	14
Alverca	8	1	1	6	36-57	11
Liberdade	8	—	—	8	34-73	8

A jornada inaugural do regional de juniores proporcionou ao Benfica o melhor resultado do dia, com um triunfo expressivo sobre o Oriental (11-2), a revelar por parte dos «encarnados», excelente pontaria nos remates, em contraste com o que se verificou nos outros encontros. Nestes, embora os resultados expressassem a superioridade dos vencedores, a verdade é que a marcação esteve longe de atingir aquele nível: 4-1, do Almada sobre o Belenenses e 5-1, do Sporting na luta que travou com o Cova da Piedade. Ressalta daqui a quase nula eficácia dos dianteiros das equipas dos vencidos.



A luta renhida e emocionante travada no Pragal entre o Almada e o Sporting ficou bem expressa nesta imagem em que os «leões» correm á defesa para evitar um ataque perigoso dos Almadenses

ra volta também ganhou ao Almada, só muito dificilmente, por acção de qualquer dos adversários que lhe resta, poderá perder posição tão privilegiada. Está assim lançado para a conquista de mais um título.

O Almada continua em segundo lugar e tem agora o Benfica na sua esteira, apenas com um ponto a menos. Os «encarnados» defrontaram o Liberdade, no campo do adversário e as coisas, na segunda parte, não lhe correram muito de feição, porquanto ambos se igualaram na marcação de golos (6), depois de, ao intervalo, os Lisboetas estarem a ganhar por 7-3. O Liberdade continua na cauda, só com derrotas.

O Oriental, que defrontou o Glória, no campo de treinos do Estádio Nacional, não desenvolveu jogo de grande mérito, assim como o adversário, ficando-se o resultado em 6-4, a favor dos orientalistas.

O Glória desceu um furo na tabela, de que beneficiou o Belenenses, por ter ganho ao Alverca, com toda a facilidade, por 12-5, no Restelo.

A luta para o segundo lugar apresenta-se com muito interesse e os três candidatos mais qualificados, Almada, Benfica e Oriental terão, provavelmente de contar com as possibilidades dos «azuis».

A classificação ficou assim ordenada:

A vitória do Benfica no corta-mato

(Continuação da 1.ª página)

O corredor que mais se salientou foi, sem dúvida, Manuel Lopes, do Benfica, o vencedor absoluto, com um tempo excelente — 15 m. 25,8 s. para a légua — e que merece uma citação especial para as suas reais qualidades. O benfiquista a partir dos 3 kms. apareceu no comando da corrida e nunca mais o largou, apesar de dois companheiros de equipa — Carlos Espanhol e José Alves — o inquietarem. Nesta luta para os três primeiros postos da vanguarda surgiu já no final, o sportinguista Carlos Alves, mas a sua pouca velocidade traíu-o e não pôde nos derradeiros minutos responder ás iniciativas dos benfiquistas.

O êxito de Manuel Lopes, não esteve em dúvida, pois o vencedor revelou sempre facilidade, alcançando, assim, a meta com energias ainda mais do que suficientes para discutir o primeiro lugar.

Além da luta verificada nos homens do «comando», houve também outra em menor escala nos homens da retaguarda a proporcionar vários apontamentos e a fixar nomes para futuros cometimentos. Não pode passar, desta forma, despercebida a actuação de José Pires, António Feliciano, José Silva, Gastão Currito, Jasmin Soares, Diamantino Jesus, do Sporting; Joaquim Santos, Manuel Gomes, Ludgero Campina e José Nascimento, do Benfica.

Os tempos alcançados pelos cinco primeiros, todos inferiores a 16 minutos, indicam-nos que a competição foi disputada em ritmo duríssimo, pois há que atender aos obstáculos naturais do terreno e ainda aqueles que foram colocados pelos dirigentes.

Este torneio regional veio assim confirmar o poder dos «encarnados» em provas de corta-mato e as qualidades da nova camada de atletas que vão engrossar as fileiras e os quadros das categorias superiores.

JOSÉ BATALHA